

MARCOS PAULO SHIOZAKI

**MICHAEL BALINT E A PSICANÁLISE:
novos começos**

ASSIS

2016

MARCOS PAULO SHIOZAKI

**MICHAEL BALINT E A PSICANÁLISE:
novos começos**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em
Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Hashimoto

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S556m Shiozaki, Marcos Paulo
Michael Balint e a psicanálise: novos começos / Marcos
Paulo Shiozaki. Assis, 2016.
170 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Francisco Hashimoto

1. Balint, Michael, 1896-1970. 2. Psicanálise. 3. Teoria
psicanalítica. I. Título.

CDD 616.8917

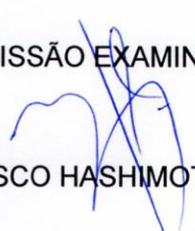
MARCOS PAULO SHIOZAKI

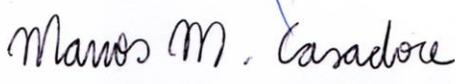
MICHAEL BALINT E A PSICANÁLISE: novos começos

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis
para obtenção do título de Doutor em
PSICOLOGIA. (Área de
Conhecimento: PSICOLOGIA E
SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 30/09/2016

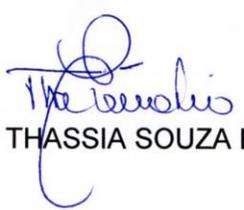
COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. FRANCISCO HASHIMOTO - UNESP/ASSIS



MEMBROS: PROF. DR. MARCOS MARIANI CASADORE - FIO/OURINHOS


PROF. DR. LEANDRO ANSELMO TODESQUE TAVARES - FIO/OURINHOS


PROFA. DRA. THASSIA SOUZA EMÍDIO - UNESP/ASSIS


PROFA. DRA. MARY YOKO OKAMOTO - UNESP/ASSIS

Dedico esse trabalho à minha
esposa, Ana, e ao meu filho, Felipe.

AGRADECIMENTOS

Particularmente, o findar dessa tese me proporcionou uma ambivalência muito grande, afinal, de certa maneira, o término marca formalmente (não informalmente) uma separação de Assis. Dessa forma, me sinto feliz por concluir esse trabalho e retornar para perto de minha família, mas sofro por me afastar (fisicamente) de um lugar que foi muito importante na minha vida. Assim, gostaria de agradecer a todos que me acolheram e, conseqüentemente, foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço primeiramente ao Francisco Hashimoto – Chico – por todo o apoio desde o primeiro dia que pisei nessa terra desconhecida. Com você consegui compreender diversos valores que vão muito além da academia e que com toda certeza levarei para o resto de minha vida. Ainda estou no início da minha prática de docente e de pesquisador, mas sempre me espelharei nos seus ensinamentos. Muito obrigado!

Agradeço imensamente a banca de qualificação que tanto me auxiliou. Marcos (Marquinhos) e Leandro, muito obrigado por todos os apontamentos que foram essenciais para esse momento da defesa. Muito obrigado também pela amizade sincera e por acompanhar essa minha trajetória acadêmica.

Queria agradecer também a todos os amigos (além dos supramencionados) de Assis que, de certo modo, com suas imensuráveis amizades, contribuíram com essa tese: Fábio, Matheus, Thássia, Rafinha, Nobuko (in memoriam), Walter, Justo, Marielle, Zanella, Dani, Lucas, Guilherme, Matheus Viana, Fernando, Manu, Tiago, Abraão e Marcelo Naputano.

Aos funcionários da UNESP, em especial ao Auro, ao Marcos, ao João e ao Ricardo.

À Lucineia, por “me fazer amadurecer e fazer amadurecer” esse trabalho.

Também gostaria de agradecer ao pessoal paranaense, que me acolheu nessa minha “velha nova casa”:

Aos meus pais, Afonso e Eliza, por todo o suporte e amor que foram fundamentais para a realização desse meu sonho. Cada ligação e cada visita me fortalecia e me dava tranquilidade para escrever. Muito obrigado por, simplesmente, tudo.

Aos meus irmãos, Akio e Mari pela compreensão de minhas ausências em momentos importantes de nossas vidas. Obrigado por todas as conversas, confianças e descontrações que marcam nosso amor fraterno.

Aos meus sogros e cunhados, Elmerindo, Audila, Li, Marcos, Rafa, Tay, Marcelo, Andrey e Elô. Obrigado por todo o suporte, respeito e compreensão (inclusive das nossas rápidas visitas).

À toda minha família.

Aos meus amigos Vitor, Tati, Vini, Camila, Paulo, Renata, Bruno, Iza, Antônio, Fer, Jairo, Vitor, Ivy, Diego, Kazuo, Vitinho, entre outros, que me acompanharam nesse processo e compreenderam a minha ausência em diversos momentos.

Queria agradecer aos meus queridos amigos docentes da FIO, em especial, à minha amiga e antiga coordenadora de curso, Paula Fiochi e ao diretor, Bianor, por toda a oportunidade de crescimento e de minha formação como docente e como pessoa. É claro que eu não poderia me esquecer dos meus antigos alunos dessa faculdade que tanto me ensinaram. Sinto muitas saudades de todos!

Aos meus “novos” amigos do meu “novo” local de trabalho e aos meus “novos” alunos. Obrigado pelas “novas” experiências fantásticas.

Aos amigos do LIST (Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho) e do grupo Figuras e Modos de Subjetivação por me proporcionar reflexões únicas.

Aos professores, Helio Honda, Sonia Shima, Abib, Tomanik, Cristina Amélia, Elisabeth Piemonte pelos ensinamentos e, em especial, ao Luiz Eduardo Prado de Oliveira, por me disponibilizar alguns materiais riquíssimos para a compreensão de Balint.

E, por fim, à pessoa que me acompanhou em todos esses momentos e compartilhou comigo diversas experiências que foram fundamentais no meu crescimento. Não posso agradecer somente seu apoio, carinho, compreensão e auxílio irrestritos que foram essenciais para essa tese e para minha vida. Agradeço por você ser essa pessoa maravilhosa, e por me fazer uma pessoa feliz! Te amo, Ana!

Contudo, será preciso ir mais longe, para que a psicanálise não se torne um corpo morto. É preciso que se restaure com urgência, o debate entre aqueles que querem debater.

Jean Laplanche

SHIOZAKI, Marcos Paulo. **Michael Balint e a Psicanálise: novos começos**. 2016. 170 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Em uma Hungria marcada por um contexto de conflitos, Michael Balint nasceu no mesmo ano do batismo da Psicanálise, e quando jovem, se voltou aos estudos freudianos. Com um espírito crítico e experimental, encontrou grande ressonância nos pensamentos de Sándor Ferenczi e foi considerado como um continuador de sua obra. A importância dos estudos de Balint justifica-se por sua originalidade e espontaneidade clínica frente aos novos modelos de caráter de diversos pacientes que ele atendeu e, conseqüentemente, a partir de sua técnica bastante sensitiva, em que conseguiu realizar novos constructos teóricos com observações acuradas em seus atendimentos. Entretanto, esse autor não é muito conhecido nos meios acadêmicos brasileiros ou quando reconhecido, é geralmente reduzido por suas ideias desenvolvidas com técnicas psicoterapêuticas grupais em Medicina, classificadas e acopladas dentro de um sistema chamado Grupos Balint. Acredita-se que um dos fatores que levam ao desencadeamento disso, se dá pela escassez de suas obras psicanalíticas traduzidas para o português e, outro fator, igualmente importante, é devido ao período que durou o ostracismo de seu mestre, Ferenczi, que atualmente está sendo cada vez mais explorado. Então, o objetivo desse estudo reside em analisar a diversidade das obras de Balint, levando em consideração os diversos aspectos técnicos, teóricos e epistemológicos, que ajudarão a fundamentar a complexidade da construção dos pensamentos desse autor, tão necessários para pensarmos a dinâmica psicanalítica e, conseqüentemente, a clínica atual. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica analisando seus artigos e também os pensamentos de comentadores para a compreensão de alguns detalhes no campo histórico e bibliográfico, para que fosse entendido também o contexto das suas publicações. Diante disso, é necessário destacar a relevância de seus conceitos construídos a partir de observações técnicas e teóricas, que certamente, podem vir a contribuir não somente para a clínica psicanalítica atual, mas para a Psicanálise, como um todo.

Palavras-chave: Psicanálise. Balint, Michael, 1896-1970. teoria psicanalítica.

SHIOZAKI, Marcos Paulo. **Michael Balint and the Psychoanalysis: new beginnings**. 2016. 170 p. Thesis (Doctorate's degree in Psychology) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2016.

ABSTRACT

In a conflict-ridden Hungary, Michael Balint was born in the same year of the baptism of Psychoanalysis, and as a young man he turned to Freudian studies. With a critical and experimental spirit, he found a great resonance in the thoughts of Sándor Ferenczi and was considered as a continuator of his work. The importance of the studies of Balint is justified by his originality and clinical spontaneity in face of the new character models of several patients that he attended and, consequently, from his very sensitive technique, in which he was able to make new theoretical constructs with accurate observations from his treatments. Nevertheless, Balint has not gained recognition in Brazilian academic literature; or, even when recognized, his ideas are generally reduced to those he developed about psychotherapeutic group techniques in Medicine, which were classified and joined within a system called Balint groups. It is believed that one of the factors that led to the onset of this is due to the scarcity of his psychoanalytic works translated into Portuguese, and another equally important factor is due to the period of ostracism of his master, Ferenczi, who is currently being increasingly exploited. The purpose of this study is to analyze the diversity of Balint's works, taking into account the various technical, theoretical and epistemological aspects that will help to explain the complexity of the construction of the author's thoughts, which are so necessary to think about psychoanalytic dynamics and, consequently, the current clinic. To this end, a bibliographic research was carried out analyzing its articles and also the thoughts of commentators for the understanding of some details in the historical and bibliographic field, so that the context of its publications was also understood. Therefore, it is necessary to emphasize the relevance of its concepts constructed from technical and theoretical observations, which certainly can contribute not only to the current psychoanalytic clinic but also to Psychoanalysis in its totality.

Key-words: Psychoanalysis. Balint, Michael, 1896-1970. Psychoanalytical theory.

SHIOZAKI, Marcos Paulo. **Michael Balint et la Psychanalyse: de nouveaux débuts**. 2016. 170 f. Thèse (Doctorat en Psychologie). - Faculté des Sciences et des Lettres, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

RÉSUMÉ

Dans une Hongrie marquée par un contexte de conflits, Michael Balint est né dans la même année de baptême de la Psychanalyse, et pendant sa jeunesse il s'est penché sur les études freudiennes. Avec un esprit critique et expérimental, il a trouvé une grande résonance dans les pensées de Sándor Ferenczi et a été considéré comme l'un des continuateurs de son œuvre. L'importance des études de Balint s'avère par son originalité et spontanéité clinique face aux nouveaux modèles de caractère de plusieurs patients qu'il a assistés et, en conséquence, à partir de sa technique assez sensitive il a réussi de nouveaux concepts théoriques avec des observations précises pendant ses soins. Cependant, cet auteur n'est pas très connu dans le milieu scientifique brésilien ou lorsqu'il se fait reconnaître, il est généralement réduit par ses idées développées avec des techniques psychothérapeutiques de groupe en médecine, classées et accouplées dans un système appelé Groupes Balint. On croit que l'un des facteurs qui mènent au déclenchement de cela, c'est en raison de l'insuffisance de traductions de ses œuvres psychanalytiques vers le portugais et un autre facteur, non moins important, est dû à l'ostracisme de son maître, Ferenczi, lequel est actuellement de plus en plus exploré. Ainsi, le but de cette étude est d'analyser les œuvres majeures de Balint, en tenant compte des divers aspects techniques, théoriques et épistémologiques, qui aideront à soutenir la complexité de la construction de la pensée de cet auteur, si nécessaire à la dynamique psychanalytique et, par conséquent, à la clinique actuelle. Pour ce faire, une recherche littérature a été menée à fin d'analyser ses écrits et aussi les réflexions de quelques commentateurs visant la compréhension de quelques détails sur le domaine de l'histoire et de la littérature, dans le but de comprendre le cadre de ses publications. Par conséquent, il est nécessaire de mettre en évidence la pertinence de ses concepts construits à partir de quelques observations techniques et théoriques, qui pourront contribuer, certes, non seulement à la pratique psychanalytique actuelle, mais aussi à la Psychanalyse dans son ensemble.

Mots-clés: Psychanalyse. Balint, Michael, 1896-1970. théorie psychanalytique.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
1. A Psicanálise e a busca de espaço na Hungria: as primeiras influências de Balint.....	20
As primeiras publicações de Balint	29
2. O início do pensamento balintiano, a herança biológica e o novo começo.....	34
O novo começo e a particularidade da técnica em pacientes difíceis.....	41
3. Um novo começo: a autonomia de Balint	46
O difícil início de década e a abertura da Policlínica	46
O movimento de autonomia de Balint.....	53
4. O amor entre perdas: a produção de Balint do final dá década de 1930.....	63
Confrontos e novas produções: passividade e amor objetal primário	63
Espírito húngaro de Balint.....	73
Mudanças e rupturas.....	81
5. A Transitoriedade: 1940-1947.....	85
Uma breve apresentação da Sociedade Britânica de Psicanálise e do nascimento da Clínica Tavistock	85
Uma difícil trajetória	87
6. Mais um novo começo: 1948-1956.....	99
Uma técnica adaptativa e provocativa.....	102
Tavistock, Balint e Enid: a imersão no campo social e o desenvolvimento do trabalho em grupo.....	113
7. Uma consolidação teórica psicanalítica balintiana: 1957 – 1970.....	131
Thrills e regressões para além de Freud	134
A falha básica: um novo começo metapsicológico	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162

APRESENTAÇÃO

Pra lá e acolá, pra frente e adiante, subindo e descendo
outro tanto, pra lá do Tisza e além do Danúbio, “bem pra lá
do cafundó, onde fuça o porquinho rabicó” (...)

Elek Benedek

(Esse é um início comum das apresentações que
antecedem os contos e as histórias dos húngaros)

O interesse pela obra de Michael Maurice Balint¹ (1896-1970), surgiu em nossa dissertação de mestrado², em que abordamos sobre a questão do sentimento de vazio, tão comum nos tempos atuais. Entre uma diversidade de sugestões, a obra *A Falha Básica* (1968) nos chamou atenção pela criatividade e pela visão crítica em relação à Psicanálise apresentada. A escolha por trabalharmos Balint na tese se deu no decorrer da leitura desse escrito, pois, justamente por apresentar capítulos deveras curtos e com uma inovação intensa, muitas lacunas sobre o processamento dos conceitos pairaram. A partir disso, buscamos outras obras e também comentadores que poderiam preencher essas lacunas durante a dissertação.

Entretanto, quanto mais nos adentrávamos nos diversos aspectos teórico-conceituais de Balint, mais víamos a necessidade de nos aprofundarmos, e outrossim, nosso foco na dissertação era diferente, pois apenas exigia que nós perpassássemos pela “nova” teoria. Apesar do fôlego, admitimos que analisar a obra de Balint exigiria um maior trabalho, que deveria ser realizado em outro momento.

Instigados por esse impulso epistemofílico, iniciamos esse “outro momento” com essa tese, e nos diversos materiais que nos deparamos, não foi difícil encontrarmos citações e também críticas em relação a Balint em obras clássicas como a de Jacques Lacan (1901-1981), de Melanie Klein (1882-1960), de Donald Woods Winnicott (1896-1971) etc. Além disso, cabe apontar alguns importantes comentadores que se dedicam à obra de Balint, como Paul Ornstein, Michelle Moreau-Ricaud, Harold Stewart, Andre Haynal etc.

No Brasil, também foi possível deparar com alguns capítulos de livros, teses e dissertações, artigos e citações como os de Jurandir Freire Costa, Joel Birman, Regina Herzog, Júlia Coutinho

¹ No húngaro, Mihály Maurice Bálint.

² SHIOZAKI, M. P. S. *O sentimento de vazio: reflexões psicanalíticas na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2012.

Costa Lima, entre outros. Nos últimos anos, damos destaque às publicações dos seguintes livros: *Balint em Sete Lições* (2012), de Luís Claudio Figueiredo e *Michael Balint: a originalidade de uma trajetória Psicanalítica* (2013), de Carlos Augusto Peixoto Junior.

No entanto, ainda não podemos considerar que existe uma vasta publicação sobre Balint no Brasil, pois ainda são escassos os resultados quando o procuramos em banco de dados como o *PePSIC* e o *SciELO*. Aliado a isso, notamos que grande parte dessa pequena produção se dedica aos estudos sobre os Grupos Balint, que foi uma modalidade que Balint criou e se utilizou para trabalhar com clínicos gerais, na Medicina. Ou seja, há ainda uma pequena produção sobre os aspectos teórico-metodológicos que concernem à Psicanálise de Balint.

Talvez, essa baixa formulação de trabalhos resida no fato de existir apenas um livro psicanalítico traduzido para o português, que é o *Falha Básica* (1968). Outros livros do autor que tratam da Psicanálise são *Problemas de prazer e de comportamento humano* (1956); *Amor primário e técnica psicanalítica* (1952) e; *Thrills e regressões* (1959)³. É válido apontar também que Balint possui outras obras (inclusive com tradução para o português), mas sem discursar diretamente sobre a Psicanálise. Nesses trabalhos, Balint realizou algumas reflexões sobre o grupo focal (influenciado pela Assistência Social) e também sobre os Grupos Balint.

Ao nos aventurarmos nesses diversos livros, nos deparamos com um autor surpreendente não apenas pela sua obra, mas sobretudo, pela sua liberdade de pensamento e, conseqüentemente, de técnica, que denota muita coragem para enfrentar sem hesitação uma teoria e uma clínica mais ortodoxa. Outro fato que nos chamou a atenção foram as diversas construções e reconstruções que ele teve que passar em sua vida, e que o levou a uma consolidação de pensamento e a constantes “novos começos”.

O conceito de “novo começo” é fundamental dentro da obra balintiana, mas queremos adotar, por enquanto, um discurso não psicanalítico a respeito desse termo. Mesmo para o senso comum, esse “novo começo” se apresenta de uma maneira mais ampla que um simples recomeço, visto que “recomeçar” representa um “começar de novo” e denota uma ideia de repetição. O “novo começo”, por outro lado, significaria um “recomeçar diferente”.

Pensado dessa maneira, nos remetemos a um exemplo freudiano de *A transitoriedade* (1916[1915]), em que um belo campo foi destruído pela guerra, e nunca mais voltou e nem voltaria

³ No original: *Problems of Human Pleasure and Behavior* (1956); *Primary Love and Psycho-Analytic Technique* (1952) e; *Thrills and regressions* (1959). Destacamos também que todas as traduções dessa tese, serão nossas.

a ser aquele belo campo. Entretanto, existia um potencial de reconstrução para se tornar um outro campo, até mais belo. Isso nos leva a uma reflexão acerca da questão da singularidade e da efemeridade dos momentos e das coisas.

A escolha por relacionar o “novo começo” ou os “novos começos” com Balint, parece ser bastante representativa. Ele nasceu na Hungria e acabou vivenciando de perto a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e as diversas transformações sociais e culturais em países diferentes. Em sua vida, teve que lidar com diversos “novos começos”, como sua participação (mesmo sendo contrário) na Primeira Guerra, sua mudança da Hungria para a Alemanha, seu retorno a Hungria, sua mudança para a Inglaterra, o falecimento de sua esposa, seu segundo e seu terceiro casamento etc. Em relação às suas implicações psicanalíticas, Balint foi muito aberto e se permitiu a ler e a experimentar diversas facetas clínicas e teóricas, saindo de uma clínica tradicional e de um biologismo, para um campo de experimentações e ideias que negavam aspectos teóricos tradicionais e abriam para um novo campo de experiências, ampliando a Psicanálise em clínicas médicas, em hospitais, em consultórios particulares etc. Essa capacidade de Balint é marcante e destacamos o “novo começo” quando ele se muda para Manchester e perde sua esposa, quando ele mora em Londres e conhece Enid, e quando ele é obrigado a largar Tavistock, situações essas que veremos ao longo da tese.

Com uma visão bem aberta e uma constante busca por autonomia, Balint não se limitou às teorias clássicas vigentes e, inspirado em Sándor Ferenczi (1873-1933), experimentou e se utilizou dos mais diversos conceitos, comprovando e refutando os diferentes termos e técnicas que estavam em voga, reconstruindo ou “recomeçando diferente” novas implicações clínicas. Outro detalhe interessante é que essa sua nova maneira de enxergar e executar suas ações na clínica parece ser necessária quando nos adequamos em nosso atual contexto. Será então que se voltar aos ensinamentos de Balint daria conta dessa nova demanda clínica que estamos vivenciando? Que tipo de contribuição esse autor, falecido em 1970, poderia nos ceder?

INTRODUÇÃO

1. Conseguir fazer tudo isto.
2. Conseguir terminar tudo isto.
3. Conseguir tudo isto e recomeçar

Felipe Nepomuceno

A demarcação e a validação sobre a diversidade científica não aparenta ser justa com saberes relacionados ao campo das humanidades. Portanto, aqueles conhecimentos - geralmente, pertencentes às áreas das ciências biológicas e exatas – embasados, majoritariamente, na verificação e na experimentação, ou seja, que se encaixam no iatrofísico ou no iatroquímico, ganharam facilmente um *status* científico. Consequentemente, conseguíamos observar, ao longe (devido à dificuldade de argumentação), autores do campo epistemológico, como Popper (1982), classificando a Psicanálise como uma pseudociência.

Isso não indica que a Psicanálise não é passível de verificação e experimentação, mas as críticas que ela sofreu residiam no fato da sua cientificidade depender dela mesma. Ou seja, parecia que o saber psicanalítico só poderia ser provado (ou refutado) pelo próprio saber psicanalítico.

Entretanto, devemos apontar que a Psicanálise criticada parecia ser aquela totalmente centrada e exclusivamente freudiana. Nos critérios popperianos, a Psicanálise não atenderia a todos os requisitos científicos e, assim, supomos que isso colaborou e ampliou os diversos debates e posicionamentos de encarar esse saber como filosófico, literário e até artístico.

Longe de desvendarmos os diversos desenvolvimentos epistemológicos, consideramos existir um reducionismo ao apontar que Psicanálise se resume à figura de Sigmund Freud (1856-1939), pois quando olhamos a história desse saber, constatamos que a Psicanálise foi construída a partir de diversas sínteses e discussões, ou seja, foi realizada em conjunto.

Ao considerarmos essa construção pluralizada, optamos por explorar a obra de Balint. A escolha por esse autor se deu por acreditarmos que ele lida de maneira autônoma, crítica e criativa, com os ensinamentos da Psicanálise. Percebemos também nele uma busca incessante de comprovar as diversidades de conceituações no campo da prática, se utilizando até de modelos iatrofísicos e iatroquímicos, procurando validação e refutação de diversos pensamentos.

Acreditamos que, quando se trata da Psicanálise, devemos nos embasar em uma metodologia que consiga abarcar e focar a diversidade que existe nas construções teóricas. Em nossa dissertação de mestrado (SHOZAKI, 2012), apontamos as variadas quantidades de alterações

que a teoria acaba (e continua) sofrendo até chegar em uma hipotética consolidação. O termo narcisismo, por exemplo, tal como foi cunhado por Freud (1914a), sofreu uma variedade de julgamentos e, principalmente, de reformulações (seria uma perversão, uma característica dos homossexuais ou uma etapa de nosso desenvolvimento?) ao longo do tempo. O mesmo se pode dizer de outros estudos como os da histeria, dos instintos, da teoria da sedução etc. Esse movimento de pensamento, especificamente da Psicanálise, de acordo com Monzani (1989), se apresenta de maneira pendular e espiralado. Isso se torna verificável, pois, vários conceitos de Freud parecem, primeiramente, afirmar algo para posteriormente negá-lo (vide o exemplo do narcisismo). Certamente, esse movimento de vai-e-vem de conceitos introduzidos, “esquecidos” e resgatados, caracterizaria o movimento pendular. Mas, ao mesmo tempo, o conceito vai se transformando, pois, quando resgatado, não estaria na mesma condição de quando foi “esquecido” e isso acabaria por desembocar em “constantes novas definições”, caracterizando o movimento espiralado. Enfim, esse movimento pendular e espiralado representaria o movimento de pensamento psicanalítico.

Dessa maneira, optamos pela metodologia apresentada por Hornstein (1989), para estudarmos a obra de Balint. Esse autor apontou a existência de dois modelos metodológicos, sendo que o primeiro é duramente criticado. Esse primeiro modelo levaria em conta uma possibilidade de analisar a teoria psicanalítica por um padrão hipotético-dedutivo, pois apresentaria a teoria de maneira coerente, linear e acabado. Porém, como já demonstrado pelo próprio Monzani (1989), os estudos psicanalíticos não são lineares e muito menos, acabados. Então, consideraremos nessa tese, o segundo modelo de Hornstein, intitulado histórico-crítico.

O modelo histórico-crítico, em contraposição ao modelo hipotético-dedutivo, tenta apresentar as nuances que as teorias em desenvolvimento sofrem e continuam sofrendo, ao longo de sua construção. Com a Psicanálise ocorre exatamente isso, pois ela se apresenta de maneira assimétrica. No modelo histórico-crítico *“tenta-se reconstruir o momento de gênese de cada conceito e seu posterior processamento intrateórico (...)*. Assim, quando estudamos um texto, a primeira coisa que devemos fazer é contextualizá-lo, situá-lo em um momento teórico e em um campo problemático”. (HORNSTEIN, 1989 p. 25, grifos do autor).

Esse modelo parece se ajustar bem aos nossos pensamentos, pois consistem em analisar a construção dos principais conceitos psicanalíticos de Balint, considerando principalmente o contexto da Hungria, da Inglaterra e da Escola de Budapeste. Ademais, é necessário apontar alguns

preceitos desse modelo, para, posteriormente, relacioná-los junto às construções teóricas desse autor.

Os preceitos de Hornstein (1989) defendem a ideia de que uma teoria necessita, constantemente, de confrontação para se validar. Dessa maneira, temos que, “através da aplicação técnica que surgem novos materiais que permitem retificar, reelaborar e ampliar o campo teórico”. (p. 23). Ou seja, uma teoria necessitaria de aplicação metodológica e técnica para se construir.

Esses preceitos se harmonizam com o estilo de Balint que, assim como outros autores clássicos psicanalíticos, buscava uma comprovação prática dos conceitos metapsicológicos. Entretanto, nos questionamos a razão desse autor não ser tão reconhecido quanto os outros. Um relevante ponto trabalhado por Balint, residiu justamente em suas experiências⁴ visto que ele trabalhou com alguns pacientes considerados “difíceis⁵”, pacientes esses em que um tratamento baseado nas neuroses - quer dizer, no tratamento clássico freudiano – parecia não dar conta. Dessa maneira, podemos destacar que as ideias advieram de algumas inquietações percebidas na clínica, em que as técnicas e interpretações pareciam limitar-se frente a um modelo diferente de paciente, em que não era possível identificar conflitos e, conseqüentemente, o aparecimento de uma suposta apatia era constante. Além disso, a teoria e a prática adotadas por Balint exigiram que o analista criasse uma atmosfera adequada ao paciente, amoldando cada caso de acordo com a necessidade, por muitas vezes tendo que abandonar aquele *setting* clínico clássico. Então, podemos perceber a originalidade de Balint ao se dedicar a novos olhares para algumas facetas técnicas e, por conseguinte, repensar alguns aspectos teóricos.

Diante disso tudo, nos questionamos como o estudo desse autor que desenvolveu suas técnicas e teorias sobre a clínica, entre as décadas de 1920 e de 1970, poderia continuar original para pensarmos a clínica hoje.

Para conseguirmos responder a isso, iremos explorar e nos guiar, principalmente, através de alguns textos de Balint relacionando com leituras sobre o seu contexto, seja na Hungria, na Alemanha, na Inglaterra ou nos Estados Unidos, considerando que tudo isso foi necessário para a construção dessas facetas teóricas-metodológicas balintianas. Feito isso, acreditamos ser possível

⁴ Experiência, não no sentido dado pelo empirismo. Por essa corrente, de acordo com Abbagnano (2007), a experiência se basearia na realidade, em situações repetíveis, com certa uniformidade. Pelo fato de considerarmos que a Psicanálise possui um caráter autóctone, destacamos que muitos resultados e conceitos explorados não tiveram a repetitividade como fator crucial.

⁵ Haverá, nas considerações finais, uma explicação sobre esse modelo de paciente.

conseguirmos uma confluência entre o que foi questionado no parágrafo anterior e a metodologia orientada pelo modelo histórico-crítico.

De maneira geral, os capítulos se estruturarão de modo a apresentar o contexto que rodeava e influenciava Michael Balint, além dos aspectos de sua vida que tiveram um impacto direto em sua obra. Feito isso, daremos ênfase às publicações do húngaro de acordo com cada época respectiva. Assim, nosso objetivo é analisar a construção do pensamento de Balint, verificando os diversos aspectos teóricos, históricos e técnicos desde as suas bases até a sua consolidação, que contribuem para uma reflexão da clínica atual. Para isso, podemos afirmar também que nos utilizaremos não somente dos escritos psicanalíticos do autor, porque acreditamos que é preciso perpassar por obras que não são exclusivamente psicanalíticas, pois de certa maneira, elas acabam trazendo relevantes aspectos que influenciarão a vida do húngaro. Diante desse objetivo, é necessário mencionar que os nossos objetivos específicos condizem com a construção de cada capítulo, que será apresentado abaixo.

Assim, no primeiro capítulo, discorreremos sobre alguns acontecimentos da vida de Balint, visando explicar o início de sua trajetória pelos meios psicanalíticos. Vale apontar que, para isso, nos utilizaremos de alguns estudos sobre a Hungria, pois estudar esse contexto, aliado ao movimento que os psicanalistas estavam realizando nesse período, se mostra essencial para uma compreensão dos desenvolvimentos (tanto intelectuais, quanto biográficos) posteriores de Balint.

No segundo capítulo, iremos abordar sobre a influência que o campo da Biologia exerceu sobre os pensamentos de Balint e, especialmente, para a formação de um conceito balintiano importante, denominado “novo começo”. Além disso, será mostrado que ainda havia uma certa dependência da teoria de Balint, principalmente no referencial de Freud e de Sándor Ferenczi (1873-1933).

O terceiro capítulo visa demonstrar o desenvolvimento da autonomia de Balint, dentro do campo da Psicanálise, utilizando para isso, os artigos que compreenderam a primeira metade da década de 1930. Outro importante tema desse capítulo é a morte de Ferenczi.

O quarto capítulo abarcará a segunda metade da década de 1930, tendo como ênfase, o pensamento de Balint que o levará a construir o conceito de “amor primário”. Outro destaque desse capítulo será a mudança de Balint para a Inglaterra e a perda repentina de sua esposa.

O quinto capítulo discorrerá sobre as dificuldades e um hiato na produção de Balint – decorrente da morte de sua esposa - e o começo de seu desenvolvimento dentro da Sociedade Britânica de Psicanálise.

O sexto capítulo mostrará algumas facetas técnicas de Balint e discorrerá também sobre o começo de novos interesses de Balint, como o Serviço Social, interesse esse, que seria fomentado por sua nova companheira e pela clínica Tavistock.

O sétimo capítulo trabalhará os principais conceitos balintianos decorrentes da construção teórica e técnica desenvolvida ao longo de sua vida. Assim, observaremos o papel das regressões e das observações na clínica para uma consolidação do pensamento de Michael Balint.

Por fim, nas considerações finais, destacaremos o fato de que essa teoria de Balint se mantém original e ela pode ser trabalhada na clínica atual, levando em conta aquele modelo de paciente que não se encontra no campo das neuroses, ou seja, que não se apresenta na área edípica.

1. A Psicanálise e a busca de espaço na Hungria: as primeiras influências de Balint

O conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados verificados e está apto a fornecer previsões concretas. O progresso das certezas científicas, entretanto, não caminha na direção de uma grande certeza.

Edgar Morin

O ano de 1896 foi marcante para uma ciência nascente, que ainda mostrava os seus primeiros passos para investigar o impacto de aspectos não-conscientes sobre a vida de todos. Esse ano foi de grande valia, pois esse saber seria finalmente batizado. Seu nome: Psicanálise.

Nesse período, Freud ainda limitava a Psicanálise como um método de tratamento e, apesar de deixar explícito em cartas endereçadas a Wilhelm Fliess (1858-1928) certas insatisfações com Josef Breuer (1842–1925), atribuía ainda a esse último a “paternidade” desse novo conhecimento chamado Psicanálise.

O *Zeitgeist*⁶ parecia estar propício para o desenvolvimento dessa nova ciência e algumas dissidências entre Freud e alguns importantes pensadores que o influenciaram nesse início da Psicanálise, como o próprio Breuer e também Meynert (1833-1891), começavam a se esboçar. Entretanto, em pouco mais de dez anos, outros relevantes pensadores, como Otto Rank (1884-1939), Karl Abraham (1877-1925) e Ferenczi, se uniriam aos pensamentos de Freud e ajudariam a desenvolver e a disseminar esse novo saber.

Enquanto isso, na Hungria, nesse emblemático ano de 1896, Ferenczi retornava para Budapeste, depois de estudar Medicina em Viena, e ainda - no final desse ano - Michael Balint nascia.

Em termos históricos, no ano de 1896, a Hungria completava 1000 anos e estava vivendo um período tenso, pré Primeira Guerra Mundial. De acordo com Montgomery (1999), o país era liderado pelo rei Francisco José I (1830-1916)⁷, mas sofria grande influência do arquiduque

⁶ De acordo com Schultz e Schultz (2012), o *Zeitgeist* significa uma espécie de lugar fértil em que as teorias são desenvolvidas. Em outras palavras, de acordo com esses autores, um contexto adequado é determinante para o nascimento de uma teoria.

⁷ Foi imperador da Áustria e rei da Hungria. Em 1867, foi monarca do império Austro-húngaro. (MONTGOMERY, 1999).

Francisco Ferdinando (1863-1914)⁸, herdeiro do trono Austro-húngaro e que deixava claro que não gostava dos húngaros. Isso ocorria porque nesse país era latente o desejo de independência e Ferdinando, então, enxergava a nação como uma ameaça à sua dinastia.

Porém, é necessário apontar que aquele desejo de independência supramencionado não era novidade. Ricaud (2012) explicou isso, ao afirmar que o início do século XIX foi marcante para a história da Hungria, pois ela passou por uma transição de um pensamento feudal para um pensamento moderno. Para tanto, um forte movimento intelectual foi iniciado para que essa mudança se consolidasse. Brabant-Gerö (2005) escreveu que a Hungria e em especial, a cidade de Budapeste, se desenvolvia de modo intenso, principalmente na parte cultural. Roudinesco e Plon (1998) comenta que em meados de 1900 aqueles movimentos entre intelectuais, literários e artistas, haviam se fortalecido e esses lutavam, sobretudo, para que a Hungria se tornasse uma democracia ou, em outras palavras, uma representação de uma verdadeira ameaça ao trono de Ferdinando.

Diante desses fatos, é de se imaginar as mazelas e as constantes ameaças que a Hungria vivenciava nesse período. Um clima de tensão se instaurava nessa iminência de uma Grande Guerra que envolvia também outros países. Notadamente, a Hungria estava no centro desse conflito.

Um outro fato que chama a atenção e certamente auxilia a sustentar esse conflito, é a grande concentração de judeus que havia em Budapeste. Não à toa, essa cidade foi apelidada por um antigo prefeito de Viena como “Judapeste”. Decerto, isso é um fato nada vantajoso ao se considerar o crescente movimento antissemita da época.

Esse foi o difícil contexto do nascimento da Psicanálise, que estava sendo fundada por Freud - um judeu - e influenciaria muito o pensamento de futuros psicanalistas na Hungria, especificamente em Budapeste, que ainda iria sofrer as consequências do antissemitismo. É interessante observar que essa cidade estava lutando por uma democracia ao mesmo tempo que o poder vigente ainda defendia os valores da monarquia.

Cortada pelo rio Danúbio, Budapeste, no ano de 1896, era uma cidade recém unificada. Até 1873 - ano da unificação, do lado direito do rio existia a cidade de Óbuda e de Buda, enquanto que do lado esquerdo, encontrávamos a cidade de Peste (MOLNÁR, 2001). Esse fato é relevante por constatar ao longo da história uma grande dificuldade dos judeus em se estabelecerem na cidade até eles conseguirem se estabelecer. No ano de 1746, por exemplo, no governo de Maria

⁸ Foi um arquiduque e herdeiro do trono do império Austro-húngaro. Era contra a independência da Hungria e arquitetava seus planos em seu escritório em Viena, para quando fosse assumir os poderes da monarquia. Foi assassinado em 26 de junho de 1914, em Sarajevo, dando início à Primeira Guerra Mundial. (MONTGOMERY, 1999)

Teresa (1717-1780)⁹, os judeus foram expulsos de Buda e, em Peste, eles tiveram que pagar uma taxa ao governo entre 1783 e 1840 para viver na cidade. Após 1840, com a abolição da taxa, os judeus começaram a crescer, trabalhando no comércio e nas indústrias. Com o dinheiro conquistado, eles financiaram uma revolução húngara, que não vingou, contra a monarquia. Mais tarde, isso traria muitas consequências negativas.

A apresentação desse contexto é um importante pano de fundo para compreendermos a vida de Balint, que nasceu em Budapeste, do lado esquerdo do rio Danúbio, no dia três de dezembro de 1896 e foi chamado pelos pais de Mihály Bergsmann (RICAUD, 2000; STEWART, 2007; ROUDINESCO e PLON, 1998). Ele tinha uma origem judaica e sua família era de classe média e composta pelo pai, Ignác Bergsmann, clínico geral, rigoroso; pela mãe, Margit, pessoa simples, bastante amável, e; pela irmã mais nova chamada Emmi, que acabou conhecendo e estudando em sua escola com figuras futuramente proeminentes da Psicanálise: Margaret Mahler (1897-1985) e Alice Szekely-Kovacs (1898-1939).

Pequenos burgueses e funcionários viviam tranquilos no maior bairro judeu de Budapeste, chamado de *Josefstadt*, local que, de acordo com Stewart (2007), Mihály Bergsmann passou sua infância. Ricaud (2000) ressaltou que apesar do contexto húngaro, o pequeno Bergsmann tinha certa liberdade de questionar e transitar por alguns pontos da cidade, o que incentivou para que ele fosse um garoto curioso e que lesse muito.

De acordo com Ricaud (2000), Mihály foi criado nas tradições judaicas. Sua mãe era muito afetuosa e carinhosa, mas seu pai era muito ríspido. Além disso, a autora afirmou que Ignác Bergsmann não gostava de meninos, era melancólico e se não bastasse isso, perdeu grande parte de seu dinheiro em jogos de cartas, obrigando a família Bergsmann a se mudar para apartamentos menores. Devido a tantos problemas, Balint, já adulto, não escondia as desavenças com seu pai e somente nas últimas décadas de sua vida, ele declarou seu perdão para com a sua figura paterna.

Budapeste, nesse período, estava avançando muito. Molnár (2001) apontou que a cidade estava se tornando um grande centro urbano moderno. Em 50 anos (entre 1850 e 1900), Budapeste também se tornava cada vez mais húngara, pois saía de uma condição em que somente 36% eram húngaros, para 85%. É interessante apontar ainda que, devido a um certo orgulho da cidade, algumas pessoas estavam mudando seus nomes para algo mais “húngaro” e Mihály Bergsmann participaria desse movimento mais tarde.

⁹ Foi soberana da Áustria, Hungria, Croácia e Boêmia, entre os anos de 1740 até 1780.

Uma figura de extrema relevância para Balint foi Ferenczi, mas eles ainda não se conheciam nesses períodos mencionados. No ano que Balint nasceu, em 1896, Ferenczi tinha 23 anos, já havia terminado o curso de Medicina em Viena e estava retornando para Budapeste.

De acordo com Meszáros (2014), entre 1897 até 1908, Ferenczi concentrou suas publicações no âmbito clínico e nos problemas de saúde. Nesse período, segundo a autora, os artigos de Ferenczi já indicavam um espírito crítico, visto seus experimentos e sua autocrítica nas condutas da clínica. Ferenczi tinha um vasto campo para pensar nesses problemas, pois, trabalhava intensamente no hospital *Saint Roch* de Budapeste, sempre dando uma maior atenção às minorias da época, como as mulheres e os homossexuais.

Pouco tempo depois da publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900 [1899]), de Freud, Ferenczi leu essa obra, mas pouco se impressionou. Em outro momento de sua vida, influenciado por um médico amigo, cujo nome era Fülöp Stein, decidiu retomar essa leitura e, então, a obra freudiana começou a ganhar sentido (BRABANT-GERÖ, 2005; ROUDINESCO e PLON, 1998). Ricaud (2000) apontou que Ferenczi começou, a partir disso, a buscar e a ler os escritos freudianos produzidos até então e iniciou também uma admiração pelo vienense, que acabou levando a um desejo de conhecer Freud.

Meszáros (2014) explicou que Carl Gustav Jung (1875-1961) auxiliou esse processo, enviando uma carta a Freud, no final de junho de 1907. Nessa carta, entre outras coisas, Jung relatou que haviam dois húngaros, Stein e Ferenczi, que queriam muito conhecê-lo. De acordo com Ricaud (2000), Freud atendeu esse pedido e esse encontro foi consolidado em 2 de fevereiro de 1908, sendo um fato que iria marcar a Psicanálise, especialmente a de Budapeste e conseqüentemente, a de Balint. Freud e Ferenczi, inauguraram uma amizade que duraria 25 anos, somente interrompida com a morte do húngaro. No decorrer dessa amizade, Freud convidou Ferenczi para participar de viagens, de congressos, além deles compartilharem as férias e até realizarem algumas trocas de pacientes.

Aquele encontro de 1908 entre Freud e Ferenczi assinalou um importante marco para a Psicanálise. Freud, em sua autobiografia, admitiu sentir uma imensa solidão entre 1896 até 1906 e apesar dele estreitar contatos com outros pensadores como Jung, Ferenczi acabou sendo um importante intermediador dos pensamentos psicanalíticos, principalmente após a dissidência entre Freud e Jung. Observamos a proximidade do húngaro com Freud, por exemplo, pelo convite e a viagem com Freud para os Estados Unidos, em 1909.

Além da amizade, as publicações de Ferenczi começaram a ganhar importância, tal como *Transferência e Introjeção*, de 1909. Além disso, com o importante apoio de Freud, Ferenczi começou a lutar pelo movimento analítico que fundaria a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e marcaria também a criação da Escola de Budapeste.

Casadore (2012) indicou que a criação da IPA foi proposta por Ferenczi no II Congresso Internacional de Psicanálise, em 1910, na cidade de Nuremberg. Com isso, a Psicanálise ia ganhando uniformidade e rigidez. Tudo isso ia contribuindo para um constructo de uma Psicanálise mais sistemática. Ainda segundo o autor, em 1911, Alfred Adler (1870-1917) deixou a IPA por conta de algumas divergências com os conceitos freudianos e com o próprio Freud. Pouco depois, em 1913, Jung também se dissociou da IPA por conta de motivos parecidos, já que passou a discordar de alguns conceitos e, de maneira crescente, passou a não tolerar o autoritarismo de Freud.

Sobre a Escola de Budapeste, no início, Ferenczi tentou se infiltrar no meio médico de Budapeste, visando propagar a Psicanálise, mas não conseguiu adeptos. Diante desse fato, seu público, então, acabou se constituindo de músicos, juristas, filósofos e estudantes. Isso é ao mesmo tempo interessante e lamentável, pois segundo Ricaud (2000), Ferenczi não conseguiu fundar a Associação de Budapeste justamente pela falta de médicos.

Entretanto, é válido afirmar que a Psicanálise começava a ganhar um espaço importante na Hungria em 1912, através de algumas publicações de um jornal chamado *Nyugat*, que divulgou entre outras coisas, estudos relacionados ao saber psicanalítico e chegou até a publicar um artigo de Freud. (MESZÁROS, 2014).

A partir desse caminhar, Ferenczi criou um embrião com base na Escola de Zurique. Uma primeira estrutura foi criada em Budapeste no dia dezanove de maio de 1913, com Ferenczi como presidente; István Hollós, como vice-presidente; Lajos Lévy como tesoureiro; Sándor Radó como secretário e; Hugo Ignotus como um membro (RICAUD, 2000).

Interessante notar também que nesse período, Ferenczi começava uma amizade, que logo viria a se tornar um desentendimento, com Ernest Jones (1879-1958) - psicanalista galês e discípulo próximo de Freud. A importância desses dois membros da primeira geração do Círculo de Viena é enorme para a Psicanálise. De acordo com Eros, Szekacs-Weisz e Robinson (2013), Ferenczi conheceu Jones em 27 de abril de 1908, no Primeiro Congresso de Psiquiatria freudiana, em Salzburgo. O segundo encontro foi justamente naquela viagem em 1909, nos Estados Unidos. Em

1911, eles começaram a se corresponder. Um dos temas recorrentes entre eles, era a dissociação de Adler e, principalmente, a de Jung. No verão de 1913, Jones iniciou sua análise com Ferenczi.

Jones, então, passou um tempo curto em Budapeste para realizar sua análise. As relações entre os dois se estreitam e na carta de 5 de agosto de 1913, Ferenczi relatou a Freud que sente saudades de Jones. Interessante apontar também que, em 1914, o húngaro começou sua análise com Freud e relatou também como se desenvolveu a análise de Jones.

Em 1914, Freud escreveu a *História do Movimento Psicanalítico* (1914b), em que se autodeclarou como fundador da Psicanálise (retirando o título de Breuer), e colocou critérios para quem quisesse pertencer a esse campo de saber. Além disso, através desse texto, Freud visou cindir com aqueles (obviamente, Jung estava no meio) que não pertenciam ao círculo psicanalítico.

Outro fato interessante deste ano de 1914 foi a ida de Ferenczi para a guerra para ser médico-chefe dos hussardos (cavaleiros húngaros). Mas, apesar dele se afastar (fisicamente) dos centros psicanalíticos, Ferenczi aproveitou esse momento para traduzir os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (texto de 1905, de Freud) e, ainda, começou a pensar nas ideias relativas à ontogenia e à filogenia em relação às fases de desenvolvimento psicosssexual, exposto nesse *Três ensaios*. Em 1915, Ferenczi apresentou suas ideias a Freud, quando este foi visitá-lo, no quartel, em Papa (FERENCZI, 1924).

Enquanto isso, em Budapeste ainda, Mihály Bergsmann, havia concluído de maneira louvável seu secundário e devido ao seu grande interesse pela Matemática, pensava em ser engenheiro elétrico. (RICAUD, 2000). Porém, de acordo com Peixoto Junior (2013), em 1913, por desejo de seu pai, optou pelo estudo de Medicina, na Universidade de Budapeste.

Em 1914, Francisco Ferdinando foi assassinado em Sarajevo por um sérvio, e esse acontecimento foi o estopim para o início da Primeira Guerra Mundial. Devido a esse fato, segundo Stewart (2007), Bergsmann, com 18 anos, teve que servir ao exército na Primeira Guerra nesse mesmo ano, na Rússia e na Itália, indo às trincheiras e também trabalhando no hospital militar.

Havia muitos artistas na Hungria nesse período e muitos deles não viam sentido na guerra, pois eles lutavam contra a monarquia e, ironicamente, estavam representando essa monarquia na guerra. Então, uma estratégia que foi utilizada por esses artistas nesse período, era um “acidente proposital”, chegando até a uma automutilação para, assim, serem dispensados da guerra.

Ricaud (2000) relatou que em 1916, ao tentar desmontar uma granada, Bergsmann se feriu e perdeu um pedaço de seu polegar, possibilitando a sua dispensa do serviço militar e assim, ele

pôde finalmente retornar ao seu segundo ano de Medicina na Universidade. Entretanto, não podemos afirmar se esse acidente foi proposital ou não.

Nesse mesmo ano de 1916, Francisco José I morreu e, assim, Carlos I (1877-1922)¹⁰ assumiu o poder, até a monarquia ser parcialmente abolida em 1918.

Em seu retorno à Universidade, Bergsmann se apaixonou pela bioquímica e pela fisiologia, fazendo até com que alguns professores perguntassem se o seu objetivo era realmente a Medicina. Seus gostos na época, além dessas duas novas paixões, eram a Filosofia, a Matemática e a Religião. Ele também demonstrava certo interesse pela Psicanálise, já que havia lido a *Interpretação dos Sonhos* (1900) e a *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), de Freud. Porém, vale notar que esse “certo interesse” não foi intenso, pois ele não gostou muito desses textos, classificando-os como, ambivalentemente criticáveis (BALINT, 1952). Assim, continuou ainda dedicando seu tempo para estudos mais relacionados à Medicina e à Química.

Uma pessoa que fez Mihály mudar aquele “certo interesse” pela Psicanálise foi a antiga colega de classe de sua irmã Emmi. No ano de 1917, Alice Szekely-Kovacs, que estudava Matemática Pura, levou até Bergsmann um exemplar de *Totem e Tabu* (1913[1912]), que acabou fazendo com que ele se interessasse fortemente pela Psicanálise. Além de mudar essa sua opinião, Alice modificou também a vida de Mihály, pois paralelamente aos estudos da Psicanálise, os dois começaram uma grande amizade que logo se tornou um namoro. Nesse mesmo período, com 21 anos de idade, Mihály Bergsmann se converteu ao unitarismo cristão e mesmo com o desacordo de seu pai, alterou seu nome para Michael Balint¹¹ (LAKASING, 2005).

É interessante ressaltar aqui também, sobre esse fato de mudança de nome, o desafeto de Balint com o pai. Ricaud (2000) relatou que um desejo grande de Balint era de uma independência, justamente por essa relação complicada que ele tinha para com o pai. A mudança de nome é significativa também por outro aspecto, também já mencionado: havia um movimento dos húngaros em colocar nomes húngaros, abandonando os seus nomes judaicos alemães.

Nos dois primeiros anos de Guerra, aquele projeto de associação de Budapeste que Ferenczi idealizava, ficou suspenso (até mesmo devido ao fato de Ferenczi estar nos campos da guerra) e os

¹⁰ Foi primo de Francisco Ferdinando e após a renúncia de 1918, partiu para a Suíça. Tentou restabelecer o poder na Hungria (com armas, inclusive), por mais duas vezes, mas, não obteve sucesso.

¹¹ Entretanto, Ricaud (2000) alertou de que não se sabe a data exata da troca de nomes de Balint. Ela apenas afirmou que foi entre 1918 e 1925.

membros começaram então - dada a impossibilidade de reuniões - de maneira independente, a realizar investigações e pesquisas. Interessante perceber também que nesse período, os principais temas das correspondências Freud-Ferenczi se tratavam de guerra (FALZEDER, BRABANT E GIAMPERI, 1994; 1995). Apesar disso, também não faltaram discussões sobre a técnica e a terapia, já que Ferenczi acabou atendendo, assim como Eitingon, muitos casos de neuroses de guerra. Então, pode-se compreender que nasceu daí um projeto de uma policlínica especializada em neuroses de guerra. Isso fez com que em 1917, se começasse a regressar as reuniões do Grupo Húngaro, mas, até março de 1918, a Associação não funcionava.

Montgomery (1999) mostrou que com o término da guerra e a monarquia abolida temporariamente em 1918, Béla Kun (1886-1938), que era um comunista húngaro, assumiu o poder por um breve período de tempo em 1919 (por 133 dias) e tentou instaurar na Hungria uma ditadura do proletariado, organizando um governo bolchevique.

Devido ao apoio de Ferenczi a Béla Kun, o Ministério de Sanidade e dos Exércitos acabou propondo a criação de um centro psicanalítico em Budapeste. Ricaud (2000) mencionou que a situação foi tão boa que Ferenczi convidou Freud para se instalar nessa cidade, visando tornar a Hungria a pátria da Psicanálise. Como houve um apoio do governo, muitos estudantes desejaram estudar Psicanálise também na Universidade. Porém, a Universidade ainda não se encontrava pronta para esse ensino devido às questões moralizantes (um ministro, por exemplo, disse que a Psicanálise estimulava a imoralidade e a pornografia). Apesar disso, depois de um tempo, Ferenczi conseguiu finalmente ministrar aulas e a Psicanálise acabou sendo bem aceita, fazendo com que o psicanalista conseguisse um bom número de membros para a Associação.

Nesse mesmo período, com 21 anos, Balint conheceu a mãe de Alice, que era uma pessoa próxima de Ferenczi, chamada Vilma Kovács. Ela certamente influenciou algumas leituras de Alice que, apesar de estudar Matemática, era apaixonada por Antropologia. Realmente, não é de se espantar que *Totem e Tabu* (1913[1912]) tenha chamado tanta atenção de Alice (RICAUD, 2000).

Em 1918, ocorreu um Congresso em Budapeste, no que Freud proferiu *Linhas de progresso da terapia psicanalítica* (1919[1918]), texto em que apresentou algumas ideias fortemente influenciadas por Ferenczi. Esse congresso foi marcante para a Psicanálise húngara ganhar notoriedade e espaço. Balint acabou não indo a esse Congresso.

Conseguimos perceber, diante desses fatos, que Ferenczi foi ganhando cada vez mais importância no meio psicanalítico e aquelas ideias sobre a ontogenia e a filogenia que ele havia

começado a esboçar na guerra, também ganhavam cada vez mais força. Em 1919, Ferenczi expôs mais uma vez seus pensamentos a Freud e a alguns amigos, fazendo com que todos ficassem entusiasmados e pedissem uma publicação desses pensamentos, que acabaria ocorrendo em 1924 (FERENCZI, 1924).

Dentro desse contexto, ainda em Budapeste, Balint começou a ouvir os pronunciamentos de Ferenczi em 1919 e, em 1920 se formou médico. Além da Psicanálise, se demonstrou “muito interessado em bioquímica e fisiologia, após ter feito cursos paralelos de filosofia, matemática e religião comparada” (PEIXOTO JUNIOR, 2013, p. 6). Apenas alguns meses depois de formado, Balint se casou com Alice, formando também uma promissora parceria em relação a seus estudos. Isso pode ser verificado no prefácio de *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*, em que Balint escreve: “Alice e eu lemos, estudamos, vivemos e trabalhamos juntos. Todas nossas ideias – não importando quem teve a ideia antes – foram apreciadas e depois testadas, provadas e criticadas em nossas discussões infundáveis¹²” (1952, p. 6).

Diante do que observamos, a Hungria parecia ser o lugar fértil em que a Psicanálise ia deslanchar. Entretanto, esse lugar tão promissor ainda iria sofrer duros golpes e devido ao movimento antissemita, os judeus estariam no centro disso tudo.

Béla Kun não obteve êxito em seu governo e logo depois, em 1919, Miklós Horthy (1868-1957), amigo de Francisco José I, também conhecido como almirante Horthy, começou a liderar a Hungria. Ele se aliou às ideias de Mussolini e de Hitler e assim como os dois, apoiava o extermínio de judeus. Diante desse fato, Balint teve que se precaver, mesmo não sendo mais judeu, porque ele havia dado suporte ao governo de Béla Kun e ainda, mesmo com sua conversão para o unitarismo cristão, era marcado pela cultura judaica.

Então, a situação favorável da Psicanálise em Budapeste começou a se esvaír devido à troca do governo e, junto a isso, instaurou-se um terror que abateu o país e as universidades. No segundo semestre de 1919, Ferenczi e outros professores universitários foram demitidos da academia. Além disso, Ferenczi, pelo fato de ser judeu e ter apoiado o governo comunista, foi expulso da Sociedade de Médicos de Budapeste.

Enquanto isso, na Alemanha, Ricaud (2000) apontou que em 1920, liderada por Max Eitingon, Ernest Simmel e Karl Abraham, a Policlínica estava sendo criada e se tornou uma

¹² No original: “Alice and I read, studied, lived and worked together. All our ideas – no matter in whose mind they had first arisen – were enjoyed and then tested, probed and criticized in our endless discussions”.

referência em Berlim (vale ressaltar que a ideia da Policlínica nasceu com Eitingon e Ferenczi). Devido àquela mudança governamental húngara, Budapeste começou a ficar perigosa e Balint e Alice foram obrigados a se exilar em Berlim, em 1921. Peixoto Junior (2013) relatou que nessa cidade os dois acabaram virando vizinhos de Melanie Klein e foram analisados por Hans Sachs.

A Policlínica realizava trabalhos de Psicanálise como seminários de formação teórica, supervisões e atendimentos clínicos. A instalação em Berlim acabou sendo relevante como mais um centro de referência, para além de Viena e de Zurique e tudo isso, certamente, foi um grande atrativo para Alice e Michael. No ano de 1922, Balint trabalhou como analista didata nessa policlínica de Berlim e, foragido de Budapeste, se aproveitou dessa situação e seguiu o conselho de Ferenczi de fugir de transferências cruzadas, comum em pequenos grupos de analistas. Mesmo assim, de acordo com Ricaud (2000), Balint não se mostrou totalmente satisfeito com a análise, em especial a sua com Sachs, alegando que ele era, na clínica, demasiadamente teórico¹³.

Tudo isso também culminou para que a Policlínica de Berlim ajudasse na formação da Escola de Budapeste. Porém, enquanto isso, em Budapeste ocorria uma briga pela retomada de poder por um imperador. Mas, enquanto isso ocorria, o almirante Horthy conseguiu resistir a essas pressões e continuou comandando a Hungria (até meados da década de 40).

Peixoto Junior (2013) afirmou que, no período em que Balint estava em Berlim, ele se sustentou trabalhando como químico¹⁴ ao mesmo tempo em que investigava a Psicossomática, tratando pacientes do Hospital de Caridade de Berlim. Stewart (2007) reitera essa afirmação e ainda nos mostrou que Balint foi um dos pioneiros no tratamento da psicossomática com Psicanálise.

As primeiras publicações de Balint

No ano de publicação de *O eu e o isso* (1923), de Freud, muita coisa estava ocorrendo no que concerne à Psicanálise. A descoberta do câncer de Freud abalou os seus discípulos mais queridos, entre eles, Jones e Ferenczi. De acordo com Rudnytsky (2013), existia uma tensão entre o relacionamento dos dois, que se externalizou no ano de 1923, quando Ferenczi propôs mais análises a Jones e, além disso, o acusou de plágio de um de seus artigos.

¹³ Além disso, um fato curioso é contado por Stewart (2007), que relatou a reclamação de Balint por Sachs responder as ligações telefônicas que recebia durante as sessões.

¹⁴ Haynal (1995) indica que Balint foi assistente de Otto Warburg, que ganhou o prêmio Nobel em 1931.

Nesse mesmo ano, Balint, discípulo de Ferenczi, começava a ganhar um espaço dentro dos meios psicanalíticos. Na Sociedade Psicanalítica de Berlim, ele teve a oportunidade de relatar um interessante caso que ele atendeu na Policlínica. Tratava-se do caso de Mr. L, que tinha um sintoma atípico, como se fosse uma mistura de perversão e de histeria de conversão.

Balint, que acabou publicando esse caso somente em 1925, relatou que Mr. L. era um artista, de aproximadamente 30 anos que fazia pinturas e esculturas, mas por conta de um sintoma, teve que paralisar seu trabalho. Isso levou sua mulher, que fazia bordados, a sustentar a sua família. À medida que ela realizava isso, Mr. L. ficou incumbido de fazer todo o trabalho doméstico (BALINT 1925).

Os pais de Mr. L. tiveram 4 filhos. Sua mãe era uma pessoa muito doente que, incapaz de ser uma boa parceira sexual, decidiu dar doses de liberdade ao marido. Mr. L. cresceu, então, achando que toda mulher pertencia exclusivamente ao homem. É interessante perceber que ele tinha aversão ao coito e possuía uma fantasia de que seu pênis se perderia em uma grande vagina ou estaria irrecuperável em uma vagina apertada. Toda essa pressão da fantasia, fez com que ele descobrisse o sexo tardiamente, se masturbando somente com 17 ou 18 anos, e tendo suas relações sexuais com 23.

Mr. L. até tentava se retirar emocionalmente de uma relação sexual, mas ele não suportava o coito, apesar de adorar as preliminares. Mas, como ele raramente atingia o orgasmo no coito, ele precisava se aliviar. Essa dependência fez com que ele não se livrasse de seus medos.

Diante disso, Mr. L. estava quase sempre impotente, ou com uma ereção não-satisfatória ou, ainda, ejaculava precocemente. Para ele, qualquer pretexto, se tornava um motivo para se esquivar de suas relações sexuais.

Balint (1925) explicou então que, com a libido de Mr. L. frustrada, era necessário que essa libido buscasse novos caminhos. E, assim, ele buscou esse caminho nas perversões, com o exibicionismo, voyeurismo, sexo oral, sadismo, escopofilia, masoquismo etc. Tudo isso tinha somente um objetivo: satisfação, ou seja, se livrar da ansiedade. Apesar dessas condições, Mr. L. teve três filhos, mas sua esposa estava insatisfeita, pois ele somente a provocava e a excitava, mas não dava prazer a ela.

Diante dessa história, é interessante que Mr. L. foi se tratar com Balint por uma estranha cãibra no dedão de seu pé esquerdo. O curioso é notar os fatos que residiam sobre esse dedão, pois o paciente relatou que essa cãibra aparecia no momento do coito. Ele havia tentado de tudo para

passar isso, porém, seu dedo somente se curava, se ele o colocasse entre as coxas de sua esposa. Apesar do alívio em seu pé, sua excitação, de modo proporcional, se esvaía.

Em sua análise, Mr. L. fez importantes relações, se lembrando de uma mordida de cachorro que ele teve em sua perna esquerda quando era criança e até se recordou de sua avó que tinha varizes nas pernas e que todo mundo a adulava por isso. Interessante perceber que, devido à mordida do cachorro, todos em sua casa também passaram a adular Mr L.

Balint (1925) fez algumas interpretações com o intuito de que o paciente perdesse o medo de castração em relação a ele e sua cãibra foi cessando nesse período curto de análise. O analista explicou que o sintoma de Mr L. era de perversão pois, a excitação sexual não era aliviada pelo canal genital, mas sim pelo pé. Aliado a isso, o sintoma era ao mesmo tempo de conversão histórica, pois, Mr. L. havia adotado o seu dedão do pé esquerdo como um órgão genital.

O caso de Mr L. acabou denotando uma preocupação de Balint para além do processo psicodiagnóstico, e enfocou na busca de um sentido dos sintomas somáticos através da Psicanálise. Essa característica de atender pacientes com um diagnóstico difícil foi sempre uma constante na vida de Balint que o acompanharia até o final de sua vida, mas que também mostrariam interessantes caminhos teóricos e técnicos da clínica balintiana. Esse caso também teve sua importância porque auxiliou no processo de visibilidade de Balint dentro da Sociedade de Berlim e demonstrou também um analista cuidadoso, mas também bastante tradicional em relação à técnica.

Somente em 1924 - um ano depois de atender Mr. L. - Balint defendeu seu doutorado em Ciências, mas, apesar disso, decidiu por se dedicar somente à Psicanálise e tornou-se analista membro da Sociedade de Psicanálise de Berlim. E, nesse mesmo ano, decidiu retornar para Budapeste.

Ao retornar à Hungria, após aquela experiência ruim com Hans Sachs, o casal Balint iniciou uma análise com Ferenczi, estreitando os laços entre os três e, especialmente, Balint ficou encantado com os ensinamentos e a maneira com que Ferenczi encarava a clínica. Certamente esses encontros produziram excelentes discussões e norteou a maneira com que Balint encararia a sua clínica, um pouco diferente do que foi apresentado com o Mr. L.

Ricaud (2000) apontou também que a Escola de Budapeste estava voltando a ganhar certo reconhecimento e, um dos motivos, se dava pelo fato da publicação, em 1924, daquelas ideias sobre ontogenia e filogenia de Ferenczi, na sua obra *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*, que

foi, inclusive, classificada por Freud como a publicação mais ousada da Psicanálise. Inclusive, a boa impressão de Freud sobre Budapeste, influenciou os confiantes olhares sobre esse lugar. Segundo Peixoto Junior (2013), Balint foi admitido na Sociedade Psicanalítica de Budapeste um ano mais tarde, em 1925. Além desse fato, é interessante mencionar outras duas realizações de Balint nesse ano: a publicação de seu primeiro artigo, *Perversão ou sintoma histérico?*¹⁵, que se tratou do caso de Mr. L., já citado, e; o nascimento de seu filho, John.

Em 1926, Balint apresentou um caso de transtorno cardíaco como conversão somática na Associação de Budapeste. De acordo com Ricaud (2000), Ferenczi chegou a comentar com Freud sobre esse caso. A ideia principal da apresentação é que os problemas cardíacos devem ser entendidos como uma histeria de conversão. Essa troca de informações e as discussões em torno dos casos, fez com que esses dois húngaros se aproximassem cada vez mais, e Ferenczi direcionou Balint a propagar a Psicanálise em outras cidades na Hungria. Ainda nesse ano, Balint já começava a demonstrar uma preocupação com a postura médica de seu tempo, quando ele escreveu *Psicoterapia para o clínico geral*. Essa preocupação, futuramente, culminaria na criação dos Grupos Balint. (RICAUD, 2000)

Em 1927, Balint já demonstrava um espírito questionador, ao escrever para a *Gyógyász*, criticando Ivan Pavlov (1849-1936), um fisiologista russo, sobre o condicionamento reflexo, ao estudar as glândulas e o trato digestivo de um cachorro.

De acordo com Balint (1927) as experiências de Pavlov com o cachorro demonstraram que a secreção da saliva começava na visão e no pensamento de uma comida apetitosa, e o mesmo processo ocorre nas secreções do estômago, pâncreas etc. O russo também provou, pela primeira vez, que a visão de um prato familiar, ou a aparência de um homem que usualmente traz comida, ou ainda o som de seus passos é o suficiente para provocar nos animais, uma excitação psíquica. Com uma pesquisa mais sistemática, esse fisiologista demonstrou a possibilidade de transformar alguma coisa em um estímulo para salivação. Isso foi chamado de reflexo condicionado. Quando a secreção salivar era apenas causada pela comida, se chamaria reflexo incondicionado.

Essas ideias básicas de Pavlov o influenciou a pensar algumas coisas da Psicologia. Entretanto, Balint (1927) apontou que o russo se recusou a ouvir algumas explicações psicológicas que poderiam dar mais notoriedade ao seu trabalho. Por exemplo, o húngaro alegava que o reflexo incondicionado poderia ser relacionado com os instintos de autoconservação. Além disso, Balint

¹⁵ No original: *Perversion or a Hysterical Symptom?*. Balint publicou esse trabalho na *Gyógyász* (BALINT, 1956).

critica a visão reducionista que o humano teria se limitasse o seu psiquismo a reflexos condicionados e incondicionados. De acordo com ele, a questão da sexualidade, tão complexa, fugiria dessas explicações.

Assim, Balint (1927) defendeu que a Psicanálise seria a única escola psicológica que poderia tratar melhor essas questões, explicando, inclusive, a questão dos comportamentos considerando o prazer e também a dor. Interessante notar que Balint criticou Pavlov, mas não o desqualificou. Podemos notar isso, em uma citação na qual Balint indicou que Pavlov poderia representar uma ponte entre a Psicologia e a Biologia: “Talvez será justamente nesses campos abertos pela pesquisa de Pavlov, que a Biologia e a Psicologia irão se encontrar¹⁶”. (p. 234).

¹⁶ No original “Perhaps it will be just in the fields opened up by Pavlov’s researches that biology and psychology will meet”.

2. O início do pensamento balintiano, a herança biológica e o novo começo

Desde o período mais remoto da história do mundo
se tem visto que os seres orgânicos se parecem
entre si em graus descendentes (...).

Charles Darwin

O desejo de unir a Biologia com a Psicologia não era original, pois a Psicologia Científica, desde a sua fundação com o primeiro laboratório em 1879 de Wilhelm Wundt (1832-1920), se aliava a conhecimentos da Biologia, da Física, da Química e da Fisiologia, para ganhar esse *status* científico. Não é à toa que Wundt, juntamente com seus seguidores, influenciou o campo da Psicofísica.

Entretanto, o que Balint (1927) colocou em xeque é um suposto reducionismo ao biológico na Psicologia. Considerando esse pensamento, conjecturamos uma impossibilidade de relação entre a Psicologia e Biologia, já que a Psicologia estaria sempre subordinada à Biologia. É interessante notar que em diversos momentos, o próprio Freud acreditava que a Biologia, um dia, iria superar e explicar os diversos fenômenos psicanalíticos.

O termo *Biologia* foi utilizado pela primeira vez em 1797, em um prefácio de um livro sobre força vital, de Theodor Georg August Roose (1771-1803). Porém, esse termo foi mais amplamente utilizado, pensado e popularizado por Jean Baptiste de Lamarck (1744-1829), ao defender que a Biologia seria um novo campo científico pertencente à física terrestre e deveria ter como objeto de estudo, os corpos vivos. Basicamente, a Biologia deveria estudar o que seria a vida (ABBAGNANO, 2007).

A Psicanálise, principalmente em seu início, foi amplamente influenciada por esse pensamento mais voltado ao campo do biológico e, de modo específico, ao pensamento lamarckiano. É interessante notar os trabalhos estritamente neurológicos de Freud, com uma forte influência biológica, que começou em meados de 1877 e durou cerca de 20 anos. É válido apontar que esse período, teve grande presença de Ernst Wilhelm von Brücke (1819-1892), seu professor de Fisiologia na Universidade de Viena. De acordo com Roudinesco (1998), Freud ingressou no laboratório de Fisiologia de Brücke em 1876 e ficou até 1882, antes de ir à França e conhecer Jean Martin Charcot (1825-1893). Brücke acabou sendo um importante componente nesse início mais

voltado ao biológico da Psicanálise, pois, além dele ser o fundador da Fisiologia na Áustria, acabou por influenciar Freud a se distanciar da Filosofia.¹⁷

De acordo com Sulloway¹⁸ (1992), enquanto Freud ainda trabalhava no laboratório de Brücke, foi convidado para ser assistente de Ewald Hering (1834–1918), em Praga. Hering era visto como um neo-lamarckiano¹⁹. O autor defendeu ainda que Hering influenciou Freud a seguir uma tendência “psico neo-lamarckiana”.

Esse termo, pode ser explicado ao se considerar que as necessidades internas do indivíduo, podem modificar uma estrutura e passar de maneira hereditária. Observamos esse movimento em algumas obras iniciais de Freud, em que o mesmo considerou as psiconeuroses como algo hereditário (legado de Charcot), assim como em obras mais maduras como *Totem e Tabu* (1913[1912]), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Essa herança lamarckiana pode ser comprovada também nas correspondências entre Freud e Ferenczi (FALZEDER, BRABANT E GIAMPERI, 1994), em que Freud citou os trabalhos de August Pauly (1850-1914), como um psico neo-lamarckiano.

Percebemos também que foi Ferenczi que estimulou a leitura de Lamarck para Freud, ao notarmos um movimento de recomendações e de citações mais intensas desse viés científico, principalmente nas cartas de 1917. Ferenczi foi um dos principais influenciadores de Freud e, conseqüentemente, essa leitura lamarckiana marcou não somente os escritos psicanalíticos freudianos, mas também os ensinamentos da Escola de Budapeste. Um exemplo bem emblemático dessa influência lamarckiana, certamente foi a publicação de *Thalassa*, no ano de 1924.

Diante disso, temos a figura de Balint nesse contexto, com uma perspectiva de se trabalhar com a Biologia (que aliava seus conhecimentos da Medicina e da Química) e com a Psicanálise, e

¹⁷ No período entre 1871 até 1881, de acordo com Boelich, Freud escreveu para Eduard Silberstein e relatou em algumas cartas sua admiração por Franz Brentano (1838-1917), o considerando uma “esplêndida pessoa, sábio e filósofo” (1874/1995, p.90). Nessas correspondências, Freud também admite, em 1875, que estava decidindo por fazer um doutorado em Filosofia. Segundo Schultz e Schultz (2012), Brentano influenciou muito o campo da Psicologia por inspirar grandes nomes como o de Freud, o de Christian von Ehrenfels (1859-1932) e também o de Edmund Husserl (1859-1938). Ou seja, pode-se dizer que ele possui créditos na Psicanálise, na Gestalt e na Fenomenologia.

¹⁸ Apesar de ser conhecido como um antifreudiano, nos utilizamos de uma obra de Sulloway que foi bastante elogiada por Roudinesco (2009). Segundo ela, “Frank Sulloway fez um trabalho notável e que é uma referência [...] que trabalho, que erudição! [...] O problema é que o mesmo Sulloway, depois desse livro, descambou totalmente” (p. 212).

¹⁹ De acordo com Martins (2004), um neo-lamarckiano considera que as características adquiridas, dependendo do meio, podem ser transmitidas de maneira hereditária. Vale apontar também que segundo Sulloway, no período em que Freud estudava Medicina, a maioria dos fisiologistas na Áustria defendiam um ponto de vista lamarckiano.

ainda, participando das conferências de Ferenczi e sendo analisado por este. O *Zeitgeist* para o desenvolvimento de Balint parecia estar pronto.

Entretanto, as análises não duraram muito e tiveram que se interromper, devido a uma viagem que Ferenczi fez à América para lecionar algumas conferências em Nova Iorque por seis meses. Com a volta de Ferenczi a Budapeste, a Escola seguia seus estudos e estava cada vez mais fortalecida.

Havia um estímulo para fortalecer essa escola e as publicações se faziam importantes. Balint então, decidiu publicar sua fala que ocorreu na Segunda Conferência de Psicanálise da Alemanha, em Dresden, em 1930.

Assim, apresentaremos essas ideias que foram postas em um artigo, intitulado *Paralelos psicosexuais para a lei fundamental da biogenética*²⁰, de 1930. É necessário apontar que esse escrito de Balint se caracterizou como uma homenagem e uma defesa de *Thalassa*, de Ferenczi, e representou também um início das principais publicações balintianas.

Consideramos então que as ideias desenvolvidas por Balint nessa Conferência e, conseqüentemente, nesse artigo, apresentam, em boa parte, uma releitura dos aspectos da filogenia de *Thalassa*. Entretanto, é válido mencionar que o próprio Ferenczi recorreu à ajuda de Balint para revisar *Thalassa*, alegando ser limitado no campo da Biologia enquanto seu companheiro estava defendendo seu doutorado em Ciências. Além disso, é válido afirmar que a partir desse artigo, Balint começou a pensar em um conceito que seria amplamente desenvolvido posteriormente: o “novo começo”.

Destacamos também que não era raro, mesmo depois de ter sua teoria consolidada e ganhar espaços na Sociedade Britânica, Balint fazer questão de expor as constantes inovações da Escola de Budapeste. Além disso, podemos observar a originalidade das ideias de Ferenczi (fortalecidas e transmitidas, nesse caso, por Balint) ao propor uma leitura biológica dos *Três ensaios* (1905) de Freud. Conjecturamos, então, que um dos fatos que animou Balint nessa época a tentar ampliar os ensinamentos da Escola de Budapeste, se dava justamente nesse encontro possível da Psicanálise com a Biologia.

Para compreender o artigo, somos levados a refletir sobre a importância filogenética para nossa constituição psíquica. Assim, recorreremos ao olhar do biólogo naturalista Ernst Haeckel (1834-1919), que influenciou os primeiros pensamentos de Balint sobre a Psicanálise. Portanto, a

²⁰ No original: *Psychosexual parallels to the fundamental law of biogenetic.*

lei biogenética proposta por Haeckel se tornou fundamental para inferir sobre alguns aspectos balintianos. Abbagnano (2007) explicou que Haeckel encontrou certo paralelismo entre o desenvolvimento de embriões de espécies diferentes. De modo etimológico, podemos pensar que a filogênese seria *origem da espécie*, enquanto a ontogênese, *origem do homem*. Sobre o homem, “a ontogênese, ou seja, o desenvolvimento do indivíduo, é uma breve e rápida repetição (recapitulação) da *filogênese* ou evolução da espécie a que ele pertence” (apud ABBAGNANO, 2007, p. 127, *grifos* do autor).

Sobre isso, Haeckel (1908) explicou que não existe uma separação entre os fenômenos da natureza e os fenômenos de nossa vida psíquica. Por conseguinte, afirmou que a construção de nosso corpo, pensando em termos de espécie, foi lenta, gradual e ocorreu em paralelo com o desenvolvimento de nossa alma²¹. Outrossim, quando se analisa formas mais simples de vida, como os protistas e os unicelulares, conseguimos observar também a presença de uma alma, ou seja, de funções psicológicas, como por exemplo, as sensações. Isso significa que em termos de formação de nossa estruturação corporal e psicológica, repetiríamos as mais simples estruturas de espécies.

Diante dessas considerações é interessante observarmos a maneira de como Ferenczi e, conseqüentemente, Balint pensava em estar aliando a Psicanálise com esses saberes que envolviam a ontogênese e a filogênese, com a Biologia. Quais tipos de explicações e associações eram possíveis entre esses dois saberes?

Ferenczi (1924) iniciou *Thalassa*, justamente pela parte ontogenética e indicou que para Freud (1905), o desenvolvimento sexual do indivíduo atinge o apogeu no momento em que a primazia da zona genital substitui as zonas erógenas anteriores e esses erotismos e estágios superados, funcionariam como mecanismos de “prazer preliminar”.

No entanto, Ferenczi indicou a existência de uma anfimixia, ou seja, a possibilidade de uma fusão de dois ou mais erotismos numa unidade superior. Por exemplo, o autor acreditou que a ejaculação, no caso, é resultado de uma colaboração do erotismo anal e uretral que culminaria no erotismo genital. Essa ideia o fez pensar na possibilidade de a fisiologia explicar os processos orgânicos que permitiriam essa fusão, ou seja, a anfimixia. Ele até chega a cogitar sobre possíveis relações entre as inervações uretrais e anais para isso, pensando, inclusive, na questão do soma, ou seja, como os órgãos, independentes em sua origem, se combinariam e se influenciariam

²¹ A alma seria um “conjunto” de funções psicológicas. (HAECKEL, 1908, p. 16).

mutuamente no ato sexual? Como a filogenia e a ontogenia dariam pistas para se obter uma luz, em relação a isso?

Outro ponto abordado por Ferenczi iria influenciar fortemente as trilhas do pensamento balintiano, no que diz respeito ao “novo começo” e, conseqüentemente, no “amor primário” (que será abordado mais à frente). Isso porque ele defendia a ideia de que o homem possui uma tendência regressiva permanente, visando um restabelecimento da situação intrauterina. Dessa maneira, de acordo com Ferenczi (1924), a vivência do homem se manifestaria mais em um modo mágico-alucinatório, expressado a partir dos sonhos, fantasias e da vida sexual, enquanto a realidade se daria em uma renúncia desse modo.

Outro aspecto ferencziano que tem prosseguimento e é nítido nos pensamentos de Balint, se dá justamente nas descrições e características das fases de desenvolvimento psicosexual. Por exemplo, Ferenczi explicou que na fase oral, as pessoas que cuidam da criança, mantêm um ambiente de calor, de calma etc., proporcionando a ilusão da situação intrauterina. Assim, “esse primeiro objeto de amor é originalmente imposto à criança por sua mãe, de sorte que podemos dizer que o amor primário da criança é um amor objetal passivo”. (1924, p. 27).

Retornando na questão da ontogenia, Ferenczi (1924) relacionou a sucção como essencial em toda atividade erótica posterior que se integra, devido a anfimixia, ao ato de masturbação e de coito. O autor ainda denota ao dente uma arma de uma tendência autolibidinal e que também poderia penetrar a mãe. A partir disso, observamos o canibalismo, na organização sádico-anal, tal como o deslocamento para o intestino. Outro período existente é o da masturbação, que é um estágio à parte do desenvolvimento da libido, pois, demonstra uma primeira fase que levará, por fim, à primazia da zona genital.

Por fim, temos um desenvolvimento da libido, em que a criança passa pelo amor objetal passivo, pela agressão canibalesca e de introjeção, e retorna ao objeto primitivo (que é a mãe). Entretanto, esse retornar agora é permeado por um pênis erétil, e a cultura acaba (tentando) colocar um fim nesse amor edípiano. (FERENCZI, 1924). Essa ideia apresentada aqui irá nortear Balint ao longo de sua vida.

Como já apontado, Balint se utilizou de *Thalassa* para escrever seu artigo, em que discutia as principais ideias de Ferenczi, porém, notamos também um primeiro esboço de uma faceta clínica de Balint, que seria o “novo começo”.

Em uma importante passagem, Ferenczi discutiu sobre a:

regressão talássica, ou seja, a noção de um desejo de retornar ao oceano abandonado dos tempos primitivos; e, sobretudo, os argumentos que parecem reforçar a tese segundo a qual essa força pulsional ou, mais exatamente, essa atração ressurgem e tem continuidade na genitalidade (1924, p. 65-66).

Essa ousada ideia que apresenta uma noção filogenética, demonstraria a tese de Freud em *Totem e Tabu* ([1912] 1913) de que a ontogênese repetiria a filogênese. Balint (1930), em sua releitura de *Thalassa*, iniciou seu artigo destacando o papel da biologia para a ciência e ainda, se utilizou de Freud²² para apoiar seus pensamentos. Segundo ele, “[...] a Biologia é realmente um reino de possibilidades ilimitadas²³”. (p. 11). Interessante notar que essa posição de Balint permaneceu ao longo dos anos iniciais de suas publicações, quando ele defendia que a aproximação genética deveria ser o principal método para o uso da ciência da Psicanálise.

Assim, Balint deslumbrava a proposta de Ferenczi, de provar por leis biológicas os ensinamentos da Psicanálise. Então, quais eram as possibilidades de relacionar a vida dos animais com a vida dos humanos? Em virtude disso, balizado por Ferenczi, se indagou sobre cada atividade perversa e sobre cada mito da teoria da sexualidade infantil.

Podemos notar nesse momento, um paralelismo a respeito dessa lógica da Escola de Budapeste com a de Haeckel. Ou seja, o “isso²⁴” humano seria possuidor da filogênese, passível de ser encontrando nos animais, quer dizer, a mente também recapitularia o desenvolvimento das espécies.

Segundo Balint (1930), com os *Três ensaios...* (1905), conseguimos compreender o papel da sexualidade infantil e seu enlace com o adulto. Nesse sentido, a sexualidade passa por um longo e complexo processo de evolução para conseguir chegar até a genitalidade. Ou seja, na ordem de aparição das etapas do desenvolvimento psicosssexual, segundo Freud (1905) temos: oral, anal e genital. Mas, diante disso, Balint se questionou: por que temos que passar por essas etapas e exatamente nessa sequência? Por que primeiro a boca, depois o ânus, para finalmente se chegar ao órgão sexual?

²² É notável, principalmente nos textos metapsicológicos, a convicção de Freud de classificar a Psicanálise dentro das *naturalwissenschaften*, além de mencionar que um dia a biologia iria conseguir explicar os aspectos teórico-conceituais da Psicanálise.

²³ No original: “biology is indeed a realm of unlimited possibilities”.

²⁴ Adotamos para esse trabalho, os termos “eu”, “isso” e “supereu”, ao invés de “id”, “ego” e “superego”.

Para trazer luz a essa indagação, Balint se utilizou de um ensaio de Karl Abraham, de nome *Origens e crescimento do amor objetal*²⁵. De acordo com Balint, Abraham conseguiu trazer algumas pistas frente a esse problema, ao relatar que na gênese de um embrião se formam primeiramente a boca ou o intestino primitivo. De modo específico, nas formas mais simples de alguns cordados, a boca primitiva se move da região primitiva oral até o polo oposto e, assim, começa o ânus. Somente mais tarde se formam os órgãos sexuais.

Balint (1930) apontou então, que o desenvolvimento do corpo e da psicosexualidade tomam o mesmo caminho. Mas é necessário considerar que no corpo, aspectos do desenvolvimento podem se resolver em semanas, enquanto na mente demoraria, possivelmente, em anos.

Diante disso, Balint quis mostrar que em comportamentos sexuais animais, há um paralelismo em que as três fases de desenvolvimento sexual descritas por Freud, correspondem ao tripé da evolução sexual psicogenética. Para compreender melhor essa ideia, é necessário considerar os dois grandes grupos da função sexual: fecundação e acasalamento.

Na primeira, há uma união de duas células, podendo ou não ser diferenciadas sexualmente, chamadas de gametas. Já no acasalamento, ocorre um processo mais complexo, também com a união entre os gametas, necessitando da diferenciação sexual.

No caso dos seres unicelulares, a sexualidade se dá, exclusivamente, pelo processo de fecundação. O que há de interessante é que em todos os seres unicelulares, a união se dá exatamente no mesmo local que a nutrição, ou seja, de acordo com Balint existia uma relação bem próxima entre a nutrição e a sexualidade.

Diante de tais constatações, o autor indagou se a sexualidade se vincula para existir uma função somática ou se o que ocorre é o contrário. Assim, por exemplo, será que a criança sexualmente chupa o dedo, ou será que ela pratica esse ato por uma herança filogenética?

Destarte, conjecturou que a fase oral se apresenta estritamente ligada a uma forma primitiva de reprodução - em que a união se dava no mesmo sítio que a nutrição. Isso significava que podemos encontrar um início de um paralelismo ontogênico e filogênico pela fase oral, partindo justamente de seres unicelulares – que são células muito simples.

Além disso, de acordo com Balint (1930), temos que os protistas – seres um pouco mais evoluídos e complexos do que os unicelulares - não fecundam o outro, mas se reproduzem através da fragmentação e da bipartição. Então, como não se fecundam, possuem uma sexualidade própria.

²⁵ No original: *Origins and growth of object-love*.

De uma forma diferente, os protistas formam e evacuem gametas (gametócitos) por uma pequena fissura. Isso, de acordo com o autor, pode ser interpretado como um equivalente da satisfação anal.

Dessa maneira, percebemos que a evolução psicosexual do homem é um fenômeno repetitivo. Não somente o corpo, mas também a mente recapitula os principais pontos da filogênese. Balint (1930) afirmou que nesse sentido, temos um início com os gametas unicelulares (que são formados pela boca) e, por isso, chegamos a uma incorporação oral. Depois, é possível um mesmo paralelismo quando se fala em gametócitos, quer dizer, de uma evacuação anal ligando novamente a reprodução com algo filogênico, conseguindo uma estrita correspondência com a fase anal.

No que diz respeito ao genital, devemos considerar que a formação das partes sexuais do corpo condiz com a união de parceiros e cópula, além do carregamento e da troca de gametas que seria, enfim, a cópula genital.

Assim, conseguimos perceber os paralelismos existentes entre as etapas do desenvolvimento psicosexual e da filogênese, levando em consideração que tanto as questões sexuais/reprodutoras da célula, como as fases sexuais, acabam passando primeiramente por questões muito mais primitivas, até atingir uma forma mais complexa.

Esse artigo de Balint (1930) apresentou uma forte tendência biológica e também uma visão lamarckiana sobre os Três Ensaios, de Freud (1905). É importante apontar também que ao se pensar nesse artigo de 1930 e relacionar com *Thalassa*, de Ferenczi (1924), temos que a individualidade, o acasalamento, o orgasmo e a morte, estão interconectados e suscetíveis às leis da ontogenia e da filogenia.

Percebemos então uma forte influência de Ferenczi sobre esse começo mais voltado ao biológico, de Balint. Como já mencionado, Balint era apaixonado pela Biologia e tinha uma enorme admiração por Ferenczi. Além disso, há o fato de Ferenczi ter sido seu analista e trabalhar também com as questões biológicas, que Balint tinha tanto interesse.

O novo começo e a particularidade da técnica em pacientes difíceis

Um aspecto original desse artigo de Balint (1930) se dá pelo início do desenvolvimento de um conceito de extrema relevância para a teoria balintiana, chamado de “novo começo”. Nesse momento, esse conceito ainda estava quase que exclusivamente atrelado às concepções biológicas,

ou melhor, às concepções que atravessavam a ontogênese e a filogênese, mais especificamente na questão celular.

Diante desses fatos, Balint (1930) começou a pensar o novo começo ao observar sobre o que ocorria depois que as células se uniam. É relevante perceber que o material nuclear se reduzia e, posteriormente, se dividia juntamente com novos núcleos. Com as células sexuais, ocorre uma situação deveras interessante, pois após a união, as marcas sexuais dos gametas desaparecem. Tudo isso, de acordo com o autor, faz-nos pensar que o organismo regrediu um estágio da evolução em uma forma muito mais primitiva, possibilitando uma nova forma de existência, ou um novo começo, visando um posterior “novo tipo de desenvolvimento”.

Balint defendeu, a partir disso, que o potencial de imortalidade dos organismos depende desse novo começo, pois diante de uma condição desfavorável no ambiente, é possível uma adaptação que será gerada aos descendentes para essa nova contingência. O autor exalta isso nesse seguinte trecho: “Para escapar da morte e continuar sua existência, todos os organismos devem sempre começar de novo²⁶” (1930, p. 40).

Percebemos a partir dessa passagem, um pensamento lamarckiano e a grande influência da filogênese nesse campo de saber balintiano. Balint, dentro do contexto psicanalítico, afirmou que: “estamos familiarizados com uma espécie de novo começo feito no tratamento psicanalítico, quando tentamos ajudar o paciente a fazer um revigorado início em uma vida que se tornou insuportável²⁷”. (1930, p. 40). Diante disso, notamos nesse momento, uma preocupação de Balint por tentar demonstrar certa analogia entre a Biologia e a Psicanálise.

Isso tudo representava o início dos pensamentos de Balint sobre a sua maneira de encarar os diversos fenômenos que ocorriam na clínica. Podemos afirmar que essa produção de novos começos se sustentaria dentro da teoria de balintiana sendo central nas suas modalidades de atendimento.

Dois anos após a publicação desse artigo, Balint publicou o *Análise de caráter e novo começo*²⁸ (1932), em que evidenciou um novo tipo de paciente, além de se aprofundar na discussão do novo começo, conseguindo dar uma ênfase maior nesse conceito com uma Psicanálise mais

²⁶ No original: “To escape from death and to continue their existence all organisms must ever begin anew”.

²⁷ No original: “We are familiar with a kind of new beginning, that made in psycho-analytic treatment, when we try to help the patient to make a fresh start in a life that has become unendurable”

²⁸ No original: *Character Analysis and New Beginning*.

inserida no campo da subjetividade, e menos no biológico. Isso pode ser notado já no início de seu artigo, em que ele se questionava se o paciente realmente desejava uma cura, pois em sua opinião, é necessário pensar no que os analistas querem dos seus pacientes e, principalmente, no que os pacientes querem dos seus analistas. Vale apontar que essa era uma preocupação típica da Escola Húngara.

Diante daquele questionamento supramencionado, Balint (1932) afirmou que basicamente, o paciente não desejava a cura, ou a recordação da cena primária, ou ainda a remoção da amnésia infantil. O paciente desejava em sua análise, de maneira inconsciente, estar habilitado a um amor livre da ansiedade e, além desse, a uma perda do medo.

Balint apontou também que essa demanda aparecia em sua clínica e que o perfil de vários pacientes fugia daqueles pacientes clássicos (com problemas edípicos). Então, vem à tona uma dificuldade que ele encontrava em trabalhar com alguns pacientes que pareciam não ter um lugar na vida e, aparentemente, não havia nada de errado com eles, a não ser pequenos e irrelevantes sintomas neuróticos e, além de tudo, uma insensibilidade de sentir prazer ou de ver sentido. Sobre esse fato, não nos deixa escapar a incrível semelhança desses pacientes da década de 30, tratados por Balint, com os pacientes atuais, tal como aponta Figueiredo (2012).

Esses pacientes, de acordo com Balint (1932), sofriam de um tipo especial de ansiedade, que se caracterizava por um terrível medo da excitação, aliado a um medo de se permitir sentir prazer, quer dizer, um autoprazer. Em uma leitura desse artigo, Figueiredo (2012) complementou esse pensamento ao citar que esses “pacientes não podem suportar ou suportam com muita dificuldade, a elevação da excitação sexual”. (p. 18).

O que poderia, então, estar no cerne desse impedimento? O caminho para uma certa elucidação, seguindo os passos clássicos psicanalíticos, só poderia residir em uma retomada ao infantil. Balint (1932), ao investigar sobre a infância, conseguiu observar uma incompatibilidade da ação do adulto com a recepção da criança. Seria então que os beijos, abraços e amassos desse adulto, poderiam representar, por mais “inocente” que fossem, uma conotação sexual por parte da criança? O próprio Balint respondeu a essa pergunta, ao dizer que os analistas sabiam que não existiam “inocência” nesses atos.

Esse pensamento de Balint é amplamente permeado pela teoria de Ferenczi. Casadore (2012) explicou essa ideia ferencziana sobre a “confusão de línguas” entre adultos e crianças e seus efeitos traumáticos. Segundo ele:

O adulto “confunde” os jogos infantis com desejos sexuais de uma pessoa adulta e desenvolvida, e entende sua sedução enquanto pertencentes a um tipo de linguagem da paixão, para muito além da ternura; parte aos atos sexuais propriamente ditos, sem considerar as consequências. A criança, que desconhece a sexualidade genital “amadurecida” e esperava uma retribuição no plano terno, recebe como resposta, um contato sexual abusivo. (p. 119)

Balint (1932) então, se utilizou da suposição de que a criança não suportaria essa grande quantidade de excitação sexual, devido a uma desorganização (natural, pois ainda não foi amadurecida) psíquica, fazendo com que houvesse uma restrição de seu próprio prazer. Dessa maneira, a representação da excitação dessa criança, quando ela se tornasse um adulto, seria relacionada a um perigo constante, tal como aquela, já vivenciada, de um contato sexual abusivo²⁹.

Após esclarecer isso, é necessário voltar à discussão e contextualizar esse paciente que passa pelo processo do novo começo. Balint (1932) cogitou que uma mudança no comportamento que atingisse a libido estrutural poderia melhorar a vida desse paciente. Porém, essa solução, a princípio óbvia, não parecia condizer com a realidade que os terapeutas viviam na clínica. O próprio Balint colocou as barreiras nessa simplicidade, pois a resistência, por exemplo, dificultaria esse ato.

O que temos, então, é que o novo começo não poderia ser reduzido a uma compreensão simplista, visto a complexidade de nosso aparato psíquico. Balint (1932) apontou a necessidade desses pacientes se entregarem e confiarem novamente nos objetos primários, representando uma entrega a um amor livre. Isso seria o novo começo e essa ideia podia ser resumida no seguinte trecho, escrito por Balint:

Portanto, não é o suficiente para que o paciente saiba que na verdade o objeto dessas condições era para protegê-lo a partir da renúncia, da excitação que era demais para ele; mesmo que ele também conheça o trauma a partir do qual essas condições se originaram, ele ainda tem que aprender novamente para ser capaz de amar *inocentemente, incondicionalmente*, como só as crianças podem amar. Isto leva a condição que eu chamo de *o novo começo*.³⁰ (1932, p. 165, grifos do autor)

²⁹ Sobre esse ponto, é possível pensar na teoria da sedução de Freud, tal como as possíveis relações com Laplanche. Figueiredo (2012) discutiu sobre isso e aponta uma certa negligência de Laplanche, ao não citar Balint, em seus estudos que envolveram a teoria da sedução.

³⁰ No original: “It is therefore not enough for the patient to know that in fact the object of these conditions was to protect him from the surrender, from the excitation which was too much for him; even if he also knows the trauma from which these conditions arose, he still has to learn anew to be able to love *innocently, unconditionally*, as only children can love. This dropping of condition I call the *new beginning*”.

Atrelado a essa questão, para Balint, o caráter³¹ controlaria a relação do homem com seus objetos de amor e de ódio. É exatamente esse controle que representaria um verdadeiro entrave que limitaria a capacidade de amar e de, conseqüentemente, confiar naqueles objetos primários. A análise do caráter, então, teria o objetivo de expandir a liberdade do indivíduo e de “proporcionar uma adaptação mais elástica à realidade externa”. (FIGUEIREDO, 2012).

Fenichel³² concorda e dá mais visibilidade a essa ideia ao explicar que:

Pode-se indagar se alguma análise existe que não seja “análise de caráter”. Todos os sintomas são resultados de atitudes específicas do eu, atitudes que, na análise, se mostram sob a forma de resistência e que se terão desenvolvido no curso dos conflitos infantis. É verdade; e até certo ponto, realmente, todas as análises são análises de caráter. (2005, p. 500).

Percebemos a partir desse relevante artigo de 1932 que o novo começo é essencial para entendermos não somente a clínica praticada por Balint, mas também para compreender alguns casos típicos, hoje, em que uma prática que se aproxima da análise de caráter balintiano se torna essencial.

Um fato interessante a se considerar é que Balint não extinguiu sua discussão sobre o novo começo nesses dois escritos, mas ele continua desenvolvendo essa ideia em outros artigos. Outro ponto a se colocar é que Balint se encontrava nesse momento, de acordo com Figueiredo (2012), em uma discussão que aparentava se limitar em teorias “freudo-ferencianas”. Isso significava que Michael não havia conseguido se desvencilhar desses dois pensadores para avançar em suas conjecturas. Porém, seu artigo de 1935, não apenas denotaria, mas escancararia essas mudanças, pois Balint iria criticar a teoria tradicional e iniciar uma linha de pensamento sua.

³¹ Não existe uma referência e uma definição muito clara para o que Balint classifica como caráter. Entretanto, apontamos aqui a noção de Mijolla-Mellor (2005) sobre o caráter que designou como sendo o “conjunto de maneiras habituais de sentir ou de reagir que distinguem um indivíduo de um outro” (p. 296). Conjecturamos também pelo contexto, que a ideia se aproxima da definição de Scheler, em que o caráter tem a ver com a Personalidade (ABBAGNANO, 2007). Por isso, acreditamos que o “caráter”, para Balint, condiz com um processo maturacional e inconsciente e, portanto, diferente para cada indivíduo. Além disso, o caráter pode possuir uma capacidade de constante adaptação, e o novo começo é essencial para entendermos isso.

³² De acordo com Meszáros (2014), Otto Fenichel (1897-1946) foi um relevante nome para a Escola de Budapeste, além de ser um grande amigo de Balint.

3. Um novo começo: a autonomia de Balint

O início da década de 30, foi muito representativo para Balint em diversos aspectos. Já trabalhamos, até o momento, com dois artigos desse período e gostaríamos de dar destaque nesse capítulo, a dois acontecimentos. O primeiro, diz respeito à perda de seu mestre, Ferenczi, em 1933 e; o segundo, à uma certa independência das questões teóricas “freudo-ferencziana”, mostradas, principalmente, a partir de um artigo de 1935.

Esses dois fatos relevantes ao desenvolvimento da teoria balintiana ocorreram em um período difícil e turbulento de nossa história e a Hungria, devido à sua localização geográfica, com um percentual considerável de judeus e sua política, estava muito próxima dos principais acontecimentos que levaram à Segunda Guerra Mundial. Consequentemente, esse país teve também, uma participação direta nesse acontecimento.

O difícil início de década e a abertura da Policlínica

Em termos históricos, o início da década de 1930 foi um período de pequenos conflitos e, sobretudo, de uma certa violência velada, mascarada em uma suposta paz. Não à toa, esse início de década localizado temporalmente entre as duas grandes guerras, foi marcado pelo fortalecimento de líderes como Adolf Hitler (1889–1945), Benito Mussolini (1883–1945) e Josef Stálin (1878–1953), que seriam protagonistas na Segunda Guerra, que estourou no final dessa mesma década.

De acordo com Molnár (2001), a população na Hungria alcançou 8.688.000 em 1930, sendo que 92% eram húngaros e 5,5% eram germânicos. Dois terços dessa população eram católicos, 27% eram protestantes, 2,8% eram ortodoxos e 5,1% eram judeus. A Hungria apresentava uma das mais fracas economias da Europa e um número bastante alto (estima-se que pouco menos de 3.000.000) se encontravam em situação de rua.

Um trabalho interessante escrito em 1930 por Balint que se relaciona com esse assunto, é intitulado como *A crise da prática médica*. Ricaud (2000) explicou que nesse trabalho, o autor criticou a visão médica de não enxergar o paciente de maneira integrada, totalizada. A razão desse debate se dá por Balint defender que haviam muitas enfermidades de pacientes na Hungria, causadas por fatores econômicos.

O movimento do antissemitismo crescia e isso surtiu um grande impacto na Hungria. Basta considerarmos que na cidade de Budapeste, cerca de um quarto da população (cerca de 250.000 pessoas) era judia. Para se ter uma ideia, havia até uma campanha para que fosse reduzida o número de judeus para 6% dentro de universidades.

Aquele projeto da Escola de Budapeste, que ganhou destaque no governo de Béla Kun, mas, que havia enfraquecido por ter tomado um duro golpe na ditadura Horthy, voltava a se fortalecer, pois os discípulos de Ferenczi (como Balint) que foram obrigados a se refugiar em outros países, estavam retornando no final da década de 1920, com ideias muito promissoras.

Dessa maneira, mesmo com uma perseguição aos judeus, pouco a pouco, os membros dessa primeira onda de psicanalistas refugiados começavam a se reorganizar. Assim, esses membros que estavam espalhados em Viena, em Berlim, em Leipzig, em Paris e em Nova Iorque, estavam regressando, trazendo múltiplas influências e, certamente, as diversas reuniões entre eles trariam uma pluralidade de pensamentos e originalidade para a Psicanálise (MESZÁROS, 2014)

O grupo então voltou a se reunir e discutir os mais diversos temas - como psicossomática, etnologia, educação etc. – sempre tangenciados pela Psicanálise. Essa multiplicidade rendeu notoriedade e respeito, sobretudo em Viena, fazendo com que Freud apostasse muito nessa Associação. Soma-se ainda a isso, a figura de Ferenczi com suas inovações técnicas e teóricas. (RICAUD, 2000)

Porém, é necessário explicar que Ferenczi estava sofrendo algumas injúrias nesse período. Casadore (2012) demonstrou em diversas passagens de seu texto, que analistas como Jones, julgavam que Ferenczi não gozava de boa saúde mental, desqualificando-o e até o retirando de obras que tratavam da história da Psicanálise. É necessário sublinhar esse fato, pois um dos motivos dessa discordância era a ousadia de Ferenczi na clínica. Portanto, podemos pensar nessa grande contradição que existia entre o crescimento da Associação e o ostracismo de Ferenczi, fora da Hungria.

Em 1929, de acordo com Meszáros (2014), a Associação começou a atender alguns pacientes e, com isso, surgia também a necessidade de um local físico. Em 1930, Ferenczi comprou um estabelecimento - construído por Frigyes Kovács, marido de Vilma Kovács - de dois andares e que possuía um jardim, que em 1931, se tornaria a Policlínica.

Mas, abrir a Policlínica não foi uma tarefa simples. De acordo com Ricaud (2000), com a queda de Béla Kun, em 1919, Ferenczi ficou muito abalado por ter que abandonar a cátedra e ele

continuou chateado, mesmo com Eitingon criando a Policlínica em Berlim, em 1920. Ao se passar dez anos, Ferenczi continuou desmotivado, e conjecturamos que outro motivo seria seus desentendimentos com outros analistas. Tudo isso exigiu muito esforço, principalmente de Michael Balint e de Vilma Kovács não somente para animá-lo, mas para também resolver as diversas burocracias para abrir esse centro.

Ricaud (2000) indicou que a Policlínica conseguiu ser inaugurada em dezembro de 1931, tendo Ferenczi como seu primeiro diretor e Balint como seu vice-diretor. Lá, havia uma divisão em que uma parte funcionava como instituto de formação, enquanto a outra, funcionava com os atendimentos. É interessante notar que Balint afirmava constantemente que o objetivo da Policlínica não seria a formação de analistas, mas sim, a terapêutica de pacientes.

Segundo Meszáros (2014), a Policlínica deu notoriedade e contribuiu para um fortalecimento da Sociedade que, nesse período, foi marcada por uma intensidade de atendimentos (aproximadamente, tinha 40 pacientes), de formação de analistas (22 formandos) e, também, de cursos e leituras, com uma realização de 28 seminários entre 1932 e 1934. Sobre os atendimentos, Haynal (1995) apontou que Balint ajudou na criação de um “Psychoanalytic Out-patient Clinic” (que significa: Ambulatório psicanalítico), onde eram atendidos mais pacientes do que em Viena ou em Berlim. Algo que não passa despercebido aqui e que devemos chamar atenção, é que esse grande número de pacientes atendidos, certamente contribuiu para o desenvolvimento técnico e teórico de Balint.

Voltando ao pano de fundo dos pensamentos balintianos, temos que em 1932, um jovem capitão do exército húngaro chamado Gömbös, acabou assumindo e influenciando um pensamento racista pró-Hitlerista (MONTGOMERY, 1999; HAYNAL, 1995) e, como consequência, diversas instituições, principalmente as que tinham ligação judaica como a Policlínica, tiveram que ter suas reuniões sempre realizadas e supervisionadas na presença de um policial. Além disso, outro fator que complicaria a vida dos húngaros ocorreu em 1933, quando Hitler e o Partido Nacional Socialista assumiram o poder na Alemanha.

Esse período crítico, teve mais um fator, forte, que representaria um grande baque para a Sociedade Húngara, em 1933: a morte de Sándor Ferenczi, vítima de uma anemia perniciosa, que estremeceu a Sociedade Húngara que já se via enfraquecida pelas censuras e fiscalizações do governo.

No dia 03 de outubro de 1933, Balint leu sua homenagem a Sándor Ferenczi, que foi posteriormente publicada no *Gyógyaszat*. Na homenagem, foi ressaltada a criatividade de Ferenczi, tanto no plano teórico, quanto no plano clínico, sem perder de vista, o objetivo de aliviar o sofrimento mental das pessoas. Balint (1933a) colocou também que graças a Ferenczi, houve uma superação daquelas técnicas clássicas e a Psicanálise pôde tratar com maior qualidade e quantidade, os mais diversos casos de pacientes, se comparados a 15 ou 20 anos antes desse período.

Essas ideias vão de encontro a alguns aspectos da própria homenagem que Freud (1933) fez a Ferenczi, e nesse escrito, Freud lembrou algumas importantes vivências e trocas de experiências e reflexões sobre a clínica, sobre a ciência e sobre as técnicas. Além disso, o mestre de Viena salientou o forte desejo de Ferenczi em querer auxiliar seus pacientes.

Balint (1933a) destacou também algumas particularidades da técnica de Ferenczi, como a técnica ativa e como isso levou uma intensidade emocional, sobretudo nas análises, ao longo dos anos, aos seus pacientes. Além disso, foi considerada toda abertura de Ferenczi aos novos conhecimentos e uma capacidade ímpar de inter-relacionar a Psicanálise com outros saberes. Para isso, basta observarmos a Associação de Budapeste que possuía escritos sobre Etnologia e Psicanálise, Religião e Psicanálise, Pedagogia e Psicanálise etc.

Por fim, tanto Balint em sua fala, quanto Freud (1933a) em seu escrito, apontaram que Ferenczi deixou ainda alguns trabalhos em aberto que poderiam ser testados, comprovados ou refutados. Porém, mais importante que isso, é que ambos concordavam que Ferenczi era e ainda seria inesquecível nas suas contribuições científicas para a humanidade. É válido apontar que Balint, ainda, escreveu mais uma homenagem ao seu mestre, no ano de 1948, que será abordado, mais à frente. Diante da morte de Ferenczi, Balint assumiu a diretoria da Policlínica, enquanto István Hollós se tornaria o presidente.

Nesse mesmo ano de perdas, Balint produziu mais três importantes artigos para a Psicanálise: *O problema psicológico de envelhecer* (1933b), *Duas notas sobre o componente erótico dos instintos*³³ *do eu* (1933c) e *Na transferência das emoções* (1934d)³⁴.

³³ É necessário apontar que optamos nessa tese por utilizar o termo “instinto” por ser justamente esse o termo que Balint se utilizou em sua vida. Notamos que mesmo nos textos posteriores, o húngaro não se utilizou de outras palavras que poderiam denotar a “pulsão”, como “drive”, por exemplo. Acreditamos que essa opção dele tem ligação com o seu empenho em associar os nossos aspectos inconscientes, com uma vida mais primitiva, ou melhor, mais animalésca.

³⁴ No original: *The Psychological Problems of Growing Old, Two Notes on the Erotic Component of the Ego-instincts e On Transference of Emotions*.

O *problema psicológico do envelhecer* (1933b) acabou sendo um artigo relevante para os estudos sobre o envelhecimento, e não era um tema de estudo inédito dentro da Psicanálise, mas, certamente, foi pouco explorado. Freud, por exemplo, tangenciou essa questão em alguns momentos, como nas primeiras publicações psicanalíticas no artigo *A sexualidade na etiologia das neuroses*, (1898) em que ele defendeu que a terapia com pessoas mais idosas seria inviável pela quantidade de material psíquico que demandaria muito tempo de análise, portanto, quando a terapia fosse terminar, os idosos estariam em um período que não dariam valor à saúde nervosa. Em outros momentos, Freud (1920; 1927; 1930) apontava para um instinto de morte e para uma fonte de infelicidade que se daria devido a transitoriedade da vida.

Em um texto de 1921, Ferenczi escreveu um texto intitulado *Para compreender as psiconeuroses de envelhecimento*. Esse artigo (1921) visava a explicação sobre os casos em que as pessoas não conseguiam modificar uma distribuição libidinal, associada aos processos de envelhecimento. O analista, em confluência com Freud (1914a), indicava que as pessoas idosas voltavam a ser como crianças – narcísicas e, conseqüentemente perdiam seus interesses nos objetos.

Diante desses fatos, podemos afirmar que esse artigo de Balint (1933b), representou um avanço interessante sobre a velhice, do ponto de vista psicanalítico. Nesse texto, para realizar essa análise sobre o envelhecimento, Balint se utilizou dos paralelos existentes entre biografias e obras de pessoas famosas com os problemas sociais comuns.

Explicado isso, Balint (1933b) apontou para dois sintomas comuns na velhice: o lento declínio sexual e também o declínio da atração física. Uma consequência diante disso é o aparecimento do ciúme, por justamente não satisfazer o parceiro ou a parceira, ou até o surgimento de um desejo por um novo objeto. Então, para demonstrar isso, Balint cita o poema *Tagebuch* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), em que o poeta flerta com uma garçõete que leva uma ceia ao seu quarto.

Outro aspecto trabalhado por Balint (1933b) é a relação entre os problemas das funções excretórias, atrelando a isso, a mania de coleção e um amor exagerado pela organização e pela limpeza que acometem alguns idosos. O autor cita para exemplificar esse caso, a rainha Vitória (1819-1901) que quando ficou mais velha, exigiu que fossem separados, etiquetados e dispostos em ordem cronológica nos armários: os vestidos, os guarda-sóis, as peles, os casacos, as facas etc.

Balint (1933b) destacou também que o desaparecimento do desejo sexual, causaria uma angústia mais intensa que o da castração e o prazer poderia ser obtido por outros meios diferentes dos genitais como as revistas pornográficas, os chistes obscenos etc. O último ponto colocado pelo autor reside justamente na angústia da questão da morte.

Ricaud (2000) indicou um importante fato que estava ocorrendo na escrita desse artigo. De acordo com ela, Ferenczi estava morrendo de anemia perniciosa, resultando em um esgotamento fisiológico, ou seja, uma senilidade precoce. Isso, com certeza nos leva a pensar no impacto para o próprio Balint em estar escrevendo um artigo desse teor, visto sua amizade e admiração que ele tinha para com Ferenczi.

Destacamos com esse artigo, um certo avanço de Balint para criar uma teoria sua, apesar dele ainda apresentar uma certa dependência da teoria e dos argumentos de Freud para embasar seus pensamentos.

O *Duas notas...* (1933c) começou a deixar mais explícito sobre o que seria, posteriormente, uma característica que iria marcar, sobretudo, a Escola Inglesa, que é fortemente influenciado pelos pensamentos húngaros. Essa característica diz respeito às relações objetais. Dessa maneira, no começo desse artigo, Balint apontou que é necessário pensar nos investimentos libidinais, para melhor assimilarmos as relações que se dão no nível do eu e no nível do objeto.

Nesse sentido, é importante também compreendermos o componente erótico das funções do eu, que são vitais para nossa sobrevivência, para posteriormente entendermos a nossa relação com nosso entorno e com o amor primário.

Não é difícil de imaginar a grande importância que o eu possui para conseguirmos viver, já que diversas funções estão ligadas a essa instância, tal como o batimento cardíaco, a respiração, a atividade muscular, a excreção etc. e, além destas funções básicas, se encontram outras como a ambição, a dominação, a submissão, a obstinação, a inveja, a generosidade etc.

Em virtude disso, podemos afirmar que o eu nos auxilia a ajustarmos e a adaptarmos em relação ao nosso mundo. Sobre isso, Balint (1933c) apontou sobre a necessidade de educar nossas funções instintuais, como comer e beber. Há funções que começam automaticamente como “respirar imediatamente após o nascimento”, mas boa parte dessas funções, dependerá de adaptações e também de treinamentos. Ademais, para educar esses nossos instintos, é necessário um componente erótico, ou seja, temos aqui que uma pré-condição de uma adaptação é a erotização de algumas funções do eu.

Em um caminho similar ao que Freud percorreu em 1914³⁵, Balint (1933c) explicou a existência do componente erótico nas funções do eu, a partir de uma terapia analítica visando a melhora de uma doença orgânica – a inflamação.

Balint (1933c), seguindo os pensamentos de Ferenczi (1917), apontou que a inflamação (devido ao rubor, inchaço etc.) poderia lembrar uma excitação genital. Sobretudo, a erotização da função do eu é de extrema relevância, já que é responsável, levando em consideração sua particularidade, por ‘avisar’ a consciência sobre um possível órgão lesionado. Enfim, essas reflexões se mostram indispensáveis para conseguirmos compreender a distribuição de libido que ocorre entre o eu e o(s) objeto(s).

No último artigo de 1933, *Na transferência...* Balint (1933d) iniciou sua discussão sobre dois termos importantes da Psicanálise: a resistência e a transferência. Ele explicou que o primeiro conceito é encarado com tranquilidade na comunidade científica, por ser algo muito visível. Por outro lado, o segundo conceito possui muitas barreiras, pelo fato de ser intimamente ligado no campo das emoções, ou seja, de uma não-neutralidade.

Muito influenciado pelo pensamento ferencziano, sobretudo com o texto de 1909 (intitulado *Transferência e Introjeção*), Balint (1933d) argumentou, pensando de maneira científica, sobre a existência de uma transferência de sentimentos e de emoções que nascem de um objeto original e se transferem para alguma outra coisa. Ele, tal como Ferenczi, demonstrou que o fenômeno transferencial ocorre e permeia toda a vida social, de qualquer pessoa.

Balint (1933d) indicou que uma esfera inesgotável para estudar a transferência é o amor. Existe, nesse caso, diversos objetos (materiais) que já foram e ainda são usados para realizar essa transferência, tal como ingressos, vestuários usados etc. Balint chamou atenção para percebermos também o uso de transferência na linguística, quando nos utilizamos das qualidades e características humanas para outras coisas, por exemplo, quando falamos em perna de mesa, dia feliz, ano estressante, entre outros. Enfim, ele mostrou que há uma substituição do objeto original, quando esse não está presente, para alguma outra coisa relacionada ao humano.

Sobre a particularidade das transferências na clínica, Balint (1933d) apontou que o analista, em um primeiro momento, se mantém passivo como um objeto qualquer. Se o analista não mantiver

³⁵ De modo específico, no texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, Freud (1914a) discorreu sobre a retirada da libido do mundo externo no caso da hipocondria que, posteriormente, direcionaria aquela libido para o órgão supostamente afetado.

essa passividade, provoca uma reação de hostilidade ou de amor no paciente. Se o analista se manter passivo por muito tempo, o analisando acaba tendo que montar uma relação sozinho.

A Psicanálise, de acordo com Balint (1933d), explicou que todos temos desejos de amor e de ódio, que são evitados de serem expressos livremente na cultura. Então, Balint nos mostrou que esses desejos geram uma tensão em nossa mente, por estar recalcada ou reprimida e, portanto, um meio de aliviar essa tensão seria via transferência. Isso deixou claro, do porquê a transferência permear todo o âmbito social, para além da clínica.

Enfim, esses artigos de 1933 começavam a demonstrar um amadurecimento e um início de autonomia de Balint. A partir desses, notamos que esse autor ainda estava dependente de uma teoria freudo-ferencziana, porém já principiava a mostrar suas próprias visões e a adicionar seus entendimentos frente aos fenômenos clínicos e sociais. Percebemos também, uma inclinação para trabalhar as relações objetais. Por fim, uma característica interessante que não passa despercebido, é a erudição de Balint e a sua capacidade de realizar paralelos, para esclarecer ou exemplificar aspectos de seus textos.

O movimento de autonomia de Balint

De acordo com Montgomery (1999), Engelbert Dollfuss (1892-1934) foi um ditador austríaco dessa época e era apoiado por Benito Mussolini. Devido ao seu partido (Partido Social Cristão), foi contra os princípios do comunismo (e de todos que haviam apoiado seu governo) e a fim de evitar uma limitação de seu poder na ascensão de Hitler – já que a Áustria poderia se unir a Alemanha –, coibiu o Partido Nazista austríaco.

Montgomery (1999) explicou que em 25 de julho de 1934, Dollfuss foi assassinado pelos nazistas e Budapeste estava em pânico, pois havia um risco iminente do exército alemão invadir as suas ruas. Mussolini, por ter apoiado Dollfuss, conseguiu conter Hitler para que ele não invadisse a Áustria e também a Hungria. Entretanto, é válido ressaltar que o almirante Horthy continuava no poder na Hungria.

Diante desses acontecimentos, é notável mencionar a ressonância desses fatos para a Policlínica, ou melhor, para a Associação de Budapeste. Como já apontado, Ferenczi havia apoiado o Partido Comunista e, conseqüentemente, a Associação se via cada vez mais sufocada pela vigilância de fiscais e policiais.

Tudo isso começava a incomodar, mas ainda não impedia totalmente a produção de artigos e conferências dos membros psicanalíticos húngaros. Balint mesmo, estava produzindo e divulgando alguns trabalhos nesse período.

No ano de 1934, temos a escrita de um artigo intitulado *A luta dos adolescentes contra a masturbação*³⁶, em que Balint (1934a) apresentou a ideia de que, apesar do notório desenvolvimento dos debates envolvendo a sexualidade nos últimos tempos, o problema da masturbação ainda continuava sendo um tabu. Ricaud (2000), sobre isso, explicou que Balint provavelmente se inspirou na obra de sua esposa intitulada *Psicologia do quarto das crianças*³⁷, e em outra obra de seu conterrâneo, Géza Roheim, que escreveu sobre a vida sexual da tribo dos Samoas, para desenvolver esse artigo.

Se colocando como analista, Balint (1934a) direcionou parte desse artigo aos pedagogos, ao dizer que coibir a masturbação seria um grande erro, pois remeteria à angústia de castração. Muito melhor seria uma conversa aberta e franca, em que os adolescentes pudessem se colocar sem medo de repreensão, e esse ato pedagógico surtiria mais efeito do que uma punição frente ao ato de se masturbar. Balint finalizou esse artigo, dizendo que a compreensão desse adolescente de que a masturbação seria natural e representaria uma etapa de desenvolvimento, seria essencial para ele conseguir atingir, de maneira mais plena, o próximo passo – o amor.

Esse artigo de Balint demonstrou um tipo de construção que acabou sendo bastante comum em outros artigos e representava bem o espírito húngaro, que seria uma pluralidade de questões que a Psicanálise se envolvia e tanto Roheim quanto, principalmente, Alice Balint apareciam nos artigos de Balint como grandes sustentadores de suas ideias. Assim, não era incomum Balint versar sobre Pedagogia e Antropologia, além de expressar suas ideias acerca da Biologia e da Química para argumentar alguns de seus pontos de vista psicanalíticos. Outro detalhe que apareceria bastante em seus artigos também é a questão do amor, seja primário ou adulto, ou, ainda, nesse caso, uma preparação para o amor adulto.

Outro artigo que destacamos, é a *Contribuição sobre o fetichismo*³⁸, em que Balint (1934b) apontou que parecia existir certa limitação de uma ideia freudiana, de que o fetichismo seria um

³⁶ No original: *The Adolescent's Fight against Masturbation*.

³⁷ No original: *Psychologie de la chambre d'enfants*.

³⁸ No original: *A contribution on Fetichism*.

substituto do pênis. Indo um pouco além dessa questão e aproveitando sua experiência clínica, o húngaro adicionou o pensamento de que o objeto de amor do fetichista também deveria ter como característica, um cheiro. Diante disso, ele conjecturou que esse objeto, além do substituto de pênis, também pode ter uma relação com as fezes. Ao realizar essa hipótese, ele concordou com um pensamento kleiniano de que nos primórdios do desenvolvimento infantil, as fezes e o corpo da criança continham os pais. Portanto, isso levou Balint (1934a) a pensar, posteriormente, que as fezes não representavam somente as fezes do fetichista, mas, também, as fezes dos pais.

A importância de citarmos esse artigo está no fato de que existe um movimento para se pensar além do que havia sido colocado em relação ao fetichismo como um substituto do pênis, ou seja, Balint (1934a) tentou desenvolver uma questão teórica, mesmo tendo que considerar, ou adicionar algo dentro da teoria freudiana.

A partir desse próximo escrito balintiano que iremos trabalhar, conseguiremos observar um movimento de Balint que denotaria a sua criatividade de pensamento, e a partir de seus experimentos, o húngaro estaria iniciando a escrever suas próprias ideias, por mais que pudesse soar que ele estava se distanciando da teoria psicanalítica clássica. Isso tudo foi fundamental para que se destacasse a sua originalidade.

O escrito intitulado *O objetivo final do tratamento psicanalítico*³⁹ foi proferido no décimo terceiro Congresso Internacional de Psicanálise, na cidade de Lucerna, em 1934, mas foi publicado somente em 1935. Nele, Balint (1935a) iniciou sua fala com um questionamento relevante que incomoda até hoje os analistas: “a nossa experiência clínica seria suficiente para definir o objetivo final [que ocorre na análise], ou pelo menos a direção final deste desenvolvimento natural?”⁴⁰(p. 188).

Diante desse questionamento, Balint (1935a), além de mencionar um caso bem-sucedido de final de tratamento realizado por ele, apresentou a visão de 2 grupos para angariar subsídios para essa complicada resposta. O primeiro grupo, chamado de clássico e embasado na teoria freudiana, acreditava que o objetivo final da clínica se daria com uma mudança estrutural na mente. O segundo, chamado de grupo dos românticos, insistia que o objetivo final seria quando o paciente atingisse a dinâmica do fator emocional.

³⁹ No original: *The final goal of Psycho-analytic treatment.*

⁴⁰ No original: “is our clinical experience sufficient to define the final goal, or at least the final direction of this natural development?”.

Balint apontou seu incômodo com o primeiro grupo justamente por achá-lo insuficiente, principalmente após o fechamento da análise, afinal, o que ocorreria quando o paciente se recordasse de algum evento significativo que ele nunca mencionou em sua antiga terapia? Já o segundo grupo, também problemático segundo o autor, parecia se limitar em algo catártico ou, como já colocado, ter um objetivo final fortalecendo “*a ab-reação dos afetos estrangulados*”⁴¹. (BALINT, 1935a, p. 190, grifos do autor). Além desses dois grupos, Balint examinou o ponto de vista de outros diversos autores que fundamentariam esses posicionamentos, como Vilma Kovács, Otto Rank, Reich etc. Mas, a conclusão de Balint é que todos se apresentavam de maneira deficitária quando a análise fugia do plano da neurose.

Diante dessa problemática, Balint (1935a) propôs retomar o conceito de novo começo como uma importante possibilidade para determinar o fim da análise de um paciente. É válido também demonstrar alguns avanços de Balint a respeito desse conceito.

Conforme já observado, Balint (1932) apontou que o novo começo estava relacionado a uma necessidade de fazer com que os pacientes voltassem a se entregar e a confiar nos seus objetos primários. O autor enfatizou essa ideia quando mencionou: “*tomei consciência de uma característica significativa dessas atividades prazerosas do novo começo. Elas são, sem exceção, direcionada para os objetos*”⁴². (BALINT, 1935a, p. 192, grifos do autor). Esse fenômeno trouxe um primeiro modelo que poderia representar uma ruptura com o pensamento freudiano, pois como poderíamos considerar os objetos primários se a primeira e mais primitiva fase da libido seria o autoerotismo? Balint continua:

As atividades realizadas neste período do novo começo, bem como as suas fantasias, eram tão infantis, tão naturais, tão aproblemáticas, que eu simplesmente não podia considerá-las como as ligações finais em uma cadeia complexa de desenvolvimento. E, para ir mais longe, há muito tempo que sabemos que um em um tratamento analítico estão profundamente escondidas, as camadas mais primitivas que vêm à luz por último. Depois vem outra observação constantemente restaurada⁴³ (1935a, p. 193).

⁴¹ No original: “*the abreacting of the strangulated affects*”

⁴² No original: “I became aware of a significant characteristic of these newly begun pleasurable activities. *They are, without exception, directed towards objects*”.

⁴³ No original: “The activities realised in this New Beginning period, as well as its fantasies, were so childish, so natural, so ablutely unproblematical, that I simply could not regard them as the final links in a complicated chain of development. And, to go farther we have long know that in analytical tratment it is precisely the most deeply hidden, the most primitive layers that come to light last. Then came another constantly repaired observation”.

É notável o embasamento clínico que o húngaro se utiliza para justificar seus pensamentos. Continuando nessa mesma linha de raciocínio, Balint (1935a) explicou que é comum, após a identificação desses objetos, uma fase de paixão. Então, o paciente continua por dias, repetindo essas mais novas atividades prazerosas e se sente bem, como se estivesse dopado por uma droga e, conseqüentemente, é comum aparecer um narcisismo e um egoísmo exacerbado.

Mas, se o paciente e o analista resistirem a essa fase, essa fase de paixão passa e uma verdadeira relação objetal, ajustado a realidade, aparece. Resumindo: “Assim, há primeiro uma relação objetal inequivocamente primitiva-infantil, e isto - se não for devidamente compreendido e tratado - termina em demandas irrealizáveis e um estado narcísico”⁴⁴ (BALINT, 1935a, p. 193), que, acrescentamos, certamente seria muito danoso ao desenvolvimento posterior do paciente.

Entretanto, qual seria o embasamento dessas questões objetais? Balint (1935a), apoiado no pensamento ferencziano, apontou que a criança vive uma relação objetal libidinal, que teve uma origem nos primórdios de sua existência. O mais interessante é que essa relação é passiva e, portanto, a criança não ama, mas somente e simplesmente, é amada. Sobre isso, Figueiredo aponta que:

A sexualidade infantil tem esta natureza especial de requerer a sexualidade ativa do adulto para ser ativada e para poder se desenvolver de forma vigorosa, mantendo-se sempre em relações de objeto passivas e ativas; sendo tanto objeto de investimentos pulsionais quanto investindo seus objetos. Falhas nestas relações primárias, nas quais a criança é passiva, irão atrapalhar profundamente as futuras relações de objeto: nem ela vai poder entregar-se aos objetos eróticos na condição passiva em que o prazer pode ser obtido. Só então o autoerotismo e o narcisismo farão parte deste processo de desenvolvimento, ocupando os lugares deixados vagos pelos objetos insuficientes e falhos. (2012, p. 29).

Percebemos, diante dessa citação, que a relação objetal aparenta ser muito mais arcaica do que Freud havia postulado. Vale apontar também que, de acordo com Balint (1935a), essa criança com o seu crescimento, encontraria mais barreiras para viver essa relação objetal e com isso, viriam as frustrações, tendo como reações, as diversas relações de amor e de ódio.

Como conclusão desse artigo, o autor demonstrou a necessidade da Psicanálise em dar mais importância para as relações objetais, pois dessa maneira, poderia encontrar mais pistas diante de algumas dificuldades clínicas que estavam surgindo. Esse artigo acabou sendo bastante relevante pois Balint resgatou o novo começo de 1932 e conseguiu expor, de uma maneira mais concisa, seu início de discordância do pensamento freudiano, a partir do autoerotismo.

⁴⁴ No original: “Thus, to put it shortly, there is first an unmistakably primitive-infantile object-relation, and this – if not rightly understood and treated – ends in unrealisable demands and a narcissistic state”.

Em *Notas críticas sobre a teoria da organização pré-genital da libido*⁴⁵, Balint (1935b) demonstrou que há uma distinção entre o desenvolvimento das relações de objeto e o desenvolvimento dos objetivos sexuais. A teoria predominante nesse período, inspirada em Abraham e em Freud, era aquela em que um instinto parcial dominante levava a uma satisfação e determinava as formas de relações objetais da criança. Por exemplo, o prazer nos esfínteres no movimento de retenção na fase anal, determinaria algum tipo de escolha objetal na criança. Assim, notamos, a partir disso, que a primazia dos instintos parciais oral, anal e genital, por muitas vezes se confundiam até com o amor oral, anal e genital. Pela teoria clássica, então, haveria, realmente, aquele paralelismo entre o desenvolvimento das relações de objeto com o desenvolvimento dos objetivos sexuais.

Balint (1935b) discordou desse tipo de classificação, alegando que se levássemos em conta a teoria *ipsus litteris*, o estágio polimorfo perverso deveria existir antes desse desenvolvimento psicosexual começar. Além disso, pela teoria clássica, haveria ainda o autoerotismo e também o narcisismo, para, somente depois, vir a relação objetal-oral.

Se isso não bastasse, Balint questionou primeiramente sobre a periodização proposta para cada fase da criança; em segundo lugar, questionou que, ao enfatizar um instinto, a teoria deixava de lado outros instintos parciais⁴⁶ e; por fim, questionou o abandono, pois a teoria parecia não dar o devido valor, às relações objetais.

Dadas tais considerações, Balint (1935b), expõe que:

Estou plenamente consciente de que a presente teoria das organizações pré-genitais foi obtida a partir de observações clínicas imparciais inumeráveis. Não é, no entanto, minha intenção de contestar essas observações, ou melhor, a base da teoria. O que eu gostaria de propor é uma reformulação de nossa teoria, integrando com os fatos já considerados de algumas observações.⁴⁷ (p. 51).

Depois dessa proposta de reformulação teórica, Balint (1935b) explicou que o objetivo principal desse artigo é discorrer sobre o desenvolvimento das relações objetais, isto é, sobre o desenvolvimento do amor, isso porque, para ele, o amor é um fenômeno da relação objetal.

⁴⁵ No original: *Critical Notes on the Theory of the Preenital Organizartion of the Libido*

⁴⁶ Conjecturamos que Balint se inspirou nas ideias da anfimixia, de Ferenczi, para se chegar nesse pensamento.

⁴⁷ No original: “I am fully aware that the present theory of the pregenital organizations was derived from innumerable unbiased clinical observations. It is, however, not my intention to contest these observations, i. e. the basis of the theory. What I should like to propose is a re-formulation of our theory, integrating with the facts already considered some observations”.

Corroborando com isso, Costa (1998, p. 106) indicou que o tipo de satisfação libidinal não determina o tipo de relação objetal, ou seja, o prazer pode influenciar no amor, mas não é determinante para a escolha deste. O autor advertiu que ao observamos o pensamento de Freud, notamos certo determinismo entre essa satisfação libidinal e a relação objetal.

Para se chegar nessa ideia, Balint (1935b) expôs o exemplo do Homem dos Lobos: a criança era dócil e tranquila até sofrer a ameaça de castração. A partir disso, sua vida sexual foi destruída e rejeitada a uma fase de organização pré-genital. Entretanto, Balint, em um movimento similar ao que já vimos no artigo sobre os adolescentes (1934a), questionou sobre a possibilidade de que isso não ocorreria se o adulto simplesmente compreendesse a criança.

Então, Balint (1935b) se indagou sobre a razão de existir uma criança neurótica, às vezes, com uma tenra idade. Certamente, com uma idade tão nova, não teria como imaginar um ponto de fixação que funcionasse de acordo com as vicissitudes instintuais. Por consequência, Balint postulou que era necessário pensar essa neurose pelas relações objetais, quer dizer, pelo amor – pelas gratificações. Entretanto, é necessário apontar uma não preocupação do autor para explicar esses fatos, como constatado a seguir:

Portanto, intencionalmente, eu não irei perguntar o porquê da via oral, anal, uretral, genital, etc. – que são formas de gratificação - aparecem no desenvolvimento e o que eles significam, mas irei limitar o meu problema com a questão: *por que a atitude do indivíduo ao seu ambiente e, especialmente, às de relações objetais mudaram*, e quais são as causas das diversas formas de relações de objeto que descrevemos como oral, anal, fálica, genital, narcisista, etc., amor.⁴⁸ (BALINT, 1935b, p. 59, grifos do autor).

Isso significa que, de acordo com Balint (1935b), em todo momento da vida humana buscamos e encontramos relações objetais e, além disso, conseguimos perceber que a satisfação libidinal influencia sem determinar o objeto e, esse objeto parece depender mais de processos históricos em sua volta. Certamente, isso nos remete a importantes aspectos para pensarmos em nossas primeiras relações objetais.

Mas podemos nos indagar também sobre o motivo de se buscar constantemente essas relações objetais que se daria pela necessidade do homem em retomar, inconscientemente, mesmo

⁴⁸ No original: Therefore, intentionally, I do not inquire why oral, anal, urethral, genital, etc., forms of gratification appear in the development and what they signify, but confine my problem to the question *why the attitude of the individual to his environment and especially to his object-relations changes*, and what are the causes of the various forms of object-relations which we describe as oral, anal, phallic, genital, narcissistic, etc., love.

que parcialmente e por pouco tempo, aquela sensação de bem-estar e tranquilidade que ele vivia com o seu entorno.

Vale apontar que no fato supracitado o sujeito é totalmente passivo, parecendo não ter nenhuma atividade. Balint (1935b) explicou que nessa relação, “*A pessoa em questão não ama, mas deseja ser amada. Esse desejo passivo certamente é sexual, libidinoso*”⁴⁹ (p. 61, grifos do autor). Ricaud (2000) apontou que, para Balint, as relações objetais estão presentes desde o início de nossas vidas e essa questão da passividade, parece ir de encontro com o pensamento ferencziano. É interessante notar também a desenvoltura da teoria de Balint a partir desse ponto, pois ao considerar esse amor primário em um plano técnico, ele conjectura que quando o paciente está em final de análise as expressões das primeiras relações objetais começam a aparecer, e isso significaria, o novo começo.

Por essas características, observamos que a passividade encontrada nesse tipo de amor é tanta, que o sujeito nem parece se importar com o ambiente. Isso tudo pode ser traduzido por um amor terno, com uma sensação tranquila de bem-estar.

Dessa maneira, o autor mostrou que a sexualidade é a fonte instintual do amor, mesmo sendo uma “sexualidade não-sensual” (passiva). Mas, isso não quer dizer que o amor adquiriu essa característica de ternura graças ao recalque⁵⁰. Para Balint, essa questão é diferente. Segundo Costa, “a ternura estaria no começo e não no fim. O desejo terno seria uma manifestação emocional espontânea na criança e não o efeito do recalque ou da censura sobre a perversidade polimorfa [...] ou sobre o desejo incestuoso” (1998, p.109).

Aquele estado de passividade em relação ao entorno, é chamado por Balint (1935b) de “objeto de amor passivo”. É ser amado, em todos os lugares e de todas as maneiras, em uma completude. Isso, segundo Stewart (2007), seria o alvo final de todo esforço erótico. Por essa razão que buscaríamos esse objeto a vida toda, por diversos caminhos. Um desses caminhos pode ser via narcisismo, por exemplo, quando a pessoa tenta se amar. Outro caminho também pode ser por um “objeto de amor ativo”, quer dizer, quando eu amo e gratifico meu parceiro visando a retribuição dele.

⁴⁹ No original: “*The person in question does not love, but wishes to be loved. This passive wish is certainly sexual, libidinous*”.

⁵⁰ Como observamos nas teorias de Freud.

De acordo com Costa (1998, p. 111) o “desejo é apaixonado, mas não o prazer. Prazer apaixonado, para Balint, é a descarga sexual voluptuosa”. Podemos desejar sem que o objetivo seja esse prazer apaixonado. Como já observado, na paixão terna, o desejo é ser amado passivamente e o interessante é apontar que esse desejo não é patológico, mas sim sadio e vigoroso. A relação amorosa primária sadia tem o desejo apaixonado, mas não o prazer apaixonado. Nesse sentido, não há oposição entre paixão e ternura, mas sim entre prazer apaixonado e prazer terno. De acordo com esse artigo de Balint (1935b), percebemos que o desenvolvimento mais primitivo não condiz com o ódio ou a agressividade, mas sim com o amor e com a libido, ou seja, o ódio seria secundário frente a frustração e a separação.

Como podemos notar, todo aquele desenvolvimento de autonomia que se iniciou nos primeiros artigos de Balint parece ter culminado nesse relevante artigo de 1935. Apesar de não deixar explícito, não é de se espantar que Balint, após criticar duramente o desenvolvimento psicosssexual, em breve, romperia com o conceito de narcisismo primário tal como Freud o postulou.

Não poderíamos deixar de mencionar aqui, a postura de Balint nesses primeiros anos para expor suas ideias e tracejar os mais diversos aspectos de fenômenos clínicos, com muita erudição, preocupação, ética e, sobretudo, sinceridade.

Essa sinceridade de Balint, certamente o fez desprender, pouco a pouco, das diversas heranças da Psicanálise clássica, conseguindo refutar - a partir de suas observações clínicas - de conceitos cristalizados e, portanto, tidos como indubitáveis. Essa sinceridade clínica, certamente, tem um embasamento em Ferenczi, mas também percebemos que Balint caminhava a passos largos para uma independência de pensamento que representava bem o espírito de autonomia e liberdade que reinava na Hungria, de maneira mais específica, na Escola de Budapeste.

Nesse capítulo lançamos três importantes pontos, inter-relacionados, que destacamos aqui: o primeiro diz respeito ao conceito de novo começo, tendo como disparador, os artigos de 1930 e de 1932; o segundo condiz com o destaque do papel das relações objetais e a sua relação com o amor; o terceiro, se insere no caminhar de Balint para se desprender (e não abandonar) dos aspectos freudo-ferenczianos para conseguir conquistar um espaço de pensamento mais original, esboçado, nesse momento no artigo de 1935 (*Notas críticas...*). Esses três aspectos são fundamentais para entendermos também a clínica desenvolvida por Balint.

Por fim, apontamos também que no artigo de 1935 supramencionado, poderia ficar uma lacuna se pensarmos na questão de um amor mais ativo, libidinal e erotizado. Não à toa, após uma breve explicação contextual, trabalharemos com esse tema específico no próximo capítulo para, posteriormente, abordarmos mais profundamente esse pensamento balintiano sobre o amor.

4. O amor entre perdas: a produção de Balint do final dá década de 1930

O dia se renova todo dia,
Eu envelheço cada dia e cada mês.
O mundo passa por mim todos os dias,
Enquanto eu passo pelo mundo uma vez.

Alvaiade

Como observado no capítulo anterior, esse início da década de 1930 foi bastante fecundo para o desenvolvimento de uma autonomia do pensamento de Balint, mesmo diante das perdas significativas que ocorriam em sua vida, sobretudo com a morte de Ferenczi e também com a falta de liberdade - aliada a uma onda de preconceitos - na Hungria.

Apesar desses percalços, consideramos que a última metade da década de 1930 e o início de 1940, continuou sendo bastante produtivo, sobretudo entre 1933 a 1937, mas finalizou com perdas mais intensas, visto que além da queda significativa da produção de Balint após esse período, houve uma reclusão do húngaro, depois desse tempo.

Assim, nesse capítulo, apresentaremos os seguintes aspectos: 1) em relação à vida de Balint, discorreremos sobre sua mudança da Hungria para Inglaterra e, também, a respeito da perda de sua esposa, Alice, em 1939; 2) em relação aos aspectos teóricos, veremos a consequência da autonomia do pensamento balintiano, destacando principalmente a questão do desenvolvimento do amor primário; 3) em relação ao contexto histórico, trabalharemos com os graves efeitos da iminência da Segunda Guerra para os húngaros.

Confrontos e novas produções: passividade e amor objetual primário

A situação da Hungria nessa última metade da década continuava tensa, especialmente aos judeus, que percebiam, cada vez mais, Hitler e o nazismo se fortalecendo e também conseguindo disseminar a sua ideologia. Nas Olimpíadas de 1936, em Berlim, por exemplo, Hitler investiu e construiu o enorme Estádio Olímpico e passou uma imagem de uma nova Alemanha para o mundo em um evento no qual não houve incidente algum. Em relação ao quadro de medalhas, a Alemanha ficou em primeiro, os Estados Unidos em segundo e a Hungria em terceiro. Esses dados mascaravam um clima de terror e uma latência de guerra prestes a explodir e ter a Hungria, novamente, como um dos palcos a serem destruídos.

Diante disso, ressaltamos o clima de tensão e de desconfiança que existiam nos territórios húngaros com aqueles que não compartilhavam com a ideologia nazista. Isso explica o porquê entre 1936 e 1938 terem sido anos tão terríveis para a Policlínica. Ricaud (2000) apontou que a polícia comandada por Horthy estava à caça de comunistas e, então, a Policlínica corria muito risco, pois além dela ser liderada por pessoas ligadas ao judaísmo, recebia e abrigava comunistas. Para ilustrar isso, ressaltamos que as diversas reuniões que ocorriam nesse local, só eram realizadas sob a presença da polícia. Apesar dessa pressão, na qual os analistas deveriam se conter durante as reuniões, Ricaud contou um interessante detalhe: no final das reuniões da Policlínica, os policiais procuravam os analistas húngaros para relatar seus diversos problemas, que se inseriam, geralmente, no universo das relações com as mulheres e com os filhos.

Apesar desse clima desfavorável, Balint continuou desenvolvendo importantes trabalhos teóricos e técnicos, sem deixar de lado seu espírito livre, criativo e plural. Isso significava que, embasado em suas experiências e observações clínicas, ele continuava confrontando, discutindo, comprovando e refutando os mais diversos aspectos consolidados e/ou nascentes da Psicanálise.

Um desacordo importante que foi tema central dos pensamentos de Balint desse período, se dava nas discussões sobre o narcisismo primário. Isso porque ele não acreditava que, ao nascer, o indivíduo não possuía relação, ou havia pouquíssima relação, com seu entorno. Além disso, o autor apontou que existiam muitas contradições e confusões entre as publicações que envolviam as noções de autoerotismo, de narcisismo primário e de relação objetal primária.

É certo que esses três conceitos acabavam por denotar um estágio muito primitivo e, portanto, pré-edípico. As observações de Balint, constatavam facilmente os fenômenos concernentes ao autoerotismo e à relação objetal primária. Entretanto, Balint (1968)⁵¹ afirmava não encontrar comprovações clínicas do narcisismo primário, ao contrário da rica e fácil observação do narcisismo secundário.

O que se percebe é que Balint se mostrava muito interessado por esse estágio pré-edípico e, mais do que isso, revelava uma especial avidez às relações mais primitivas. Então, conforme já demonstrado no artigo *Notas críticas...* (1935b), Balint foi levar em consideração a relação do bebê com o seu entorno.

⁵¹ Apesar de se ter deslocado contextualmente a obra *A Falha Básica* (1968/2014) quando ainda estamos discutindo o período da última metade da década de 1930, acreditamos que as explicações dadas por Balint em 1968 esclarecem os artigos dessa fase.

É fato que essa relação não era uma novidade no mundo psicanalítico e foi alvo de investigações de diversos pesquisadores, inclusive de Freud. Balint (1968), em suas pesquisas, considerou que Freud possuía 3 pontos de vista distintos sobre a relação entre o bebê e o entorno:

- a) Embasado nos *Três ensaios...* (1905), temos que, no início, o instinto sexual visa um objeto fora do corpo, e diante da perda objetal, a pulsão se tornaria autoerótica. Posteriormente, outros objetos de amor seriam, na realidade, contínuos reencontros com a primeira satisfação sexual. Ou seja, Freud (1905) indicou que na puberdade teremos o primado das zonas genitais, que no caso do homem, significa uma possibilidade de penetração. Assim, teremos um encontro do objeto com algo que já estava sendo preparado na infância mais tenra. A mais primitiva satisfação sexual tinha ligação com a nutrição. Isso nos remete ao instinto sexual que “tinha um objeto fora do próprio corpo, no seio materno”. (BALINT, 1968, p. 55). Depois, ele perde esse objeto quando o entende de maneira mais totalizada. O instinto sexual se torna autoerótico e depois de superar o período de latência, se restabelece a relação originária. Nesse sentido, a amamentação seria modelo para todos os relacionamentos. Temos então uma noção freudiana de uma relação objetal precoce, mas ainda, conforme conseguimos observar nas *Conferências Introdutórias* (1917), essa relação objetal precoce servia em benefício do conceito de narcisismo primário;
- b) Embasado no *Sobre o narcisismo...* (1914a), temos uma relação do narcisismo com o autoerotismo, sendo que esse último é colocado como um estado precoce da libido. No início o ego precisa se desenvolver e os instintos autoeróticos estão ali presentes. A partir de uma ação psíquica no autoerotismo, conseguimos chegar no narcisismo. Ao se considerar ainda a análise de Leonardo da Vinci (1910) e de Schreber (1911), temos a ideia de que o narcisismo seria um estágio entre o autoerotismo e o amor objetal. Ou seja, no sentido freudiano, a “forma mais primitiva de relação do indivíduo com seu entorno é o autoerotismo, seguida pelo estágio narcísico, a partir do qual então se desenvolvem as relações objetais” (BALINT, 1968, p. 57)
- c) Referenciados pelo *Esboço de Psicanálise* (1938), conseguimos especular que quando o reservatório da libido está no ego, em sua forma originária, chamamos de narcisismo primário. A sua retenção permanece até que o ego comece a investir nos objetos.

Diante dessas três relações estabelecidas por Balint (1968), consideramos, respectivamente, as ideias de um amor objetal primário, de um autoerotismo primário e de um narcisismo primário. Peixoto Junior (2013) indicou que, com esses fatos, Balint se perguntou se Freud deixou em aberto a existência de um narcisismo primário no ego.

Balint (1968) questionou ainda algumas defesas empíricas clínicas em que seria possível observar o narcisismo primário: em casos de homossexualidade, em surtos de megalomania psicótica e em estados de sono. Sobre o primeiro, ele negou mesmo concordando que a homossexualidade seria um consequencial de um período muito primitivo com a figura materna, mas ainda é posterior à fixação e à identificação com a mãe; na megalomania psicótica, o autor observou a presença marcante da onipotência e, isso, seria um consequencial de uma tentativa de defesa de experiências frustradas já experimentadas; no último caso, o sono representaria um estado primitivo de paz com o entorno, em que haveria uma relação mais primitiva e satisfatória com os objetos. Ou seja, nas duas primeiras situações, observamos um narcisismo secundário e, na última, em especial, é possível observar uma relação objetal primária e, não um narcisismo primário.

Esse espírito investigativo e questionador de Balint o levou a conjecturar a respeito do amor primário. Conforme já discutido no artigo *Notas Críticas...* (1935b) passamos primeiramente, por uma relação objetal mais passiva, para, em outro momento, entrarmos em uma relação mais ativa. A partir disso, Balint inverteu o que era comumente colocado nos círculos psicanalíticos, e isso, contribuiu com a sua questão clínica. Peixoto Junior (2013) apontou que uma possível cura clínica seria para restituir a relação primária com seu entorno. Isso possibilitaria também um novo começo. Esse amor primário “condizem-nos ao coração da originalidade de Balint, ainda que aqui sua dívida para com os trabalhos de Ferenczi seja inegável”. (PEIXOTO JUNIOR, 2013, p. 30).

No ano de 1936, em um modelo de pensamento e argumentação bem freudiano, Balint investigou o que seria o amor ativo e passivo e iniciou sua jornada em alguns estudos no campo da Mitologia. A partir dessa experiência, Balint escreveu um importante artigo sobre o amor intitulado *Eros e Afrodite*⁵². Como já discutido no capítulo anterior, as investigações de Balint pareciam levá-lo a pensar em um tipo de amor passivo. Mas, como ficaria o tipo de amor ativo? É justamente sobre isso que Balint discute nesse artigo de 1936. Para realizar tal intuito, o autor começa relatando a história de Eros e Afrodite⁵³.

⁵² No original: *Eros and Aphrodite*.

⁵³ Segundo a denominação grega. Para os romanos, eles são, respectivamente, Cupido e Vênus.

De acordo com Balint (1936), na Antiguidade, haviam duas entidades clássicas soberanas do amor e, apesar de se referir ao mesmo tema, as entidades eram separadas e bem diferentes. A primeira, era a mãe-deusa, Afrodite que, em alguns períodos era representada como nova, encantadora e linda. Além disso, era tão sedutora que, de acordo com Franchini e Seganfredo (2003), quando Afrodite nasceu, foi descrita como a mais bela cabeça feminina que a natureza já havia criado, além de ter o corpo mais liso e simétrico, com cintura e os seios perfeitos. Não é à toa que os outros se apaixonavam por ela constantemente. Segundo a mitologia, ela tinha muitos amantes e devido a isso, Balint afirmou que ela deveria ter uma vida sexual madura, além de, não necessariamente, praticar o sexo com o mesmo parceiro. Segundo Julien (2005), por esse motivo, ela também era conhecida como *Libentina*, que significa, “deusa do prazer”.

Outra figura divina citada por Balint (1936) foi Eros. Apesar dele ser representado como uma criança, possuía imenso poder. De acordo com a mitologia, ele era brincalhão, travesso, desonesto e insolente. Um fato a se destacar é que Eros nunca foi visto como um homem crescido e sempre acompanhava e era fiel a Afrodite mas, apesar da promiscuidade da deusa, Eros nunca teve uma relação sexual com ela.

Dada as características divinas, vale mencionar também que, durante a nossa história, incluindo os tempos antigos, havia uma diferenciação da gratificação sexual em “prazer preliminar” e “prazer final”. Balint começou a pensar nesses dois tipos de gratificações, relacionando-os a partir das histórias de Eros e Afrodite.

Assim, o autor iniciou sua explanação apontando a proximidade entre o “prazer final” e a ansiedade. Ele afirmou isso, ao observar que diante de uma ansiedade, se houvesse uma ação para um prazer final, supostamente a ansiedade cessaria. Balint (1936) explicou que se a proporção da capacidade do homem em tolerar o orgasmo for pequena e se suas experiências de “prazer final” são limitadas internamente e externamente, ele sucumbe à ansiedade. Ou seja, quando há um caso de ansiedade neurótica, esta foi gerada por uma excitação contínua não consumida. A ansiedade, então, poderia cessar na completa gratificação, no “prazer final”.

Mas, Balint alertou que, do mesmo modo, em crianças, existe uma ansiedade mesmo que não haja esse conhecimento do orgasmo como em um adulto. A explicação para isso, seria que a condição de ansiedade estaria então, na desproporção entre a atual excitação e as oportunidades de gratificação, quer dizer, haveria uma falta de descarga dessas excitações.

Em outro momento de seu texto, o referido autor apontou que para muitos estudiosos, na perversão há um componente instintual se estabelecendo e determinando uma hegemonia da genitalidade. Assim, a principal sexualidade acabaria por ser organizada sobre essa primazia de tal componente instintual, ou seja, envolto da genitalidade. Mas, de acordo com Balint, esse movimento não era tão simples.

A razão disso é que, para Balint (1936), nos perversos, os componentes dos instintos ocupavam o primeiro plano e a excitação preponderava sobre o resto. Mas, no final – argumentou Balint - os perversos encontravam prazer no método genital, ou seja, no “prazer final”, mesmo que de modo secreto. Nesse sentido, a perversão é, então, somente um meio de estimulação. Diante disso, conjecturamos que é um prazer preliminar que pode vir a tornar-se uma perversão.

Um importante passo nesse momento, consiste na discussão sobre o que seria esse “prazer preliminar”. Segundo Balint (1936), esse tipo de prazer não seria masculino e nem feminino, visto que são experimentados pelos mesmos sexos da mesma maneira e, além disso, tanto o alvo como os objetos são os mesmos. O autor aponta ainda que para pensarmos em algo sexualizado, deveríamos considerar um papel ativo e um papel passivo. Entretanto, como já elucidado, no “prazer preliminar” não há essa distinção de papéis, de modo que é possível pensar que ele não é sexualizado. Ainda segundo o autor, quando consideramos o papel de atividade e passividade, remetemos sempre ao “prazer final” e não ao “preliminar”. Neste, os sexos não estão diferenciados ainda, enquanto que naquele, os sexos já estão diferenciados.

O “prazer preliminar” é simples. Ele se constitui na criança, geralmente no ato de acariciar, de fazer cócegas, de lamber ou de chupar. Já nos adultos as possíveis correspondências poderiam ser o sorrir ao contar uma piada, o gritar frente a alguma situação, o chorar etc. Enfim, o “prazer preliminar” é encarado muitas vezes como um tipo de jogo, muitas vezes incoerente, sem sentido, ou até um passatempo.

Já o “prazer final”, pelo contrário, é sério, dramático e algumas vezes trágico, visto que na natureza, há muitos animais que morrem no primeiro orgasmo. Mas, poderíamos facilmente nos questionar sobre essa posição de Balint, pois geralmente, o orgasmo é sentido como uma espécie de um ápice de prazer.

Entretanto, temos que explicar algumas particularidades: devemos considerar uma possibilidade de se pensar o “prazer final” de modo totalmente isolado. Além disso, quando retomamos o *Além do princípio de prazer*, de Freud, de 1920, temos que o instinto de morte busca

sempre uma tensão zero, após uma forte descarga. Balint (1936) até exemplifica um suposto sofrimento no “prazer final”, ao repararmos nos semblantes dos rostos no momento do orgasmo.

Vale apontar então, que o “prazer final” obtido, por exemplo, pelo coito, - ao contrário do “prazer preliminar” - não é um passatempo, mas tem uma intenção, possui algo para ser realizado. Mas, logicamente, podemos ver a relação em que são utilizados o “prazer preliminar” e o “prazer final” nos adultos. Nesse sentido, Balint explicou que aí o jovem se torna homem e a garota se torna mulher. Isso porque, para o autor, o nosso corpo, originalmente é assexual⁵⁴ e, logicamente, não tem capacidade de orgasmo. Mas, ele possui um erotismo, um “prazer preliminar”. Entretanto, com o passar do tempo, no curso da filogênese, nosso corpo se desenvolve e se capacita para conseguir obter o “prazer final”.

De modo sintético, Balint mostrou que o “prazer preliminar” começa a se desenvolver a partir do nascimento e, está sempre presente até a morte; já o “prazer final” é desenvolvido mais tarde - geralmente na puberdade, é marcado por um certo tempo e o limite varia de acordo com o indivíduo. O “prazer preliminar” também possui um mecanismo simples e não tem uma localização orgânica específica; o “prazer final” possui um mecanismo complexo (ereção, fricção, ejaculação, secreção e contração) e uma localização orgânica específica. O “prazer preliminar” não tem um fim determinado, é indefinido; o “prazer final” tem um fim determinado (que é o orgasmo). Por fim, temos que o “prazer preliminar” pode ser expresso pelas brincadeiras, enquanto o “prazer final”, geralmente, está ligado a algo mais sério.

Após essas explicações, é possível relacionar Eros com o “prazer preliminar” e Afrodite com o “prazer final”. Ou seja, Eros faz parte de um prazer assexual, relacionado a uma certa imaturidade, com brincadeiras; enquanto Afrodite se aproxima mais do que conhecemos como o amor adulto, mais maduro⁵⁵. Certamente, diante disso, algo que pode nos remeter a certa dúvida seria a figura de Eros, ou seja, como pensar em um prazer assexual? Então, é necessária uma reflexão sobre o que seria esse prazer assexual, que, de acordo com Balint (1936) estaria ligado a um tipo de amor primário.

⁵⁴ Acreditamos que Balint se utiliza desse termo questionando um outro lugar comum da psicanálise, por acreditar que a relação objetal é anterior ao autoerotismo.

⁵⁵ Obviamente, sem levar em consideração a questão moral.

Um artigo interessante de Balint que explica melhor essa condição é *O desenvolvimento prematuro dos estados do eu. Objeto primário de amor*⁵⁶, de 1937. Neste escrito, Balint (1937a) explicitou seu ponto de vista acerca dos estados mentais mais primitivos, defendendo seu regionalismo (advindo de Budapeste), o posicionando frente ao regionalismo dos londrinos e dos vienenses.

Esse espírito húngaro foi apresentado por Casadore (2014), e se caracteriza pela liberdade criativa plural e interdisciplinar. Acreditamos que esse espírito poderia ser representado a partir desse artigo supracitado. Nele, Balint (1937a) se utilizou de alguns estudos de outras áreas realizados por sua companheira, Alice Balint e também por seu amigo, Imre Hermann.

Para esse escrito, Imre Hermann foi investigar sobre os estados mentais mais primitivos, se utilizando da Psicologia comparada, mais especificamente, nos estudos sobre os primatas. Alice Balint foi realizar estudos dentro da pedagogia. Michael Balint, por sua vez, foi buscar pistas dentro da teoria da sexualidade. O grande objetivo dessas três frentes, foi se perguntar o quanto dessas experiências mentais mais primitivas poderiam ser inferidas nas diversas observações. Notamos também que, a partir disso, iremos encontrar subsídios para uma reflexão sobre o prazer assexual.

Dentro da clínica, Balint (1937a) observou que vários pacientes demandavam uma gratificação mais primitiva, tanto por parte de seu analista, como também por parte do ambiente. Além disso, ele percebeu que quando ele se mantinha em uma postura totalmente passiva, essas demandas eram frustradas e, em seu lugar, apareciam sentimentos de abandono, desapontamento, desconfiança etc., atrelados ainda, a agressões e desejos sádicos do paciente em relação ao analista.

É interessante também perceber que, por outro lado, quando o analista conseguia atingir essas gratificações mais primitivas, os sintomas desapareciam e os pacientes se sentiam bem saudáveis. No entanto, Balint fez uma ressalva de que na primeira frustração sofrida, o paciente tendia até a se desestruturar gravemente.

Quais seriam esses desejos, tão exigentes de gratificações por parte dos analisandos? Balint (1937a) respondeu que estariam em atos simples, como uma palavra do analista, a permissão de chamá-lo pelo primeiro nome⁵⁷ ou chamar o paciente pelo primeiro nome, tocá-lo e até emprestar alguma coisa ou aceitar um presente.

⁵⁶ No original: *Early developmental states of the ego. Primary object-love.*

⁵⁷ Essa permissão para chamar pelo primeiro nome é algo culturalmente empregado em alguns países e que demonstra intimidade entre as partes. Para a realidade brasileira, em que é rotineiro nos tratamos pelo primeiro nome, essa

Longe de discutirmos sobre o papel da sedução em cada ato, temos um outro tipo de recomendação frente a isso. De acordo com Balint, é necessário que o analista crie um ambiente que satisfaça o paciente, pois, uma satisfação narcísica ou autoerótica não daria conta, ou daria conta em um curto espaço de tempo. Para o autor, esse ambiente daria a ele um tranquilo sentimento de bem-estar.

Dessa maneira, Balint afirmou que isso levaria o paciente a reencontrar ou redescobrir o momento da fase da vida mental extrauterina mais primitiva. Assim, percebemos que ela não seria narcísica, mas direcionado aos objetos. Além disso, representaria um movimento passivo, em que existe apenas um: *“quero ser amado e satisfeito, sem precisar amar o outro ou dar algum retorno”*⁵⁸. (BALINT, 1937a, p. 98-99, grifos do autor).

Para o autor, o movimento narcísico seria posterior, justamente por já ter havido uma relação objetal. Ou seja, o narcisismo representaria uma espécie de proteção contra um mau objeto de tal maneira que, se eu não fui amado o suficiente no mundo, ou se não foi me dado muita gratificação, eu vou amar a mim mesmo. Sobre aquela inversão, já mencionada em *Eros e Afrodite* sobre o amor passivo e o amor ativo (relacionados, respectivamente ao prazer preliminar e o prazer final), o amor ativo viria posteriormente, pois a lógica seria fazer alguma coisa ao outro, mas sempre esperando um retorno (bem diferente daquela forma de ser amado, sem necessitar retribuir o outro, característico do amor passivo).

Sobre essas colocações, Balint se utilizou dos resultados dos estudos de Hermann também. De acordo com o primeiro, no novo começo, o desejo aparecia na forma de ser tocado ou tocar o paciente. Hermann conseguiu observar que no caso dos primatas, o bebê fica por muito tempo pendurado ou agarrado em sua mãe. Mas, isso acabaria sendo bastante diferente no ser humano que, desde muito cedo, fica separado de sua mãe. Balint criou uma hipótese, de acordo com as questões filogênicas, de que o toque seria importante para um novo começo e isso influenciaria a criança em diversos comportamentos como chupar o dedo, chupar a mão, dormir etc. Balint reiterou o pensamento desse autor, sobre a tendência geral de se agarrar em um objeto quando estamos em uma situação de extremo perigo. Ele ainda indicou que, para Hermann, esse “apegar” funcionaria como uma relevante base para outros futuros atos simbólicos, como fumar.

colocação pode não parecer tão relevante. No entanto, quando pensada através da realidade contextual de Balint demonstra ser uma questão importante.

⁵⁸ No original: *“I shall be loved and satisfied, without being under any obligation to give in return”*.

Alice Balint também contribuiu de forma significativa nesse artigo, ao relacionar as pedagogias com a educação de algumas tribos. De maneira objetiva, ela apontou essas seguintes conclusões:

- A fase de relação objetal que se chamaria objeto primário de amor ocorre muito cedo na vida;
- Essa fase seria inevitável e necessária para o desenvolvimento mental. Outras relações objetais se remeteriam a algo mais primitivo;
- Essas formas de relações objetais não estão ligadas às zonas erógenas, sendo uma outra forma de amar. A base biológica dessa relação objetal primária é a interdependência instintual entre mãe e criança, em que as satisfações são tão próximas e quase idênticas, que podem se confundir;
- Essa relação tão íntima não é bem aceita pela civilização;
- Se o desejo instintual é satisfeito na hora, a experiência de prazer nunca vai além de um prazer final. Mas, se a frustração vem, é necessário um outro tipo de prazer, também final, que se manifesta de outros modos não tão simples, como por exemplo, com as adições.

Diante desses importantes estudos, temos algumas pequenas observações a colocar: fica nítida a importância de uma relação objetal primária e, conseqüentemente, do amor primário no constructo teórico e técnico de Balint. Além disso, é interessante notar a relevância do “modo de pensar húngaro” que acaba se instaurando no pensamento balintiano, com investigações psicanalíticas fundamentadas também em outros campos de saber como a Antropologia, Mitologia, Biologia, Pedagogia etc.

Cabe apontar que ainda estamos argumentando sobre alguns aspectos de uma teoria em construção, mas que consegue nos passar ou questionar sobre alguns pontos mais engessadas da Psicanálise. Por exemplo: era e ainda é novo pensarmos sobre um prazer ou um corpo assexual. Mas, com o advento dessas relações objetais primárias e, conseqüentemente, com o amor primário, caminhamos para um tipo de pensamento de que tudo isso representa um conseqüencial posterior de um “prazer preliminar” não (totalmente) satisfeito. Parece então, que estamos defendendo um novo tipo de raciocínio psicanalítico que não teria como um ponto de partida em relação ao desenvolvimento humano um autoerotismo ou um narcisismo primário.

Todas essas colocações supramencionadas provocam um desconforto por justamente inverter um certo funcionamento libidinal, que leva a uma pequena revolução que acaba tomando grandes proporções de modificações metapsicológicas. Afinal, qual a conseqüência de se supor uma primeira relação objetal anterior ao autoerotismo e ao narcisismo? Diante disso, como

sustentar que as primeiras relações seriam mais voluptuosas e, somente posteriormente se dariam as relações mais ternas? Justamente por essa insustentabilidade provocada pelo pensamento de Balint, de um *quantum* energético que ainda não se passou e se guardou em uma estrutura ainda em construção que se chama ego, é que Balint defendia a noção de uma relação primitiva objetal marcada pela passividade, de ternura e de interdependência em relação ao seu ambiente, sem ação e assexual, pois, nos parece que a questão sexual vem justamente após uma frustração, ou até de uma certa *falha básica* que desestruturará essa importante harmonia ambiental.

Então, embasados pela teoria até esse momento, acreditamos ser mais possível a compreensão de Balint, quando este afirma que as zonas erógenas dependeriam mais do contexto histórico do que de algo biológico. Pensamos que justamente pelo nosso fator físico, é incomparável o “apegar” ou o “agarrar” que um primata apresenta como comportamento, diante de sua mãe. Apesar do nosso reflexo de apreensão (que talvez aí, representaria uma filogênese), não apresentamos força o suficiente para realizar algo nesse sentido, de maneira tão efetiva. Diante disso, nosso “apego” se dá pelas questões orais, pois conseguimos certo “apego” no mamar. Mas, é importante notar que tudo isso se dá justamente pela separação ocorrida de nosso ambiente de interdependência, tão harmonioso. Não à toa, o toque era algo tão relevante no novo começo de Balint, como tentativa de redescobrir esse amor primário.

Espírito húngaro de Balint

No começo de *O estado prematuro do eu...* (1937a), Balint demonstrou diferentes opiniões (conforme seu próprio termo) que existiam sobre os mais diversos assuntos dentro da Psicanálise. Dentro disso, ele explicitou sobre a grande dificuldade encontrada nos regionalismos nesses diversos pontos de vista e, acabou elegendo a temática dos “estados mentais mais primitivos” para explicar isso.

Dessa maneira, ele destacou três grandes regiões em que a Psicanálise era bem discutida e, portanto, conseguiriam trazer importantes pistas sobre essa temática supracitada: Londres, Viena e Budapeste.

De acordo com Balint, os londrinos enxergavam as primeiras experiências do bebê como algo mais agressivo e mais hostil, com impulsos canibais, para posteriormente, aparecerem sentimentos de culpa e de remorso, possibilitando mais a frente, sentimentos mais ternos. De

qualquer maneira, existiria algo próximo do amor mais ativo e mais passivo que dependeria e englobaria a identificação e a introjeção em um interjogo de objetos bons e maus. Além disso, vale notar que, para os londrinos, a infância nasceria de um estado de narcisismo primário, sendo que então, o sadismo e a agressão apareceriam muito cedo, devido as experiências advindas do instinto de morte frente ao ambiente do universo do infante.

Os vienenses, marcados pela forte figura de Freud, olham com certa desconfiança essas contribuições inglesas, por uma suposta falta de ortodoxia e inexatidão de alguns termos, apontados por Balint (1937a) como os da introjeção, projeção, fantasia e também realidade. Além disso, vale notar que os vienenses ainda possuíam como característica, talvez pela proximidade de Freud, pesquisas que se voltavam para algo que advém do complexo de Édipo e não das relações pré-edípicas.

Diante desse conflito (que Balint classifica como “luta”), emerge para ele, a região de Budapeste com seu modo de pensar ferenciano que se demarca justamente pela não-fronteira, pela liberdade de pesquisas e de pensamentos, pela marginalidade e pelas variedades temáticas. Peixoto Junior (2013) enfatizou esse fato, relatando que Balint negou freudianos e kleinianos, já que com “essa atitude audaciosa, ele demonstra, em primeiro lugar, que pretende ser um herdeiro legítimo de Ferenczi e, ao mesmo tempo, assume uma postura de marginalidade com a qual dá um destino sublime à sua transferência não resolvida ou simplesmente interrompida pela morte do mestre”.

Um interessante exemplo dessa liberdade de pensamentos, de inovações e de variedades temáticas, pode ser dado a partir de seu artigo intitulado *Uma contribuição da Psicologia da Menstruação*⁵⁹ (1937b). O nome desse artigo lembra alguns artigos ferencianos pela estrutura e pela brevidade, fazendo-nos pensar que o artigo possui como objetivo principal, demonstrar algo que Balint pensava para aguardar posteriores críticas e discussões sobre esse fenômeno.

No próprio início desse artigo, Balint adiantou que estava longe de concluir qualquer coisa sobre essa temática, mas que ficava cada vez mais convencido de que tanto a menstruação, como a ereção poderia ser interpretada como um sintoma conversivo, que acabava unindo desejos e instintos opostos. Isso significava, no caso específico da relação objetal, que existia uma tendência em seduzir o parceiro e excitá-lo, mas que também existia uma tendência oposta de causar repulsa ao parceiro.

⁵⁹ No original: *A contribution to the Psychology of Menstruation.*

Balint (1937b), inclusive relatou que até a sua época, haviam muitos casos de mulheres que, mesmo planejado e contado os dias da menstruação, acabavam se desregulando e menstruando no dia de seu casamento. Segundo o autor, isso não parecia, simplesmente, uma coincidência, mas uma ambivalência frente ao medo e ao desejo de se manter virgem, principalmente em uma época de intenso e extremo tabu frente a esses dois temas: menstruação e virgindade. É importante apontar que um fato relevante que marca a sua obra reside justamente em suas argumentações que, geralmente, vêm ilustradas por interessantes e riquíssimos casos clínicos.

Outra característica marcante desse espírito húngaro de Balint, é a sua ousadia de pensamentos que apenas fortalece nesse período da final da década de 1930 e que o coloca em posicionamentos delicados e de intensas discussões.

Embasado em uma conferência que ele havia lido no 50º Congresso Internacional de Psicanálise de Paris, Balint escreveu um artigo intitulado *A força do eu e a eu-pedagogia*⁶⁰ (1938). Com bastante destreza em seus pensamentos, ele polemizou uma pequena parte de um importante artigo de Freud, escrito em 1923, que é *O eu e o isso* (1923). Para se ter uma ideia, o húngaro iniciou seu artigo acusando um suposto marasmo frente a algumas possíveis críticas de um termo que havia começado a ser utilizado, e posteriormente ganhou sustentação depois do artigo de Freud, de 1923, chamado eu enfraquecido. Outra coisa que poderemos notar novamente nesse artigo é aquela liberdade de pensamento e considerações enriquecedoras visando uma melhora na clínica.

De acordo com Freud (1923), a utilização desse termo se dá justamente no contexto dos investimentos objetais. Explicando melhor, temos um processo de uma libido retida no isso enquanto o eu ainda está sendo formado. É justamente nessa formação do eu que ele se encontraria enfraquecido.

Essa posição se perdurou por um tempo, visto que, mesmo diante de *Inibições, sintomas e ansiedades* (1926), tenhamos uma defesa de Freud sobre a força do eu. É exatamente nesse sentido que Balint (1938) estranha não ter uma oposição significativa quanto a ideia da existência de um eu enfraquecido.

É válido apontar que até esse momento, parece que Balint está próximo de defender aquela corrente que cresceu nos Estados Unidos, que trabalha com o fortalecimento do eu. Portanto, é necessário adiantarmos que Balint não compartilha com a ideia dessa corrente e que, conforme

⁶⁰ No original: *Strength of the Ego and Ego-pedagogy*.

apresentaremos posteriormente, o húngaro chegou a criticar a postura desse tipo de Psicologia abertamente.

Dada tal consideração e retornando ao artigo, observamos que Balint alertou sobre os cuidados na clínica, frente a essa questão do eu. De maneira mais direta, o autor advertia sobre um certo cuidado que devemos ter na clínica, pois o paciente poderia reagir violentamente contra uma interpretação, com o risco do isso ser despertado e o eu ser incitado a se defender. Diante disso, qual a intenção que o analista teria frente a uma interpretação que ocasionaria tudo isso?

Então, Balint (1938) questionou o que o analista poderia esperar nos próximos tempos. Certamente, não haveria uma mudança no isso, pois essa instância não mudaria de maneira tão revolucionária, principalmente nos adultos. Ao invés disso, o autor desejava algo próximo daquilo que Freud apontava de que o alvo na terapia deveria ser “colocar o eu onde o isso estava”. Em outras palavras, ele esperava um trabalho de fortalecimento do eu (obviamente, não de forma ingênua e/ou moral).

Para defender essa ideia, o autor remeteu a um pensamento lamarckiano, que afirma que os atributos podem mudar pelo desejo e pela prática. Balint, então, considerou que esse pensamento parecia se ajustar perfeitamente ao eu e servir como uma importante lição clínica.

Nesse sentido, ele apontou que o processo de elaboração, desenvolvida por Freud a partir de 1912, poderia até ser considerado como um meio condizente com o fortalecimento do ego. Mas, ele também pensou que, tão importante quanto esse processo elaborativo que visaria tal fim, o aprendizado (educação) também poderia ser colocado na mesma categoria.

Assim, Balint (1938) defendeu que a Psicanálise e que a Educação poderiam estar mais ligados. Ele pensou isso ao se considerar que no processo psicoterapêutico, o eu acabaria se fortalecendo e ficando capaz de suportar mais coisas, a Educação poderia ser um excelente meio para “expandir” o eu e, conseqüentemente, possibilitando-o a uma capacidade de suporte maior. Entretanto, não há ingenuidade nesse pensamento visto a noção de Educação que o húngaro possuía. De acordo com ele, na Educação devemos ter cuidado para não nos confundirmos e colocá-la como sinônimo de moralidade, pois estaríamos apenas fortalecendo o supereu e entervando ainda mais um verdadeiro trabalho analítico.

A educação idealizada por Balint vai na contramão desse processo, já que ele acreditava na capacidade de aprendizagem e reflexão humana que poderiam levar a posteriores desenvolvimentos de processos de sublimação, plasticidade do eu e de um descarregamento de

prazer preliminar e de prazer final, ou seja, para Balint, o sentido de “aprender” está muito atrelado ao sentido, bem húngaro, de “experenciar”.

Ao analisarmos esse último artigo de Balint, notamos um interessante fato que é a sua desenvoltura para escrever, em um mesmo artigo, questões metapsicológicas, questões técnicas e também questões críticas que circundam a Psicanálise, além de conseguir realizar uma interessante ligação com a questão que envolve um outro tipo de saber, que é a Pedagogia.

Certamente, conforme observamos nos outros capítulos, Balint já havia afirmado sobre a dificuldade de separação de seu pensamento com os pensamentos de sua esposa. Dessa maneira, não é nada arriscado em intuirmos as ideias de sua esposa, especialmente no que remete a interlocução entre Psicanálise e Pedagogia.

Por isso, mesmo com uma autoria exclusiva de Alice Balint, acreditamos que seria relevante apontar alguns aspectos do artigo *Amor pela mãe e amor materno*⁶¹ (1939) que nos auxiliaria a entender melhor alguns aspectos da clínica de Balint e também do amor primário.

Um primeiro fato que nos chamou atenção nesse artigo, certamente foi o estilo de escrita e estrutura textual muito semelhantes com o de Michael Balint. Percebemos uma similaridade no modo de relatar alguns casos clínicos tão marcantes, que nos leva a uma certa compreensão daquela dificuldade mencionada por Balint em conseguir distinguir as suas publicações com as de sua esposa.

Um importante apontamento descrito por Alice Balint (1939), foi que a relação mãe-bebê sempre teve um local relevante dentro das teorias psicanalíticas e ganhou mais destaque principalmente a partir da exploração de alguns casos que necessitavam de uma regressão em períodos mais afastados e regredidos em relação ao Édipo, ou seja, o período pré-edípico.

Assim, nessa relação mãe-bebê, seguindo o pensamento húngaro das relações objetais primitivas, temos nesse início, ainda, as fronteiras do ego que ainda se confundiam com as do mundo externo. Diante disso, é necessário pensarmos na importância da relação ao objeto de amor (mãe), em relação a isso.

Ao analisar alguns casos, a autora verificou que a relação do bebê com seu objeto, ou seja, com a mãe, se dava com uma tendência oral de incorporação, com uma atitude narcisista, com uma necessidade de ser amado e com um tipo especial de egoísmo, que a autora classificaria como um tipo de egoísmo ingênuo.

⁶¹ No original: *Love for the mother and mother-love*

A nomenclatura adotada por Alice Balint (1939) se mostrou interessante, pois tal como Balint, ela parecia se desvincular de um tipo de egoísmo aceito pelos londrinos, e defende que esse egoísmo ingênuo, que se caracterizaria por um amor arcaico e egoísta direcionado à mãe, parecia ser somente uma consequência da falta de realidade e não uma negligência consciente dos interesses do objeto, assim como poderíamos pensar a respeito do egoísmo (não-ingênuo).

Percebemos então, que temos nesse momento um amor arcaico, caracterizado por Alice Balint como uma pseudoambivalência. A explicação para esse novo termo adotado, se encontraria diretamente ligado ao egoísmo ingênuo. A pseudoambivalência não ocorre, tal como acontece na ambivalência, como um consequencial da atitude emocional do amor e do ódio, por exemplo. Isso porque o auto interesse do objeto não é nem sequer percebido.

A fim de esclarecimento, Alice Balint (1939) relatou sobre um período em que ela adoeceu, e que seus pacientes ficaram bem bravos pela injustiça deles não poderem vê-la e serem analisados nesse tempo. Notamos, a partir desse exemplo um tipo diferente (ou talvez anterior) de ambivalência, que Alice caracterizou como pseudoambivalência. A raiva foi inclusive a maneira deles expressarem seu apego e seu amor infantil, com muita ligação.

Assim, a autora conjecturou que esse tipo de amor pela mãe possui esse caráter de egoísmo ingênuo, talvez também explicado por esse laço que é tão arcaico entre a mãe e o bebê. Dessa maneira, temos que esse amor à mãe parecia não possuir um senso de realidade e, portanto, estaria realmente ligado a algo pré-edípico.

Naquele movimento húngaro, ainda, a partir de análises antropológicas, Alice Balint (1939) defendeu que o amor materno é similar ao amor para com a mãe, justamente pela questão, sem senso de realidade, de uma interdependência. É necessário lembrarmos que consideramos aqui que é justamente essa questão de interdependência materna da mãe e da criança que influencia o autoerotismo, pois, de acordo com a autora, o autoerotismo visa a adaptação frente a uma realidade, gerando uma independência do mundo externo, mas ainda com certa dependência de processos internos. Isso significa que existe aí uma base do narcisismo secundário, pois, à medida que se termina essa harmonia da interdependência, o autoerotismo vem aparecendo e auxiliando o senso de realidade.

É interessante notar também a crítica que a autora faz do termo ferencziano de “amor ativo” e “amor passivo” (conforme observamos em Eros e Afrodite), pois, ao compartilhar alguns estudos de seu marido, ela começou a notar que mesmo em um estado que denotaria passividade, existe

uma tendência do bebê, ativa, de se agarrar a algo, conforme observaremos ulteriormente. Mas, por enquanto, é necessário apontar que essa ideia tinha um embasamento em Hermann (in BALINT, 1937a) sobre aquela questão do apego, conforme já foi observado. Além desses importantes motivos, Alice Balint (1939) se questionou se esse “amor passivo”, não poderia gerar confusão com o amor narcisista, fechado, retido sua libido e sendo passivo às questões do mundo, justamente por não julgá-las tão importante quanto a si mesmo.

A autora ainda diferenciou e classificou dois pilares do amor objetal. Assim, esse amor poderia levar a satisfação de necessidades por parte de seus objetos e também o senso de realidade. Dessa maneira, ela relacionou a fase da relação objetal em que não há o senso de realidade com o “amor do isso”. Por outro lado, a fase da relação objetal que já se apresentaria com o senso de realidade, seria o “amor do eu”.

Um último ponto que gostaríamos de retomar em relação a esse artigo, é o abandono de Alice Balint (1939) do uso do termo “passivo” de Ferenczi e, conseqüentemente, da ideia de “objeto de amor passivo”. A partir desse artigo, perceberemos também que Balint⁶², por mais que ele tenha influenciado o pensamento de sua esposa, não havia percebido isso e também passou a não adotar esse último termo, o trocando por “amor objetal”, em um contexto da “relação objetal primária”.

O último artigo de Balint que trabalharemos desse período, seria também um último que teria uma contribuição direta de Alice Balint. Esse escrito continuou a demonstrar toda a destreza desse espírito húngaro, apresentando um material de bastante qualidade e com críticas contundentes, além de relevantes pensamentos que levam a uma discussão sólida dos preceitos técnicos da Psicanálise.

O artigo intitulado *Na transferência e contra-transferência*⁶³ (1939), começou com a seguinte provocação: será mesmo que o analista estaria errado se ele influenciou a situação de transferência por qualquer outro meio que não fossem suas interpretações?

Diante disso, Balint optou por explicar sobre o processo transferencial, primeiramente, de maneira simples, exemplificando que podemos transferir nossa raiva a objetos inanimados, como uma porta que gente bate quando está com raiva. Mas, esse processo com objetos inanimados,

⁶² É interessante que em *A falha básica*, Balint alerta que havia parado de utilizar o termo em 1937, porém continuamos a ter a ideia da “passividade” ainda, em artigos de 1938.

⁶³ No original: *On transference and counter-transference*.

obviamente, é unidirecional pelo fato de que a porta ou qualquer outro objeto inanimado não poder transferir.

Balint (1939) retomou uma máxima de Freud, que afirma que realizar análise é como fazer uma cirurgia, em que o comportamento do analista deve ser como a de um espelho bem polido e se considerar uma condição importante da esterilidade da cirurgia. Mas então, isso significaria que o analista deveria ser passivo para cumprir essa função? Não estaríamos então impossibilitando, conforme já apresentado, a uma barreira para o prazer preliminar que, a princípio acabaria por gerar os desejos sádicos e de agressões ao analista? É importante considerar que o próprio Freud já alertou que análise não deveria ser um espaço de vácuo.

Diante disso, Balint explicou que é possível existir diferentes maneiras de interpretar, sendo impossível classificar alguma como sendo a mais correta, já que isso dependeria, também, do caso que estaria sendo atendido. Assim, ele apontou sobre a grande diversidade de técnicas e deu um exemplo explicando que a maneira como é tratada uma criança é bem diferente da maneira como se trata um adulto. Há, na questão infantil, principalmente, muitas brincadeiras e permissões para que elas toquem os analistas.

Balint (1939) se questionou, então, como ficaria o caso da contratransferência, já que ele poderia ameaçar a esterilidade da cirurgia no método de análise. Ao retomar Freud, o autor desenvolveu aquela ideia sobre o comportamento do analista e informou que o sentido de um espelho bem polido não significava que os analistas deveriam ser passivos, mas sim para eles refletirem, sem distorção, um todo do paciente. Ou seja, o paciente deveria ver e explorar o que faz parte de seu inconsciente e não do seu analista.

Por fim, Balint (1939) apontou que é justamente devido a singularidade dos casos, dos pacientes e dos analistas, que devemos considerar e priorizar a diversidade de técnicas e métodos, pois, cada um reagirá diferente com seu ambiente. O que se percebe é que esse tipo de Psicanálise, com esse espírito húngaro, parece fluir de maneira mais livre. E, certamente, esses artigos desse período demonstram uma autonomia e também uma originalidade que Balint estava desenvolvendo, mesmo com o seu entorno – Budapeste e a iminência de uma guerra – bastante problemático.

Mudanças e rupturas

Aproximadamente um ano antes da escrita desse último artigo *Na transferência..* (1939), a situação da Hungria e de Budapeste, se tornava realmente precária aos que não defendiam os interesses nazistas. Esse contexto prejudicou e atingiu em cheio os psicanalistas húngaros, como Balint e sua esposa. Entre 1938 e 1939, de acordo com Casadore (2014), devido ao clima insustentável, houve um verdadeiro movimento de exílio na Hungria. Peixoto Junior (2013) apontou que a situação em Budapeste chegou a piorar significativamente, com a anexação da Áustria (*Anschluss*).

Peixoto Junior explicou que frente a esse verdadeiro caos, István Hollós, que na época era presidente da Associação Psicanalítica Húngara, pediu auxílio à IPA para salvar os psicanalistas que ainda estavam na Hungria. E foi aí que John Rickman, presidente da IPA desse período, sugeriu a emigração húngara.

No caso específico de Michael Balint, Alice e de John (o filho), houve ainda uma intermediação e negociação sobre os seus destinos. Ernest Jones interferiu diretamente e havia até uma conversa de que eles iriam para a Austrália. Porém essa foi uma ideia rechaçada, principalmente, por Alice. Segue, abaixo, uma carta enviada por Ernst Jones para os Balint, no dia 23 de abril de 1938:

Caro senhor Balint,

Eu sinto muito, mas o Dr. Rickmann não tinha autoridade para levantar as esperanças que ele despertou, ao que parece. Tenho certeza que o senhor vai entender que nós nos preocupamos primeiro com os nossos colegas de Viena, que estão em uma situação crítica. Eu tenho a permissão do Ministério do Interior para o professor Freud e um número limitado dos seus funcionários para resolver na Inglaterra, mas não é certo que eu poderia fazer mais. De qualquer forma, em Londres já está cheio, e essa cidade estaria fora de questão. Mas eu tenho outra ideia. No interesse da psicanálise, os principais analistas de treinamento, como você e sua esposa seriam mais úteis em desenvolver um novo centro em vez de se juntar à multidão [profissionais].

Além disso, as perspectivas práticas são muito melhores em muitos desses lugares. Eu escrevi para um analista de Sidney (Austrália) para me informar sobre as oportunidades que existem lá, e caso não tenham recebido a carta da sra Ferenczi, eu reescrevi, indicando o seu nome. Tenho certeza que você será bem recebido lá.

Eu entendo que este projeto foi concebido em consulta com o médico Róheim. Esperamos instalar alguns analistas estrangeiros, de preferência educadores em alguns centros provinciais incluindo Liverpool, Manchester e Glasgow, mas eu ainda não sei a respeito desse programa.

A situação em Viena é muito difícil e nada esclarecedora. Os arranjos foram feitos para um número de analistas ir para a Inglaterra, para Paris e para América, mas ainda há muitos outros que precisam ser estudados.

Eu vou deixar o senhor informado posteriormente de como a situação se desenvolverá, e o senhor pode ter certeza que eu não vou te esquecer.

Com os meus melhores votos,
Atenciosamente,
Ernest Jones (JONES, apud CORRESPONDANCE..., 2004, p. 25-26)⁶⁴

Conseguimos observar ainda nessa carta, outros importantes aspectos, como os últimos preparativos da mudança de Freud para Londres e o envolvimento da sra. Ferenczi e da IPA para auxiliar no exílio dos psicanalistas mundo afora.

Mas, quais seriam os motivos da mudança de Freud para a Inglaterra e o desejo dos psicanalistas de estar exilando para essa nação? Primeiramente, consideramos a política não-intervencionista adotada pela França e pela Inglaterra nessa Segunda Guerra, permitindo que a Alemanha se anexasse a vários territórios (como foi o caso da Áustria). Esse posicionamento britânico, aliado ao enorme poderio de sua esquadra auxiliou para uma paz fugaz, forçando Hitler a montar novas estratégias, com submarinos, para atacar o império britânico. Mesmo com essas condições, em 1938, a Inglaterra ainda parecia ser um lugar mais seguro. Outro motivo de destaque, apontado por Peixoto Junior (2013), se daria no fato de uma percepção de maior tolerância em relação a crença, raça e religião, ou seja, seria um importante refúgio de judeus e um local que o nazismo não ganhava forças. Por fim, de acordo com a informação do autor que, principalmente com a chegada de Freud, Londres passa a ser um importante centro da Psicanálise, visto que boa parte de outros centros, quando não estavam destruídos, estavam totalmente entregues à marginalidade.

⁶⁴ No original:

Cher Monsieur Balint,

Je suis désolé, mais le Dr Rickmann n'avait pas autorité pour susciter les espoirs qu'il a éveillés semble-t-il. Je suis sûr que vous comprendrez que nous nous inquiétons en premier lieu de nos collègues de Vienne, qui sont dans une situation critique. J'ai obtenu la permission de notre ministère de l'Intérieur pour que le professeur Freud et un nombre limité de ses collaborateurs puissent s'installer en Angleterre, mais il n'est pas certain que je puisse faire plus. De toute façon, Londres, déjà saturée, serait hors de question. Mais j'ai une autre idée. Dans l'intérêt de la psychanalyse, les analystes didacticiens majeurs, comme vous et votre femme, seraient bien plus utiles en développant un nouveau centre plutôt que de se joindre à la foule [des praticiens]; de plus, les perspectives pratiques sont bien meilleures dans nombre de ces endroits. J'ai écrit à un « plus ou moins » analyste à Sidney (Australie) pour m'informer des possibilités qui existent là-bas, et n'ayant pas reçu de lettre de Mme Ferenczi 2, je lui ai réécrit en lui indiquant vos noms. Je suis sûr que vous y serez bien reçus ; j'ai cru comprendre que ce projet a été conçu en accord avec le docteur Róheim. Nous espérons installer quelques analystes étrangers, de préférence des didacticiens, dans quelques centres provinciaux d'ici, notamment Liverpool, Manchester et Glasgow, mais je ne sais rien encore du programme à cet égard. La situation à Vienne est très difficile, et pas claire du tout. Des arrangements ont été pris pour qu'un certain nombre d'analystes aillent en Angleterre, à Paris et en Amérique, mais il y en a encore beaucoup d'autres dont il faut s'occuper.

Je vous ferai savoir ultérieurement comment se développe la situation, et vous pouvez être assuré que je ne vous oublierai pas. Avec mes meilleures pensées, Sincèrement vôtre,
Ernest Jones

Podemos notar a partir dessas constatações os motivos das vontades do exílio para a Inglaterra. A Austrália também parecia ser uma opção interessante, mas, conjecturamos que o desejo de Balint era de dar continuidade a seus pensamentos desenvolvidos até então e aumentar a visibilidade de Ferenczi. Certamente, ir para a Oceania o limitaria nessas ascensões de ideias, mesmo considerando que por imposições institucionais inglesas, era necessário refazer os aprendizados de Medicina para poder clinicar legalmente.

Diante dessas situações, Peixoto Junior (2013) indicou que os Balint solicitaram passaporte britânico, e acabaram conseguindo se instalar em Manchester, no início de 1939, mesmo que Michael não tivesse gostado dessa situação, pois ele queria se mudar para Londres.

De acordo com John Balint (1997), filho do casal Balint, ele e sua mãe chegaram antes que o pai à Inglaterra, em Londres, onde foi recebido por John Rickman. Por indicação de Ernest Jones, John Balint foi estudar em *Abbotsholme*, que ficava aproximadamente uma hora de trem de Manchester. Ricaud (2000) explicou que Michael chegou um mês depois que o restante de sua família, em fevereiro, e juntamente com Alice Balint, visitava seu filho nos finais de semana.

A vida na Inglaterra não estava tranquila. Segundo Ricaud (2000), devido à dificuldade da matrícula em Medicina em Manchester (para validar a prática médica na Inglaterra, todos aqueles que vieram de Budapeste tiveram que refazer o curso de Medicina), Michael reiniciou seus estudos em Edimburgo, cidade que ficava há aproximadamente 280 quilômetros. Se isso não bastasse, Balint ainda possuía pouquíssimos pacientes, muita dificuldade financeira e uma esposa que começava a sinalizar os sintomas de uma doença.

John Balint (1997) relatou que achava muito estranho sua mãe estar sempre tão cansada nesse último ano. Em conversa com seu pai, ele descobriu que quando tinha cinco anos, Alice havia abortado e, em decorrência disso, começou a sofrer problemas cardíacos que haviam se agravado nesse ano de 1939.

A situação foi piorando e no dia 29 de agosto de 1939, Alice Balint faleceu, vítima de uma ruptura do aneurisma. A família decidiu cremar o corpo, devido a insegurança de perder a tumba em um mundo incerto pela guerra. Certamente, foi um ano trágico para Michael Balint, que se encontrava longe de sua terra natal, em uma cidade que ele não gostava, tendo ainda que vivenciar a difícil perda de sua esposa.

Mais do que sua parceira amorosa, Balint acabou perdendo uma companheira de muito trabalho, discussão e inovação. Pouco tempo depois, no dia primeiro de setembro daquele ano, a

Segunda Guerra se iniciou. No dia 23 de setembro, Freud faleceu e, quanto a Balint, conseguimos observar uma queda acentuada em sua produção. Instaurou-se então, um grande hiato.

5. A Transitoriedade: 1940-1947

Abandone rapidamente a Áustria com sua filha,
venha a Inglaterra, por exemplo, que estará
seguro e poderá seguir um tratamento correto.

Carta de Ferenczi a Freud, datado do dia 29 de março de 1933.

A situação europeia no período pós 1939 permaneceu tensa e a Segunda Guerra começava a se desenrolar. A Sociedade de Viena estava se diluindo, com um forte exílio para algumas cidades europeias e até para a China. Londres, devido a todo esse contexto, ainda era uma das poucas cidades europeias em que era possível uma melhor discussão da Psicanálise.

Nesse capítulo, iremos discutir esse período de hiato produtivo de Balint, porém, riquíssimo de aspectos históricos que explicarão o engajamento do húngaro na Sociedade Britânica, e os primeiros passos que o levou a frequentar a Clínica Tavistock. Também abordaremos algumas questões teóricas e técnicas de Balint apresentadas em *Contribuição para o teste de realidade*, de 1942; *Diferenças individuais de comportamento na tenra infância e um método objetivo para registrá-las*, de 1945, e; *Sobre o amor genital*, de 1947⁶⁵. Além disso, destacaremos a atuação do húngaro no contexto inglês, dando a devida importância para a história do movimento psicanalítico.

Uma breve apresentação da Sociedade Britânica de Psicanálise e do nascimento da Clínica Tavistock

O nome de Ernest Jones é fundamental dentro do contexto de formação da Sociedade Britânica. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), ele conheceu Freud em 1908 na cidade de Salzburgo, por intermédio de Jung, e foi considerado o primeiro discípulo britânico de Freud, além de um grande amigo.

Como Jones havia se mudado para o Canadá pouco tempo depois desse fato, ele lutou para expandir os pensamentos freudianos nos países de língua inglesa, como os Estados Unidos. Em 1913, retornou a Londres e, posteriormente, foi até Budapeste para ser analisado por Ferenczi. É interessante notar que ele sempre esteve ao lado de Freud e demonstrou apoio incondicional em

⁶⁵ No original, conforme sequência apresentada: *Contribution to reality testing; Individual differences of behaviour in early infancy and an objective method for recording them; On genital love.*

momentos mais tensos, como quando o vienense recebeu as críticas de Janet e quando houve a dissidência com Jung.

Pouco antes da Primeira Guerra, a Inglaterra começou a ganhar destaque na difusão do pensamento freudiano. Isso possibilitou que em outubro de 1913, Jones fundasse a London Psychoanalytic Society (LPS). A expansão desse pensamento freudiano atingiu também outros grupos que se utilizavam da Psicanálise e assim, nomes importantes como James e Alix Strachey, Leonard e Virginia Woolf começaram a se interessar por esse conhecimento. Inclusive, em 1917, Leonard fundou a Hogarth Press e com a tradução de Strachey, publicou a tradução das Obras Completas de Freud.

Entretanto, o trabalho de difusão de Jones encontrou um obstáculo representado pelas ideias de Jung, já que muitos acabavam se convertendo para esse pensamento. Mesmo assim, os que decidiram se manter freudianos se uniram a um outro grupo que Jones fundou em 20 de fevereiro de 1919, chamado British Psychoanalytical Society (BPS), ou, de acordo com nossa tradução, Sociedade Britânica de Psicanálise.

Com o término da Primeira Guerra e o desenvolvimento das neuroses de guerra, houveram algumas necessidades e inovações na psicoterapia. Assim, Hugh Crichton-Miller fundou a Clínica Tavistock em 1920 para tratar de traumas (ROUDINESCO; PLON, 1997). Além disso, Gelly (1994) apontou que, originalmente, a Tavistock foi uma instituição filantrópica.

Em 1926, a Sociedade Britânica de Psicanálise conseguiu instalar o modelo, já mencionado, da Policlínica de Berlim (que havia inspirado a Policlínica húngara) e começou a ganhar mais notoriedade. Tanto que em 1930, importantes psicanalistas como John Bowlby, Winnicott e Bion se filiaram à Sociedade. Nesse mesmo ano, a Clínica Tavistock começou a tratar “delinquentes” com práticas grupais e individuais.

Roudinesco e Plon (1997) afirmaram que no início, a Sociedade Britânica tinha bastante autonomia, mas parecia lhe faltar originalidade em relação às suas ideias. Mas, com a instalação de Melanie Klein em 1926 em Londres isso mudou e a BPS parecia ganhar uma identidade. Por outro lado, essa identidade gerou certa tensão com os vienenses, tanto que Jones, tentou organizar intercâmbios visando uma compreensão, sem muito sucesso, entre os pensamentos de Anna Freud e de Melanie Klein.

Com os exílios europeus para a Inglaterra, a situação se agravou. Quando Freud se mudou e, posteriormente, em um curto espaço de tempo, morreu, acabou trazendo vários freudianos a

Londres. Assim, Anna Freud, mesmo tentando evitar uma cisão com a BPS, tentou restabelecer a Sociedade Britânica para o freudismo novamente, mas, acabou travando uma batalha com Klein e os kleinianos. Não à toa, Pines (2005) comentou que enquanto muitos ficaram contentes com a chegada de Sigmund Freud e sua família a Londres, Melanie Klein se mostrou visivelmente irritada. Diante dessa polarização entre Melanie Klein e Anna Freud, um grupo intermediário começou a emergir e foi conhecido como *middle group* ou “grupo do meio”. Posteriormente, o nome foi modificado para “grupo dos independentes”. Roudinesco e Plon (1997) demonstraram, a partir de uma carta de 1940 de Strachey para Glover, que as atitudes entre kleinianos e annafreudianos estavam beirando a antiética e se comportando de maneira religiosa. Realmente, parecia ser oportuno o surgimento dessa terceira via.

Apesar dessa subdivisão delimitada, a Sociedade Britânica apresentou como grande característica, uma abertura diferenciada para se trabalhar com as relações objetais, com os aspectos infantis e com as questões de agressividade. Além disso, não se deve descartar a importância e a influência dos trabalhos para Tavistock, criando um elo interessante, já que nomes importantes como o de Wilfred Bion, John Rickman e, posteriormente, o de Balint, se encontravam vinculados a essas duas instituições.

Uma difícil trajetória

Em fevereiro de 1939, Michael Balint chegou à Inglaterra. Além de ter deixado a Hungria, ele se deparou com uma difícil questão, pois, os rumores de que Ferenczi havia claramente enlouquecido antes de sua morte, estavam crescendo nos meios psicanalíticos. Em seu baú de viagem, Balint também trazia algo que poderia amenizar essa questão: as correspondências que seu mestre trocava com Sigmund Freud. Para proteger esses verdadeiros tesouros, ele contou com a ajuda de Anna Freud, que não queria ver essas cartas perdidas em algum bombardeio (RICAUD, 2000).

Conforme já foi mencionado, o artigo *Transferência e Contratransferência*, foi o primeiro artigo de Balint em Manchester e também o último escrito em conjunto com Alice. Nele, conseguimos perceber uma crítica a “análise mútua” de Ferenczi e uma defesa de que não existe uma técnica perfeita, pois, é possível ter êxito sendo mais passivo ou ativo, mais severo ou mais calmo, ou seja, isso dependia do paciente.

Com a morte de sua esposa, Balint acabou enfrentando grandes percalços, pois, como julgava ser perigoso a vida em Manchester devido à Segunda Guerra, recomendou que seu filho retornasse a Abbotsholme e, assim, ele ficou em uma cidade que ele mesmo julgava como sendo muito provinciana - que se destacava pela forte indústria de algodão (*cottonland*) e não pelo campo científico - com poucos pacientes e, ainda por cima, solitário.

Mesmo diante dessa experiência dolorosa, Balint ainda conseguiu se dedicar à Psicanálise. Ricaud (2000) explicou que, mesmo com a Guerra declarada, com a anuência da polícia, ele viajava a Londres constantemente para assistir as reuniões da Sociedade Britânica e nos primeiros dias de dezembro desse fatídico ano de 1939, pronunciou suas ideias expostas em *Na Transferência e Contratransferência*. Diante dessa conferência, houve uma calorosa discussão e Balint acabou se tornando um membro da Sociedade Britânica de Psicanálise.

É certo o vazio que o húngaro sentiu e é interessante o modo como ele lidou com isso. Haveria um substituto de discussões e carências de Alice? Ricaud (2000) contou que no Natal, ele começou a explicar a Psicanálise para seu filho, John, que na época, ainda, tinha somente 15 anos de idade.

Se somente esses sofrimentos não bastassem, sua querida amiga e sogra Vilma Kovács, acabou por falecer também deixando Balint desnorreado. Ricaud (2000) afirmou que ele teve que lutar fisicamente, emocionalmente e psiquicamente com tantas rupturas e dificuldades financeiras, afetivas e criativas. Justamente devido às características provincianas de Manchester, ele não possuía amigos e interlocutores e, apesar da sua frequência em Londres, tinha grandes dificuldades, pois, eram necessárias mais de 10 horas de trem para chegar até lá.

O ano de 1940 foi um ano de temor entre os que estavam na Inglaterra, pois a França havia caído frente ao poderio alemão e a Grã-Bretanha estava sozinha e sem aliados. Mesmo assim, a nação se mostrava corajosa e, de acordo com Korda (2011), Churchill demonstrava confiança dizendo que, se para a França havia acabado, na Inglaterra, a batalha, havia apenas começado. Esse temor foi sentido pelos analistas e, por exemplo, as viagens de Balint entre Manchester e Londres só poderiam ser realizadas com a autorização da polícia.

Não à toa, o ano de 1940 foi um ano que Balint não produziu. Em 1941, escreveu apenas uma nota de leitura de J. – R. de la Murette. Em 1942, conseguiu escrever *Contribuição para o teste de realidade*⁶⁶, no *British Journal of Medical Psychology*. Esse artigo é dividido em 2 partes,

⁶⁶ No original: *Contribution to reality testing*.

em que a primeira é chamada de “teste de realidade em um caso de alucinação esquizofrênica” e, a segunda, como “uma tentativa teórica do teste de realidade”. Vale apontar que optamos por trabalhar a primeira parte desse escrito balintiano de maneira mais pormenorizada, justamente por ser um grande ilustrativo da atuação do húngaro na clínica.

Assim, na primeira parte do texto, Balint (1942) relatou sobre um caso de uma paciente, chamada de sra. A, que ele analisou em Budapeste e que sofria com a esquizofrenia. No entanto, o que o interessou para a escrita desse artigo, foi justamente descrever as situações analíticas no período de alucinações. Assim, ele esperava trazer subsídios para se pensar na clínica, quando o problema se referia ao teste de realidade.

A paciente apresentada no caso, era uma mulher de 45 anos, muito reservada e muito tímida, que sofria de alucinações auditivas. Ela aparentava uma normalidade, mas quando ficava angustiada, emergiam suas alucinações.

Na primeira sessão de 1937, ocorrida em janeiro, a sra. A. contou que seu marido não havia conseguido dormir no Natal e, ela, por sua vez, não estava conseguindo dormir bem, desde então. Após duas sessões, o seu marido viajou, e ela acabou piorando seu quadro e as alucinações ficaram mais intensas.

Diante desse fato, ela solicitou a Balint que fosse atendê-la em sua casa e ele acatou esse pedido. Ela disse que podia ouvir uma voz masculina agonizando, pedindo por “água, Deus, socorro” etc. A sua grande angústia emergia aí, pois, ela não sabia se deveria ajudar ou ignorar a voz desse homem que lembrava a de seu marido.

Em outra sessão, novamente na casa da paciente, Balint (1942) relatou que atendeu a paciente na cama, pois sua angústia estava muito grande. Ela se julgava uma péssima mãe, dona de casa e esposa, portanto, era merecedora de punição. Depois de um certo tempo, levantou-se e, subitamente, ao lado da janela, agachou-se e começou a tremer de medo. Como o analista ficou curioso, chegou perto da janela, mas foi repreendido pela paciente, dizendo que do outro lado da janela se encontrava seu marido. Entretanto, dado a impossibilidade de reconhecimento devido a distância da pessoa que caminhava, o analista compartilhou uma conclusão de que frente ao seu medo, qualquer coisa externa poderia se agarrar ao medo produzindo essas vozes que, na realidade, vinham de dentro dela.

Essa pequena interpretação a auxiliou temporariamente, pois em outra sessão, ela havia relatado que ficou o dia inteiro fora da cama, mas depois piorou, ouvindo mais intensamente a voz

de seu marido clamando por ajuda. Frente à convicção de que a voz realmente representava a de seu marido, o húngaro questionou como ela tinha tanta certeza sobre de quem era a voz. A sra. A então respondeu que era devido aos presentes de Natal.

A relação que a paciente fez entre a voz e os presentes de Natal se deu devido às inúmeras condições que envolviam o ato de presentear, pois, ao invés desse gesto estar cercado de bons significados, acabava reunindo várias apreensões. Desse modo, o que ocorreu foi que antes daquele último Natal, o marido havia perdido suas abotoaduras, o que levou a paciente a comprar um novo par. A sua decepção se deu quando ela percebeu que ele já havia comprado novas para esse Natal.

Diante disso, Balint a questionou se não haveria alguma outra decepção. Ela respondeu que nessa mesma noite, seu marido queria ter relações sexuais, mas ela recusou, mesmo notando que ele estava ressentido. Juntamente com a paciente, o analista concluiu que as vozes diziam para ela não maltratar o marido, pois ele chorava por socorro e ela devia fazer algo para cessar as dores dele. Vista sobre esse espectro, a sua ansiedade era uma punição para esse comportamento. Entretanto, isso fez com que aquela antiga dúvida sobre o que ela deveria fazer com as vozes que a perseguiam, acabou por ganhar novos ares: se ela ficasse passiva, ela estaria recusando o marido novamente, por outro lado, e se ela desse importância a essas vozes? Como ela ficaria perante o social?

À medida que a interpretação fazia sentido, a sra. A começou a revelar mais alguns traços de sua vida sexual. Contou que seu marido era rápido e nada carinhoso no sexo. Logo após, disse que estava lendo Van der Velde. Ao ouvir a pronúncia da paciente, Balint a corrigiu, pois, no alemão, a letra “v” teria o som “f” e, pelo que compreendemos, ela havia citado para Balint, com a sonoridade do “v”.

Em outra sessão, ainda ocorrendo na casa da paciente, Balint (1942) relatou que ocorreu uma quebra no desenvolvimento do atendimento, devido a chegada da filha mais nova da escola. Isso fez com que o analista acabasse mais cedo uma sessão mais silenciosa. A paciente, por sua vez, agradeceu a compreensão de sua não-fala.

Mesmo sendo domingo, Balint abriu uma exceção e foi atender a paciente em sua casa, isso porque ela havia passado muito mal no banheiro e ouviu as vozes mais nitidamente, vindo da adega o que a deixou angustiada: afinal ela deveria atender esse chamado? Porém, nesse momento, o analista pediu para ela fazer uma associação com o banheiro e, ela prontamente respondeu:

“banheiro, aquecimento, madeira”. Depois, ainda complementou dizendo que Balint mencionou o homem de três nomes. Esse homem supramencionado era Van der Velde.

É necessário apontar que a relação de “banheiro, aquecimento e madeira” é possível, pois, ao traduzirmos do húngaro, essas três palavras, sequencialmente, são representadas como “fürdösazoba, fütés e, fa”, ou seja, palavras que têm a sonoridade da letra “f”, forte.

Logo após, ela ainda se lembrou de um de seus empregados o qual se parecia com seu marido e que no inverno trabalhava no caldeirão de aquecimento. Depois, associou que esse empregado foi recordado graças a outra palavra com a sonoridade marcante na letra “f”, “füt”, que significa “aquecer”. Logo após, ela se sentiu aliviada.

Em outro dia, em uma discussão, Balint e sua paciente concluíram que haviam dois tipos de vozes: os incertos e confusos (ruídos) e as vozes causadas por ansiedades, que a deixava confusa, assustada e ansiosa. Depois disso, entraram em um acordo de que o primeiro tipo eram as vozes reais, enquanto que a segunda seriam as vozes ouvidas internamente. Assim, a paciente percebeu que as vozes internas sempre foram provocadas pelos sons reais.

Esclarecido isso, em outra sessão, ela se lembrou do escritor Van der Velde. Disse que “Van”, lembrava “fánk”, que no húngaro significava rosquinhas. A partir disso, ela, apoiada nas interpretações de Balint, criou uma associação fantástica. Falou que na véspera daquele último ano novo, saiu para realizar uma tradição húngara, que era distribuir rosquinhas. Mas, pouco antes disso, ela tinha ido a uma festa e o marido de uma administradora havia falecido. Van der Velde então, ganhou um significado de rosquinhas do ano novo e morte do marido, ou seja, em sua lógica, seu marido corria perigo.

Além disso o livro desse escritor relatava uma vida ideal em um casamento. Imediatamente isso a remeteu à madeira e ao caldeirão, que a levou a pensar no empregado e em sua recusa da aproximação sexual de seu marido frente ao seu esfriamento sexual.

Por fim, gostaríamos de mencionar que Balint continuou a analisá-la, e outros diversos aspectos interessantes foram surgindo. Porém, nosso intuito de detalhar alguns momentos de seu tratamento era de atentarmos ao cuidado de uma técnica “mais maleável”, tal como ele recomendou em *Na transferência e contra-transferência* (1939). Percebemos também uma interessante postura de uma não-neutralidade e de um suporte mais horizontalizado - como se fosse aquela função de espelho balintiano, já mencionada - para a paciente, a ajudando a ressignificar suas diversas relações que ela estabelecia com os objetos a sua volta.

Uma maior maleabilidade não significava simplesmente atender na casa da paciente ou abrir exceções aos domingos, mas reside em um movimento de sentir a necessidade do outro que está sendo atendido, inclusive respeitando seu silêncio, mesmo quando provocado por algum agente externo. É certo que desenvolver isso, depende de uma maturidade teórica e metodológica.

Na segunda parte do texto, intitulada “uma tentativa teórica do teste de realidade”, Balint (1942) demonstrou o seu espírito húngaro, dando a entender, que criticava aqueles que se prendiam e se contentavam somente nas explicações freudianas, mas não continuavam a sua investigação. Em contrapartida, embasado nas experiências clínicas, demonstrou seu desejo de se aprofundar um pouco mais sobre o teste de realidade, sobretudo explorando também a diferenciação nos neuróticos e psicóticos.

Balint recorreu então ao Freud, em *O eu e o isso* (1923) e o artigo intitulado *Neurose e Psicose* (1924a). Esse último artigo articulou uma diferença básica entre essas duas estruturas. Assim, segundo ele “*a neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o eu e o mundo externo*” (1924a, p. 167, grifos do autor).

Isso significa que na neurose há o conflito entre o eu e o isso, servindo o supereu e a realidade. Já na psicose, isso muda. Na amênia de Meynert, por exemplo, o mundo exterior não chega a ser percebido ou essa percepção quase não surte efeito. Diante disso, Freud (1924a) se questionou sobre a maneira que o mundo externo age sobre o eu, que seria justamente pelas experiências e percepções que levam a constituição de um “mundo interno”. Mas, na amênia, com a recusa dessas experiências e dessas percepções, há uma perda de investimento, de significação. Assim, o eu criaria um novo mundo interno e, conseqüentemente, um mundo externo - cindido de uma realidade - que pode ter sido gerada a partir de uma frustração.

Freud (1924a) explicou que a psicose, além da amênia, pode ser representada pelas esquizofrenias. Nesse último, há uma perda da participação do mundo externo e os delírios parecem ser como fendas que aparecem na relação do eu com esse mundo externo. De qualquer maneira, para Freud, tanto a neurose quanto a psicose se iniciam a partir de uma frustração. Entretanto, a visão sobre os mecanismos que fazem com que o eu se separe da realidade (ou que essa realidade seja substituída) na psicose, ainda apresenta algumas lacunas.

Em outro artigo, intitulado *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud (1924b) complementou o pensamento do artigo supracitado e demonstrou que tanto na neurose quanto na psicose, há uma relação com o isso e, devido a isso, é possível até ter alucinações na neurose.

Considerando o quadro de psicoses descrito por Freud (1924a; 1924b) e, ainda embasado nas observações de Balint (1942), notamos que o húngaro questionou se no caso de amências ou de esquizofrenias, existia realmente uma falta de investimento ou de percepção do mundo externo. Isso porque, ao se levar em consideração a sua paciente descrita nesse artigo, não havia sinais de separação da realidade, mas, pelo contrário, havia um forte investimento, ou seja, um hiperinvestimento.

Uma maneira interessante que a paciente demonstrava se manter ligada ao mundo externo, era pela sua angústia, que denotava justamente as suas expectativas desse mundo externo. Balint (1942) chegou a definir esse tipo de psicose como psicose ansiosa, pois além de não haver sinais de separação, a paciente parecia estar muito próxima do mundo externo, a tal ponto que, no menor sinal, ele percebia e tentava interpretar os sinais. Tudo isso levou Balint a acreditar em dois tipos de realidades: uma externa, comum a todos e, uma interna, percebida diferentemente de pessoa para pessoa.

Balint (1942) apontou que existem alguns motivos para uma falha do teste de realidade: o primeiro se daria em um enfraquecimento egóico podendo ser causado por fome, sede, estresse físico, drogas etc.; o segundo se daria por intensas emoções como a ansiedade, o amor, a preocupação, a depressão etc.; o terceiro se daria por um hiperinvestimento de certas ideias como na paranoia, ou em algo moralmente forte, como a religião, política, ciência etc.

Um último ponto que gostaríamos de destacar desse artigo, reside nas considerações de Balint (1942), em que ele apontou que, de qualquer maneira, há uma interconexão entre o indivíduo com seu objeto, que permite plenas condições de se relacionar com o mundo. Diante disso, podemos ressaltar toda a importância que ele dá às nossas relações objetais. Ademais, apontamos aqui que, justamente por se tratar de um caso de psicose, é de se destacar a possibilidade de relações objetais mais arcaicas.

De acordo com Gelly (1994), no mesmo período dessa produção isolada de Balint, a Clínica Tavistock estava se destacando e a Psicanálise estava ganhando força para auxiliar no tratamento das neuroses de guerra. Até então, a Tavistock era conhecida por ser um local onde havia uma resistência àquela psiquiatria hospitalar e biologizante. Certamente, um dos motivos da ascensão

psicanalítica em Tavistock, se dava pelo trabalho de Bion, considerado por Roudinesco e Plon (1997), como “o aluno mais turbulento de Melanie Klein” (p. 69).

Então, podemos pensar na influência que existia entre a Sociedade Britânica e a Clínica Tavistock. Diante desse fato, é de se imaginar o conflito daqueles que estavam vivenciando e ouvindo as experiências em Tavistock, e observando, ao mesmo tempo, as posições ortodoxas dos que defendiam Anna Freud e Melanie Klein.

Entre 1940 e 1944, ocorreu algo intitulado de “grandes controvérsias” na Sociedade Britânica, a fim de discutir os posicionamentos entre annafreudianos e kleinianos. Com o apoio de James Strachey, a segunda geração de analistas ingleses como Winnicott e John Bowlby, iam definindo um grupo intermediário, já mencionado, chamado grupo do meio. Após 1942, houve finalmente um reconhecimento de três grupos dentro da Sociedade Britânica: dos annafreudianos, dos kleinianos e dos Independentes (que eram o grupo do meio). Certamente não havia uma harmonia de pensamento e de formação dentro da Sociedade Britânica, sendo ela somente uma unidade de fachada (ROUDINESCO e PLON, 1997).

De acordo com Peixoto Junior (2013), em março de 1944, Balint explicou na Sociedade Britânica os diversos aspectos da Escola de Budapeste, a qual considera que a primeira fase da vida infantil se volta para a necessidade de ser amado e, posteriormente, polemizou ao defender a ineficácia do termo do narcisismo primário.

Esse espírito crítico de Balint o levou para uma relevante intervenção no Comitê de formação da Sociedade Britânica. Lá, ele condenou a formação dos analistas, dizendo que não passava de um modelo ultrapassado e não-digerido das rupturas com Jung, Adler e Stekel. Se isso não bastasse, a formação parecia mais uma organização patriarcal com situações edipianas mal resolvidas com a morte de Freud. Assim, ele propôs que os candidatos deveriam ter mais liberdade e também serem tratados com mais maturidade. Dessa maneira, ele defendeu uma:

maior liberdade para os candidatos, advinda de um controle igualitário para todos, inclusive os didatas; uma oposição quase sistemática à conservação do poder por parte de uns poucos analistas, que acabavam por adquirir uma “reputação artificial”; e, enfim, uma maior clareza e um engajamento mais direto dos analistas. (PEIXOTO JÚNIOR, 2013, p. 13-14).

Ainda de acordo com o autor, essa posição marcou o início de uma inimizade com Ernest Jones, porém valeu também para uma maior proximidade com a Sociedade Britânica, pois devido a essa experiência, ele foi eleito para fazer parte da Comissão de formação da BPS.

Pouco a pouco, Balint também foi se adaptando em Manchester. Haynal (1995) apontou que o húngaro foi nomeado médico psiquiatra no Hospital Northern Royal e “diretor de dois centros de orientação infantil: o North East Lancashire Child Guidance Clinic (1944) e o County Borough of Preston Child Guidance Clinic (1945). De 1945 a 1947 dirigiu The Chislehurst Child Guidance Clinic” (p. 90). No plano afetivo, Balint conseguiu se casar novamente em 1944 com uma antiga paciente, que se chamava Edna Oakeshott, mas o casamento foi penoso e três anos depois, em 1947, eles se separaram (não formalmente). Ricaud (2000) apontou que um dos motivos foi por Edna não gostar muito do filho (John) de seu marido e que havia muita discussão e pouco companheirismo.

Nesse período, Balint finalmente conseguiu finalizar seu curso para habilitação médica na Inglaterra e, não à toa, com seu trabalho prático voltado às crianças, acabou escrevendo uma tese sobre as diferenças individuais do comportamento infantil. Ele também foi reconhecido pela Universidade de Manchester, com um diploma de mestre em Psicologia, pelo seu trabalho desenvolvido.

No ano de 1945, Balint finalmente volta a produzir algo. Ricaud (2000) conseguiu acessar um trabalho muito pouco conhecido dele, que o levaria àquele título de mestre, por Manchester. Esse escrito de Balint foi embasado em um ano de observação no hospital e versava sobre os bebês. De acordo com a autora, a obra se chama *Demonstração experimental da personalidade dos lactantes*, mas, infelizmente, só conseguimos seu acesso em uma versão mais breve, intitulado *Diferenças individuais de comportamento na tenra infância e um método objetivo para registrá-las*⁶⁷ (BALINT, 1945).

Esse artigo se mostrou bastante incomum pelo estilo e pela temática que era recorrente de Balint até esse ano. Ao iniciar, expôs a ideia de que todo comportamento adulto teve seu início na infância e, devido a isso, tentou estabelecer uma relação entre a sucção, tão presente na tenra infância, com comportamentos posteriores.

Ricaud (2000), apontou que não há como negar que muito da inspiração de Balint para realizar tal investigação, veio dos *Três ensaios...* (1905), de Freud. Outro fato curioso, é que esse artigo se utilizou da Psicanálise com referencial, mas a observação era embasada nos métodos da Psicologia experimental.

⁶⁷ No original: *Individual differences of behavior in early infancy and an objective method for recording them.*

Essa maior sistematização e tratamento de dados não era incomum a Balint (1945), visto seus estudos e pesquisas que lhe ocupavam no plano da biologia. Um fato que chamou sua atenção foi o ritmo da sucção apresentado pelos infantes. Tal como Freud (1905) havia desejado, o húngaro lamentou não poder acompanhar os bebês até a fase em que se tornam adultos. Ele gostaria de observar as relações de suas anotações sobre os ritmos de sucção, com a personalidade da vida do adulto.

Mesmo sendo impossível a execução desse trabalho, Balint (1945) especulou que as crianças que apresentavam uma sucção irregular, poderiam desenvolver um temperamento de birra; as que tinham uma sucção com apenas uma frequência, seriam adultos diretos e simplórios; já aqueles que se agitavam marcadamente, iriam mostrar um dos comportamentos do erotismo oral, como vício em cigarro, bebidas, fala incessante etc. Vale ressaltar que eram apenas pequenas hipóteses, e esse trabalho foi um dos primeiros trabalhos classificados como sendo uma análise freudiana experimental. De acordo com Ricaud (2000), outros pensadores como Bowlby, Mahler e Spitz também estavam realizando trabalhos dentro desse aspecto.

Esse ano de 1945 ainda reservaria ainda algumas péssimas notícias. De acordo com Haynal (1995), Balint recebeu a notícia de que seus pais haviam cometido suicídio quando eles foram presos pelos nazistas, na Hungria. Nesse período também, sua convivência com Edna começou a se mostrar insustentável e, em outubro de 1945 ele conseguiu, finalmente, se mudar para Londres. Nessa cidade, Balint tinha grandes amigos como John Rickman, Sutherland, Melanie Klein, Anna Freud etc.

Já instalado em Londres e com o fim da Segunda Guerra Mundial, Balint vivenciou o ano de 1946 sem produzir, mas ainda estava muito ativo e ligado nas diversas questões psicanalíticas. Ricaud (2000) explicou que no final de 1945, com as reorganizações mundiais pós-guerra, a Sociedade Britânica decidiu enviar dinheiro e ajuda para o Instituto Psicanalítico da Hungria. Em 1946, de acordo com Haynal (1995), em uma reunião, a BPS decidiu enviar Balint para Budapeste a fim de estabelecer contatos profissionais. Entretanto, ele deveria se tornar um cidadão inglês para conseguir viajar em nome da Inglaterra e somente em 1947 ele conseguiu realizar esse feito. Ainda no mesmo ano, ele também escreveu um interessante artigo intitulado *Sobre o amor genital*⁶⁸.

Balint (1947) iniciou seu artigo com a observação de que não há muitos estudos psicanalíticos até a referida época sobre o amor genital e quando havia, parecia estar colocada de

⁶⁸ No original: *On genital love*.

uma forma negativa. Dessa maneira, ele se propõe a entender esse amor genital fora daquilo que o imaginário popular pensa, como satisfazer o outro, ou ser satisfeito. O autor alertou, então, que a satisfação genital é relevante e necessária, mas não é suficiente para suprir o amor genital. O que faltaria então? De acordo com o húngaro, seriam necessárias a ternura e uma forma especial de identificação.

Sobre a ternura, Balint defendeu que em um plano ideal de desenvolvimento, não haveria razão para existir a ternura, ou seja, ela seria uma inibição do desenvolvimento, encarada como algo frágil e delicado. Aí surge a seguinte questão: como o amor genital se liga a essa ternura, delicada, enquanto, de acordo com a literatura psicanalítica, nas formas pré-genitais de amor, não existe, necessariamente, uma conexão com a ternura? O autor apontou que a genitalidade acabaria sendo pouco para o amor genital, pois é importante demonstrarmos interesse e satisfação. Balint (1947) percebeu também que, no caso da maioria dos animais, só é mostrado interesse pelo outro sexo durante o cio. Humanos, pelo contrário, possuem respeito, gratidão etc. Então, considerando esse ponto de vista, o amor genital é um artefato, ou seja, algo que foi adquirido em nossa cultura.

Já a forma especial de identificação não é aquela relacionada a identificação oral, com base na introjeção, mas seria algo como uma identificação genital. Essa identificação genital seria algo como: “seus interesses, desejos, sentimentos, sensibilidades, deficiências do parceiro atinge – ou supostamente atinge – a mesma importância para si-próprio⁶⁹” (BALINT, 1947, p. 135). Percebemos então, uma harmonização e também uma adaptação objetal nesse caso. O autor ainda se atenta para os animais, em que esse tipo de identificação não ocorre.

Uma boa definição desses aspectos é colocada por Balint ao nos definirmos ainda como neotênicos, que significa que retemos as nossas características filogenéticas infantis, na fase adulta. Portanto, é possível, com um ego saudável, perceber a necessidade de uma maturação (nunca completa) desse amor genital, que se apegua à ternura e à identificação genital, além da satisfação genital. Assim, parece que conseguimos atingir não somente uma satisfação genital, mas também preencher algumas lacunas de nossas ternuras infantis. Por outro lado, Balint apontou que existem também três perigos comuns desse amor genital, frente a um ego fraco: a psicose, a intoxicação (adicção, alcoolismo) e o fácil enamoramento.

⁶⁹ No original: “here interests, wishes, feelings, sensitivity, shortcomings of the partner attain – or are supposed to attain – about the same importance as our own”.

Com esse artigo, Balint teorizou e especulou as diversas questões que envolvem o amor genital, o amor maduro. É interessante ressaltar a característica e a possibilidade desse amor continuar se desenvolvendo e, para isso, ele tem que se adequar não somente às satisfações genitais, mas também aos aspectos infantis.

Assim, em relação à produção de Balint nesse difícil período compreendido entre 1939 e 1947, percebemos a grande importância dada nas relações objetais e na necessidade de uma harmonia no que compete ao amor. Em relação aos seus aspectos técnicos é possível notar um rigor em sua observação, tal como demonstrado no artigo de 1945, porém uma enorme maleabilidade no contato com seus pacientes, conforme o artigo de 1942. Em relação aos aspectos teóricos, é notável a sua perspicácia e liberdade para caminhar sem amarras, confiando no seu tato clínico, com uma liberdade (inclusive interdisciplinar), provavelmente proporcionada pela sua escola de orientação ferencziana ou, segundo Casadore (2014), seria esse o espírito húngaro. É certo que isso também refletiria em suas atitudes, como já observamos em sua atuação na Sociedade Britânica.

Sempre ativo, Balint retomou no final de 1947 a questão da formação que o levou a entrar no Comitê de Formação da BPS, em 1944. Ricaud (2000) detalhou que o húngaro relatou à Sociedade a maneira como funcionava a formação dos analistas em Budapeste, sem adornos ou narcisismo dos formadores. Criticou veemente a inibição do pensamento que se daria justamente pela tendência ao dogmatismo. Ainda, ele apontou que isso representava um entrave, pois os candidatos pareciam ser criados somente para preencher os ideais e os orgulhos de seu criador. Essa corajosa fala de Balint, acabou sendo publicado em 1948, e foi intitulado “Sobre a formação analítica”.

Por fim, percebemos, no que toca a questão histórica, um período de um hiato de publicação de Balint, mas também um período importante que representaria também uma transitoriedade (no sentido freudiano) para a construção de uma nova gama de interesses que ainda seria explorada, e que auxiliaria a uma consolidação de seu nome na história da Psicanálise.

6. Mais um novo começo: 1948-1956

Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, do modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna. A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela.

Sigmund Freud

Após esse considerável hiato, percebemos uma intensa produção de Balint, sobretudo na metade da década de 1950. Judt (2007) explicou que esse período pós-Guerra, mesmo com a Inglaterra estando do lado dos vencedores, foi bastante extenuante para os ingleses, já que esse país passava por uma situação de austeridade econômica. O autor apontou que a Grã-Bretanha não tinha ideia de seus gastos e conseqüentemente, do grau de pobreza que ainda existia no país nesse período.

Essa precarização decorreu devido ao imenso gasto e empenho dessa nação na Segunda Guerra, representado pela figura de Winston Churchill, “tomando empréstimo aos americanos e vendendo patrimônio britânico no exterior, para manter o fluxo das verbas e equipamentos” (JUDT, 2007, p. 149), fazendo, inclusive, com que a Inglaterra saísse de uma situação de credora para uma situação de devedora no mundo.

Considerada ainda por muitos como uma grande potência, a Inglaterra viveu um período de extremo controle em que tudo era racionado e controlado. Em 1949, o governo anunciou o fim das restrições, mas sem muito resultado, pois o Reino Unido, um ano depois, declarou apoio, foi aliado e ainda ajudou a financiar a Coreia do Sul, que lutou contra a Coreia do Norte, entre 1950 e 1953.

Mesmo com esse cenário caótico, houve algumas peculiaridades nesse contexto, já que a Inglaterra ainda se colocava como se estivesse em uma boa situação pelo enorme orgulho inglês desse tempo. Justamente para não ferir o orgulho dessa grande nação, foi dado uma ênfase grande no trabalho e na ciência que conseguiram se desenvolver sem grandes problemas.

Então, podemos afirmar que as atividades na BPS e na Clínica Tavistock não foram prejudicadas com esse fato, mas, pelo contrário do que se poderia imaginar diante de tal contexto, ganharam força e mais reconhecimento, pois houve um aumento de demanda daqueles que foram

prejudicados e ainda sofriam as sequelas da guerra, seja porque lá combateram ou seja porque vivenciavam um período de crise (econômica, emocional etc.) muito grande.

Dessa maneira, em um ritmo de trabalho constante, a BPS e a Tavistock se mostravam ainda lugares em que era possível discussões, seminários e pensamentos, mesmo considerando a ortodoxia da Sociedade. Especificamente, em Tavistock, era mais possível algumas experimentações.

No ano de 1948, Balint homenageou Ferenczi na Sociedade por completar os 15 anos de falecimento. Em seu discurso, ele exaltou que, com exceção de Freud, Ferenczi foi aquele que mais trouxe ideias para a Psicanálise, sempre com muita originalidade e com muita fertilidade. (BALINT,1948a).

Não encontramos documentos que conseguissem trazer subsídios para verificarmos a reação de Jones, dada as suas, já declaradas, controvérsias com Ferenczi. Ainda mais que Balint deixou bem explícito, justamente no local em que Jones imperava, que Ferenczi ficou bastante isolado por algum mal-entendido, mesmo sendo admirado. Controvérsias a parte, Balint ressaltou o caráter experimentador de Ferenczi, sobretudo a respeito do período pré-edípico e, que isso deveria ser mais valorizado, pois, estavam surgindo inúmeros estudos sobre essa temática. É importante apontar que, apesar disso tudo, aparentemente, havia até aquele momento uma boa relação entre o húngaro e o britânico, como podemos observar nesta carta de 1951, de Balint a Jones:

[...] Gostaria de saber se você está plenamente consciente do que você representa, independentemente de suas contribuições pessoais, especialmente para a próxima geração de analistas. Certamente, como você bem sabe, existem alguns entre nós que conheciam Freud, e até mesmo alguns que foram analisados por ele; No entanto, você é o único que pertencia ao círculo íntimo dos primeiros alunos [...]. (1951, p. 26-27)⁷⁰

É interessante verificar o respeito entre os dois, mesmo quando eles se desentenderam, justamente devido ao posicionamento de Jones em relação a Ferenczi, no ano de 1957, como verificaremos adiante.

Essa fala de Balint (1948a), só seria publicada no ano seguinte e, diante desse retorno após o hiato balintiano - quebrado a partir dos poucos artigos de 1947, percebemos que mesmo diante

⁷⁰ No original: “[...] Je me demande si vous êtes pleinement conscient de ce que vous représentez, indépendamment de vos contributions personnelles, en particulier pour la prochaine génération d’analystes. Certes, comme vous le savez bien, il y en a quelques-uns parmi nous qui ont connu Freud, et même quelques-uns qui ont été analysés par lui ; vous êtes cependant le seul qui ait appartenu à ce cercle très intime des premiers élèves [...]”

da perda ele se manteve bastante antenado às propostas que envolviam a Psicologia e, sobretudo, a Psicanálise.

O exemplo disso reside justamente em uma revisão realizada por ele de uma obra de Leopold Szondi, de nome *Schickalsanalyse. Wahl in Liebe, Freundschaft, Beruf, Krankheit und Tod*. A revisão de Balint foi chamada de *Sobre a 'Análise do Destino' e o 'diagnóstico instintual' de Szondi*⁷¹ (1948b).

De acordo com Tripicchio (2007), Leopold Szondi nasceu na Eslováquia, mas viveu parte de sua vida em Budapeste, onde acabou atuando como médico psiquiatra. Lá, também iniciou alguns estudos curiosos, em que realizava análises sistemáticas com casais nas quais conjecturou que muitas pessoas com problemas genéticos semelhantes se procuravam mutuamente e até acabavam se encontrando. Além disso, ele se dedicou às leituras freudianas e chegou até a ser analisado por um dos discípulos de Ferenczi.

Em 1947, Szondi acabou fundando e dirigindo a "Sociedade de Trabalho para Diagnóstico Experimental dos Impulsos e Psicologia do Destino". Essa Sociedade acreditava na possibilidade de compreender os destinos ao analisar a família dos doentes. Ele acreditava também na contribuição da Psicanálise nesse estudo, pois considerava a determinação psíquica dos instintos.

Explicando melhor, de acordo com Balint (1948b), as investigações desse pensador se deram nas atrações que as pessoas sentiam para quem demonstrava sintomas parecidos com as deles ou com a dos seus ancestrais. Então, segundo essa teoria, poderíamos afirmar que as pessoas herdavam esses genes de seu antecessor.

Apesar das pesquisas e dos resultados positivos obtidos, Balint analisou e afirmou que esse fenômeno poderia ser explicado pela psicanálise, ao se levar em conta que esse antecessor poderia ser, por exemplo, alguém que já foi importante na vida dessa pessoa. Isso levaria a uma hipótese de que a libido poderia ter se fixada em torno desse antecessor, e a escolha dessa pessoa - o amor objetual, levaria a uma transferência emocional similar àquela do amor objetual primário.

Diante dessa consideração, Balint (1948b) se mostrou bastante interessado em algumas explicações biológicas de Szondi em relação a sua "Psicologia do Destino", já que esse pesquisador conseguiu provar que as pessoas que carregam os mesmos genes geralmente atraem outras pessoas com genes parecidos, sendo então que todo amor, poderia ser considerado, de fato, um amor

⁷¹ No original: "On Szondi's 'Schickalsanalyse' and 'Triebdiagnostik'".

incestuoso. Em experimentos controlados, Szondi provou, por exemplo, que uma garota possuía muita similaridade genética com as suas 12 amigas mais próximas.

Outro interesse de Balint, foi na criação de Szondi, na década de 1930, de um teste projetivo visando um psicodiagnóstico para analisar a personalidade, levando em conta o determinismo instintual. Balint (1948b) acabou por concluir que, apesar de ser questionável, é necessário valorizar esse pensamento szondiano por construir e desenvolver mais um instrumento de medida para analisar o ser humano.

Gostaríamos, diante disso, de apontar dois importantes aspectos: o primeiro se dá pela temática do destino, mostrando também uma grande confluência temática de Ferenczi para Balint, visto que o primeiro se interessava e buscava informações frente a um caráter metafísico (como por exemplo, investigar a telepatia). O segundo aspecto reforça ainda mais a característica de Balint, como um pensador plural, com uma herança muito forte em aspectos biológicos e, conseqüentemente, um explorador e crítico no campo dos experimentos.

No ano de 1949, Balint conseguiu se inserir e trabalhar na Clínica Tavistock, e de acordo com Roudinesco e Plon (1997), ele estava bem por estar em um lugar onde John Rickman e Bion exerciam sua atividade com liberdade para criação e inovação de técnicas, possibilitando um repensar a Psicanálise. Podemos afirmar que esse fato deve ter tranquilizado Balint, pois conforme já verificado, ele se incomodava muito com a ortodoxia demonstrada na BPS.

Não à toa, é notável que a produção de Balint nesse referido ano tomou uma direção interessante. Ele acabou por ver uma necessidade de discutir a técnica na Psicanálise de uma maneira mais solta, fugindo do tradicionalismo da escola londrina. Talvez pela segurança de Tavistock, ele teve uma maior liberdade de expor, com mais confiança, sobre um modelo de atendimento que, certamente, tinha uma grande influência húngara.

Uma técnica adaptativa e provocativa

Em seu artigo de 1949, intitulado *Mudanças relacionadas aos objetivos e técnicas terapêuticas na Psicanálise*⁷², Balint (1949a) relatou sobre uma fala proferida em Zurique, em que admitiu que os analistas aprendem com seus erros e dúvidas, provocando um conseqüencial de que

⁷² No original: Changing therapeutical aims and techniques in psycho-analysis

as técnicas individuais dos terapeutas, gradualmente, vão passando por mudanças causadas pelas experiências acumuladas ao longo do tempo.

Apesar dessa afirmação parecer comum, ela não deve ter tido um bom impacto principalmente àqueles mais ortodoxos e duros, que acabavam por adotar uma postura de verticalidade e superioridade frente a seus pacientes. De certa maneira, isso atacava também as posturas mais rígidas das escolas dos kleinianos e dos annafreudianos, dentro da BPS.

Um ponto abordado por Balint (1949a) foi sobre a mudança técnica necessária que se deu desde *Estudos sobre histeria* (1895), com Breuer e Freud. Atrelado a explicação desse desenvolvimento técnico, Balint demonstrou todo seu processo na técnica psicanalítica a partir de seu percurso pessoal.

Assim, ele afirmou que começou a praticar a Psicanálise no ano de 1922, e sua técnica estava muito influenciada por dois textos freudianos: *História de uma neurose infantil*, de 1918, e; *Além do princípio de prazer*, de 1920. Dessa maneira, o objetivo de toda terapia psicanalítica estava definido por Freud em três passos: vencendo as resistências do paciente, removendo sua amnesia infantil (a partir da situação edípica) e fazendo o inconsciente (o que está recalcado) consciente. Ademais, a partir da publicação de *O eu e o isso*, de 1923, o objetivo da terapia foi trabalhar o seguinte aspecto: onde estava o isso, o eu deveria estar.

Então, para realizar essa conquista, Balint (1949a) anunciou que seria necessário reparar os lugares falhos da estrutura do eu, fazendo ele capaz de abandonar alguns mecanismos de defesa que trazem sofrimento e, a partir disso, ter potencial para desenvolver mecanismos menos custosos. É necessário apontar que acreditamos que essa ideia de Balint foi inspirada pelo instinto de apreensão de Hermann, citado por Haynal (1995), e que acabará por ocasionar dois importantes conceitos de Balint que são a ocnofilia e o filobatismo, que serão trabalhados adiante.

Ao se pensar na técnica, Balint não se limitava a estimular a livre associação e detectar os mecanismos de defesa que ali emergiam. Com uma sensibilidade ferencziana, destacou que seria necessário também prestar atenção nos elementos formais dos comportamentos dos pacientes na situação psicanalítica. Esses elementos formais “incluem, entre outros, as mudanças nas expressões faciais do paciente, seu jeito de se deitar no sofá, o uso de sua voz, o começar e o terminar a sessão, seus mal-estares e, especialmente, seu jeito de associar”.⁷³ (p. 224, 1949a).

⁷³ No original: [...] include, among others, the changing expressions of the patient's face, his way of lying on the couch, of using his voice, of starting and finishing the session, his intercurrent illnesses, even a passing malaise, and especially his way of associating”.

Balint afirmou que todos esses aspectos se relacionavam ao caráter do paciente e era difícil provocar mudanças em relação a isso. Mas é interessante mostrar que os analistas também faziam parte da transferência do paciente, representando seus sentimentos gerais e suas atitudes frente a um objeto, que seria esse próprio analista. O que se destaca aqui é justamente essa relação objetal, que o húngaro classificava como primitivo, vivido ou revivido na situação psicanalítica. Esse pensamento ganhou um enorme peso para a teoria balintiana e representou a principal mudança de sua técnica. Isso porque ele acreditou que essa nova orientação de sua técnica deveria se voltar ao entendimento e à interpretação de cada detalhe da transferência em termos de relações objetais.

Para Balint, sua técnica seria trabalhada em um viés da relação objetal e, portanto, deveria se apoiar em uma teoria capaz de dar conta dessas descrições das relações objetais. Então, inevitavelmente, pensamos na grande importância da teoria de Melanie Klein, pois ela abarcou uma noção de objeto parcial, que pode ser bom ou mau, dividido, reintegrado, destruído ou reparado, introjetado ou projetado.

Diante disso, Balint apontou que, pensando na relação objetal, sua investigação diz respeito ao comportamento do analista na situação psicanalítica ou, ainda, na contribuição do analista para criar e manter a situação psicanalítica. É necessário lembrar que essa relação é libidinosa, já que envolve aspectos transferenciais e contratransferenciais.

Logo, é necessário pensar na linguagem utilizada pelo analista, para que a tensão na situação analítica consiga ficar em um bom nível (com um bom grau de satisfação, quando comparado à frustração). Essa linguagem, dotada de libido, é que será a responsável para transmitir a interpretação ao paciente.

Em uma tentativa de explicar os vários estágios do desenvolvimento da técnica terapêutica, Balint (1949a) ilustrou sobre o que fazer quando estamos diante de um paciente silencioso. Não devemos pressionar sua testa ou interpretar que ele está fantasiando com a vida sexual ou privada do analista. Mas, conforme explicou, é necessária a criação de uma atmosfera adequada e compreensiva ao paciente, pois, inclusive, o silêncio poderia servir para um interjogo da transferência e da contratransferência, representando uma relação objetal arcaica e com a linguagem verbal comprometida. Ou seja, é necessário criarmos uma atmosfera própria e única em relação à experiência do paciente, para que esse se sinta mais adequado às relações objetais na situação analítica.

Ainda sobre a questão técnica, iremos abordar outro artigo desse mesmo ano, intitulado *Sobre o término da análise*⁷⁴. Nele, Balint (1949b) discutiu sobre uma importante temática na técnica clínica, que seria o momento de terminar uma análise. Assim, ele listou e escolheu três fatos que geralmente são levados em consideração para a condução de um término: o primeiro, estaria ligado a uma meta instintual, ou seja, a uma maturidade genital (tal como ele descreveu em *Eros e Afrodite*); o segundo estaria ligado com a relação com objetos instintuais, em que o amor genital se daria a partir da fusão da satisfação genital com a ternura pré-genital; por fim, o terceiro estaria ligado a estrutura do eu, ou seja, iria requerer um fortalecimento do eu para assim lidar melhor com a realidade.

Aos olhos de Balint, esses critérios, comumente difundidos, soavam perfeitos, porém inviáveis. Mas ele chamou atenção sobre o que ocorria na clínica com ele quando a análise terminava. Embasado em *Análise de caráter e o novo começo* (1932) e *O último objetivo do tratamento psicanalítico* (1934), Balint (1949b) apontou que o que ocorria era o que ele chamou de novo começo. Entretanto, ele realizou uma ressalva e explicou que é raro a análise terminar e por muitas vezes, o paciente encerrou, por ele próprio, antes de atingir este término.

Brevemente, o que ocorreria nesse novo começo é o seguinte: o paciente desistiria de sua atitude suspeita frente ao mundo dos objetos, especialmente de seu analista e, paralelamente a isso, uma relação objetual emergiria e poderia ser chamada de objeto de amor arcaico, ou primitivo. Essa condição indicava a possibilidade de ser amado, de todas as formas, de todas as maneiras, sem precisar amar o outro, sem precisar retornar.

Balint (1949b) comentou que, consolidado isso, o paciente sentiria que renasceria em uma nova vida ou que ele chegou no fim do túnel e está vendo uma luz. Enfim, esse paciente se sentiria seguro e feliz, além de libertado. Interessante afirmar que o analista também sente a mesma coisa, em um movimento contratransferencial, conforme observado no *O alvo das...* (1949a). Assim, temos que o novo começo permite o restabelecimento de uma confiança no ambiente.

De acordo com Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012), Balint nunca quis ser intrusivo, mas acolhedor na clínica, conduzindo a análise nos processos regressivos até os “novos começos”. O motivo disso seria chegar nesse amor primitivo, que supostamente amadureceria até chegar a um amor genital mais maduro.

⁷⁴ No original: *On the termination of analysis*.

Considerando ainda esses aspectos em relação ao objeto, Balint ilustrou o aspecto objetal além de trazer um de seus casos para estudo, em um texto de 1951, intitulado *Sobre o amor e o ódio*⁷⁵. O caso demonstrado por Balint (1951) trouxe a seguinte caracterização da paciente: uma mulher por volta dos quarenta anos, estava muito feliz por ter comprado e ajeitado uma casa como há muito tempo desejava. Com a casa nova, uns amigos foram visitá-la, o que a deixou mais feliz ainda.

Mas, aos poucos, ela começou a se irritar com a visita e veio um estado de ansiedade que ela, com muito esforço, conseguiu controlar. Mas, à medida que o tempo passava, ela ficava mais impaciente clamando aos céus para os amigos irem embora. Balint (1951) elucidou que por trás da impaciência e da ansiedade, havia um ódio aos amigos. Interessante notar que mesmo depois que os amigos foram embora, a raiva dela para com eles ainda continuava.

Outro aspecto da paciente, residia em sua carência, pois qualquer um que se aproximasse dela era considerado um anjo e um bem-aventurado que ela realmente amava. Balint (1951) percebeu que a paciente tinha muita segurança nesse pensamento. Mas, pouco tempo depois, o que ocorria era justamente o efeito contrário, pois o companheiro em questão, não aguentava mais ficar com a paciente já que, além da precocidade de tentativa de estabelecimento das relações, aquele companheiro queria cuidar de sua própria vida, de suas necessidades, de suas vontades de independência e de seus interesses. Ou seja, a paciente acabava sufocando-o.

Percebemos pelo relato que sua vida toda foi uma repetição desses padrões e ela tinha uma necessidade de amor e se atirava no primeiro sinal de atenção que outro dava. Essa pessoa em questão estava, segundo ela, munida de asas de anjo. Mas, se porventura essa pessoa amada aceitasse minimamente essa condição, pouco tempo depois, a paciente percebia que ela era diferente, e se irritava. De modo mais específico, a paciente reprimia esse ódio e uma ansiedade se instaurava.

Balint (1951) apontou que a sequência do problema da paciente parecia ser: amor – ódio – ansiedade. É fácil perceber a transição do ódio para a ansiedade. Mas, e do amor para o ódio? Além disso, Balint relatou que a paciente, na realidade, deveria amar os amigos, mas de uma forma estranha - primitiva. Ou seja, esse amor parecia ser muito diferente do que poderia ser considerado um amor maduro.

⁷⁵ No original: *On love and hate*.

Por outro lado, a paciente de Balint não podia ser chamada de imatura ou infantil ou, ainda, primitiva, visto aquele seu mecanismo de transformar seu ódio em uma ansiedade⁷⁶. Dessa maneira, Balint (1951) conjecturou que na paciente existem ambas formas de amor, quer dizer, amor primitivo e também o amor maduro. É relevante apontar que amor primitivo e maduro não são opostos, mas são marcados por fatores sobredeterminantes.

Para Balint (1951), o eu seria fraco na forma infantil de amor. Por isso o indivíduo não suporta nenhuma frustração mais séria e mobiliza vários mecanismos de defesa, como a ansiedade. Por outro lado, ele explica que no ódio há uma forte tendência inata sádica (de acordo com a teoria da pulsão de morte). Algumas pessoas têm relações ambivalentes com seus objetos, e o amor pode se sufocar pela tendência destrutiva do sadismo.

Como já demonstrado, Balint se mostrou original em seu pensamento, acabando por não seguir a escola britânica ou a escola vienense. Mas ele se destacou por seu enfoque acabar não se resumindo na relação do ódio e da destrutividade, mas na questão do amor e da libido. Stewart (2007) corroborou com isso e acrescentou que, para Balint, ao contrário da tradição britânica, o ódio seria sempre secundário, o que possivelmente o levaria a pensar no quanto o amor é primitivo.

Após demonstrar essas diversas considerações e inovações técnicas e também teóricas de Balint (em que se cria uma atmosfera mais adequada ao paciente, visando um novo começo para reconstrução objetal, que não necessariamente precisa ser ambivalente, mas sim determinada) retornaremos aos textos de 1949 para compreender melhor o *Novo começo e as síndromes paranoides e depressivas*⁷⁷, texto de 1952 de Balint.

De acordo com Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012), é necessário lembrar que no ano de publicação desse artigo, já havia ocorrido a institucionalização da Sociedade Britânica naqueles 3 grupos. Fora do grupo kleiniano, juntamente com Winnicott, Balint escreveu esse artigo que homenageou Klein, por mais que ele tenha apresentado algumas discordâncias e demonstrado algumas novas perspectivas em relação à sua teoria.

Assim, no texto, Balint (1952) demonstrou uma gratidão e contou como Klein o influenciou, inclusive na época em que ele foi morar em Berlim. Esse escrito também acabou

⁷⁶ Esse mecanismo de transformar o ódio em ansiedade é complexo e exige um amor mais maduro. Caso contrário, o amor primitivo e o ódio se igualaria ao amor. Isso porque levaria a uma transferência primária, compreendendo todos os fatores ativos no ódio: onipotência e satisfação oral.

⁷⁷ No original: *New beginning and the paranoid and the depressive syndromes*.

demonstrando como os pensamentos de Melanie Klein o “ajudam a melhor conceituar alguns processos e fenômenos clínicos com que vem se deparando desde seu artigo seminal de 1932 sobre o *new beginning*” (FIGUEIREDO, TAMBURRINO E RIBEIRO, 2012, p.67).

Conforme observado no *Término de Análise* (1949b), o novo começo está relacionado ao término do tratamento. Balint (1952a), então, descreveu o processo para chegar até esse término do tratamento analítico, contando que a satisfação que o paciente tem do analista é mais parecido com uma sensação de bem-estar do que aquela coisa mais intensa e orgástica, ou seja, colocado em outros termos, é mais terno e menos voluptuoso. Para se chegar a esse estado possibilitado pelo novo começo, deve-se explorar as questões do objeto primário, do prazer anterior e associar à sexualidade infantil. Mas como em qualquer processo sobredeterminado, é necessário se pensar no prazer erótico genital para, somente depois, chegar ao primitivo.

Balint (1952a) afirmou que em casos mais simples, a técnica tradicional de interpretação conseguiria dar conta. Mas, naqueles que têm traumas muito iniciais (primitivo), poderia ocorrer uma regressão a um estado de desamparo em que parece não haver compreensão pelos aspectos intelectuais. Então, as interpretações não poderiam ser dadas por palavras e isso, certamente, soaria até como um desamparo. Mas, seguindo Ferenczi, Balint apontou que algumas dessas demandas primitivas deveriam ser satisfeitas, se forem compatíveis com a situação analítica.

Para que isso ocorra, é necessário que haja um ajustamento do setting analítico, ou seja, uma elasticidade também das relações, visando a criação de um ambiente mutuamente confiante nesse período de trabalho. Porém, Balint advertiu que é necessário ter um tato e um cuidado muito grande por parte do analista, pois se acaso o analista for indulgente o paciente acaba por desenvolver uma voracidade frente a seu objeto – analista – para conseguir algo mais primitivo, podendo levar também a terríveis atos sádicos. Teremos então, um paciente que por mais que disfarce, expressa reações violentas e barulhentas, ao contrário dos signos silenciosos do bem-estar e das satisfações espaçadas.

É importante colocar também que Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012), apontam que esse estado de voracidade e sadismo se assemelham à posição esquizo-paranóide de Melanie Klein, que acaba resultando de falhas ambientais e falhas no processo analítico.

Segundo Balint (1952), se conseguirmos lidar entre as gratificações abusivas e as frustrações (e, isso é muito difícil),

[...] as estruturas de ego rígidas, traços de caráter e mecanismos de defesa, sendo padrões engessados de comportamentos e formas repetidas de relações de objeto, se tornam

analisáveis, compreensíveis tanto para o paciente quanto para o analista e, finalmente, adaptáveis a realidade que leva a um verdadeiro término de uma análise.⁷⁸ (BALINT, 1952, p. 247).

De acordo com Balint, isso poderia ser representado pelo novo começo, pois o paciente pouco a pouco vai cedendo em suas formas de se relacionar com os objetos e, timidamente, começa a fazer pequenas tentativas de novas formas de amar e odiar, que também podem ser vistas como velhas, mas que já foram, outrora, estragadas por ambientes precoces frustrantes.

Esse “novo”, então, seria o “velho” que foi estragado por alguma falha ambiental. São justamente essas experiências ruins que podem levar a um trauma, e forçar a dar início aos modos neuróticos (já conhecidos) de amar e de odiar. A intenção de Balint (1952) é que com a segurança da análise, da transferência, ele pode regredir e não defender mais dessa maneira, chegando a um estado ingênuo e podendo amar e odiar novamente de uma maneira primitiva. Isso o levaria a passar por um desenvolvimento mais maduro e mais adaptado. O caminho não é fácil, pois exigiria uma entrega e uma grande confiança no objeto primário.

Balint (1952a) considerou que esse período de amor primitivo ou arcaico objetual (não mais ferenczianamente passivo, após as considerações de 1939 de Alice Balint) está na base do desenvolvimento libidinal humano. Ou seja, o objetivo original do objeto é o desejo primitivo de ser amado, sem a obrigação e sem qualquer expectativa de retornar. Todos os modos adultos de relações objetais, de amor e de ódio são formações entre um desejo original e a aceitação de uma realidade. O paciente então, poderia regressar para um estado arcaico e pré-traumático.

Mas, Balint também alertou sobre algumas importantes considerações sobre o ponto de vista kleiniano sobre esse fenômeno: no processo de entrega ao objeto primário, emerge a desconfiança e também as defesas contra as falhas do objeto. Isso seria a defesa da posição esquizo-paranoide. Lidar com isso se torna extremamente complicado e, às vezes, pela técnica de Balint, limitado. Seria necessário então, criar condições facilitadoras para a regressão. É necessário considerar também que em casos menos severos, um bom manejo e uma boa interpretação conduzem o paciente a sair dessa posição esquizo-paranoide, para uma posição depressiva.

Para se conseguir aquela condição, é necessário a criação de um ambiente de confiança mútua, ou seja, adentrar um território ferencziano. De acordo com Balint (1952a), quando um

⁷⁸ No original: [...] rigid egostructures, character-traits and defensive mechanisms ossified behaviour patterns and ever-repeated forms of object-relations, become analysable, understandable to both patient and analyst, and finally adaptable to reality which then usually leads to a true termination of the analysis.

paciente termina sua análise na fase em que admite que está sentindo esses desejos primitivos, mas não consegue abandoná-los, o processo não é totalmente perdido, pois o paciente pode ainda ter uma boa adaptação social, ou seja, ampliar seu teste de realidade.

Mas, mesmo assim Balint (1952a) demonstrou que existe uma incompletude na vida desses pacientes, pois eles têm muita dificuldade de se relacionar com seu objeto de amor, por exemplo. O que ocorre, é que elas não conseguem confiar totalmente nos objetos, e justamente devido a isso, parece que as suas essências humanas se baseiam no ciúme, na inveja e também na voracidade.

Então, Balint (1952a) afirmou que se for possível auxiliar o paciente a ultrapassar essa posição paranoide, ele acabaria entrando em um outro estado mental, mas com a ressalva de que possivelmente teria muitas recaídas devido às desconfianças. Vale mencionar que o aspecto de cura é gradual e não linear, sendo bastante dificultoso, pois pressupõe uma reconquista da confiança perdida primitivamente. Esse processo depressivo é marcado também por uma auto depreciação, e uma grande ferida narcísica.

Tomando como base a teoria kleiniana, na posição esquizo-paranoide, existiam os objetos bons e maus e, particularmente esses últimos, colocam o bebê em uma situação de perseguido. Porém, na posição depressiva, quando o bebê percebe que na tentativa de ataque ao objeto mau, acabou atacando o bom (já que é o mesmo), ele fica responsável por arcar com os estragos que ele mesmo causou e ele se desvaloriza. Assim, vem um desejo infantil de ser amado, sem oferecer nada em troca. Uma defesa poderia se regressar a um estado de polarização objetal.

Diante disso, cabe ao analista um manejo para realizar boas interpretações, focando e assumindo a sua responsabilidade diante do paciente e também os desejos deles, estabelecendo ainda a vontade de todos em serem amados e correspondidos. Isso seria uma tentativa de elaboração da posição depressiva.

Em outras palavras, Balint (1952a) explicou que isso significaria uma renúncia, conscientemente, de partes “más” de nós mesmo. Assim, o paciente conheceria uma história e saberia que essas partes se desenvolveram em um ambiente que ele sentia como cruel, mesmo sabendo que essas partes “más” podem representar as pessoas mais importantes e queridas da vida dele.

É necessário apontar que essas partes não poderiam ser descartadas, pois têm um alto valor emocional ao paciente. “São os últimos sobreviventes das relações de objeto arcaicas”⁷⁹ (BALINT,

⁷⁹ No original: “the last survivors of his archaic object-relation”.

1952a, p. 253). Dessa maneira, o novo começo, resultaria também de um abandono de uma parte de nossa personalidade, ou seja, no sentido freudiano, o novo começo seria como uma adaptação frente a uma perda, como um luto.

De acordo com Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012):

Balint distancia-se bastante do pensamento kleiniano. Assumir o conflito interno, as duplicidades afetivas, a ambivalência, evitar o recurso às identificações projetivas, até aqui Balint e Klein caminhariam juntos. No entanto, para Balint, seguindo a linha ferencziana que será retomada por Winnicott, as suspeitas e fantasias paranoides não são apenas a derivação direta da pulsão de morte projetada nos objetos, mas uma defesa contra o ambiente acolhedor e não suportivo”. (p. 88).

Segundo Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012), o novo começo comporta, portanto, a perda, a renúncia e o desprendimento dos desejos infantis que, nessa situação, podem emergir de forma integrada e promissora. Se isso ocorrer, o paciente conseguirá entrar na posição depressiva e justamente a partir disso, decorreria a grande importância da terapia ser bem conduzida diante dessas duas fases.

Um outro artigo que iremos apontar, trabalha de uma maneira diferente, sobre a atmosfera do trabalho analítico e tangencia as questões éticas com o sofrimento do paciente. Como já demonstrado, a Tavistock proporcionou ótimas reflexões a Balint e uma maior liberdade de pensamento, chegando a se aproximar do que havia ocorrido na Hungria. Casadore (2012) já havia mostrado o interesse de Ferenczi em investigar alguns fenômenos telepáticos, e Balint, em um movimento ferencziano, também tentou investigar alguns fenômenos, que muitos classificam como metafísicos.

Em 1955, escreveu um artigo intitulado *Nota de parapsicologia e cura parapsicológica*. Nesse texto, Balint (1955a) comentou que muitos analistas, às vezes, se impressionam que em seu tratamento ocorre algo telepático ou de percepção extra-sensorial. Ele acreditou que tudo isso não passava de movimentos transferenciais e contratransferenciais. Para provar isso, o autor retomou aspectos szondianos (já trabalhados em *Análise do Destino...* (1948b)) e nos exemplificou a partir de uma situação ocorrida em uma festa em sua casa.

De acordo com Balint (1955a), ele estava comentando sobre o teste de Szondi com alguns convidados, e duas irmãs, que ele não tinha muita proximidade, ouviram a conversa e se voluntariaram para realizar o teste. Esse instrumento se caracteriza por ter 48 fotografias, divididas em 6 partes de 8 fotos. O colaborador deve escolher 2 fotos (uma que gosta e uma outra que não

gosta), o que totalizaria, no final, 24 fotos escolhidas. De acordo com o autor (1948) Szondi desejou com isso, a chegar a um diagnóstico instintual.

Balint (1955a) testou na primeira irmã (mais nova), que tinha 23 anos de idade e era solteira. Ao findar o teste, ela indicou que saberia quais cartas a irmã escolheria. Balint ouviu e memorizou essas cartas. Depois, imediatamente, chamou a outra irmã de 27 anos e casada. No término do teste, percebeu que a irmã mais nova havia acertado 18 cartas, das 24 possíveis. Assim, o autor explicou que esse fenômeno diz respeito justamente a questão da relação entre as irmãs. A mais velha, provavelmente, era admirada ambivalentemente e foi modelo na qual a irmã mais nova se identificou.

Assim, o autor apontou que esse é o mesmo mecanismo que aparece na clínica, em que o terapeuta parece “adivinhar” algumas coisas que se passam com o paciente. Mas, era necessário apontar algumas particularidades de seu tipo de clínica, já que era pautada em uma técnica muito mais sensível. Balint (1955a) demonstrou que tentava poupar o paciente de um sofrimento não necessário, o entendendo antes mesmo que o próprio paciente pudesse, por exemplo, se impressionar e buscar algo explicado pela telepatia. Além do caráter identificatório nesses processos, é necessário considerar a projeção e a idealização, que poderiam ser facilmente confundidos com algum processo telepático. Caberia então ao analista uma manutenção de uma atmosfera transferencial intensa. Mas, se ele não trabalhasse bem com essas questões contratransferenciais, ele mesmo poderia se confundir e achar que estaria vivenciando uma experiência extrasensorial.

De acordo com Balint (1955a), isso ocorreria em pesquisas parapsicológicas. Para criar essa atmosfera, é necessário projeção e idealização. Esses dois mecanismos conseguem explicar algumas curas religiosas, por exemplo. Podemos pensar também na grande importância disso no que tange a teoria psicossomática. No final desse texto, o autor apontou que muito dessa relação se encontra na natureza do que chamamos de percepção extra-sensorial.

Por fim, gostaríamos de apontar a importância das inovações técnicas de Balint, que acabariam possibilitando também uma originalidade teórica. É válido destacar também todo o seu cuidado no manejo com os seus pacientes e a tentativa de criar uma boa atmosfera analítica.

Tavistock, Balint e Enid: a imersão no campo social e o desenvolvimento do trabalho em grupo

De acordo com Ricaud (2000), os anos compreendidos entre 1947 e 1950 foram fundamentais para o nascimento de algo amplamente reconhecido de Balint e muito utilizado nos dias atuais, que são os Grupos Balint. O processo gestacional desse grupo, se deve a uma pessoa que seria importantíssima na vida de Balint, que se chamava Enid Albu-Eichholtz.

Quando conheceu Balint, Enid trabalhava como assistente social na Clínica Tavistock. Lá, ela havia se destacado por dois fatos: o primeiro foi por auxiliar casais com problemas de relacionamento, no chamado “Centro Tavistock para relacionamento de casal”, que em 1948, ficou conhecido como *Family Discussion Bureau*; o segundo foi por ser uma das pioneiras a introduzir o *case-work* na Clínica.

Esses trabalhos desenvolvidos eram de extrema importância. De acordo com Scharff (1993), os efeitos pós-guerra na Inglaterra acabaram gerando novas situações que modificaram muito as pessoas e, conseqüentemente, desestruturou diversas relações, e é nesse contexto que a Tavistock investiu no *Family Discussion Bureau*. Já os *case-works*, de acordo com Gelly (1994), consistiam em discussão de casos em grupo. Ricaud (2000) apontou que Enid iniciou esse método em Tavistock, liderando grupos em que as assistentes sociais exporiam, a partir de relatos escritos, os casos atendidos e a emissão conjunta das mais diversas opiniões, englobando questões como o manejo, as relações e as possíveis soluções.

É notável os diversos trabalhos realizados nesse local e não é de se admirar a vontade de Balint adentrar em um lugar que pelo menos em relação às discussões e as práticas, se aproximasse de Budapeste. De acordo com Peixoto Junior, lá era um:

Celeiro de pesquisadores em ciências humanas, funcionando como um laboratório onde novas experiências podiam ser desenvolvidas, a Tavistock havia recentemente tornado-se ilustre naquela época ao propor uma teoria psicopatológica original, fundada no estudo das interações do indivíduo com seu ambiente social e familiar (2013, p. 14).

Conforme já apontado, no ano de 1949, Balint finalmente entrou em Tavistock. Sua contratação visava justamente trabalhar junto com as assistentes sociais, já que realmente era interessante dar uma visão psicanalítica frente à supervisão desenvolvida por elas. Foi nesse contexto que ele conheceu Enid e, juntos, desenvolveram uma linda parceria, que culminou em casamento no ano de 1953.

A primeira mudança proposta por Balint nas supervisões foi a inutilização dos relatos escritos durante a exposição dos casos. Dessa maneira, Balint buscava uma maior agilidade e espontaneidade, ou seja, uma livre associação que, de acordo com Ricaud (2000), rememorava os seminários de Budapeste dirigidos por Vilma Kovács.

Toda essa experiência que Balint iria adquirir em Tavistock, o inspiraria para criar uma modalidade de grupo, que posteriormente se chamaria Grupos Balint. Além disso, podemos afirmar que em termos de produção, Enid teria um papel bastante similar ao que Alice teve anteriormente. Peixoto Junior (2013) afirmou que esse novo recomeço de Balint com sua nova esposa, Enid (agora, Balint) foi fundamental para a continuação e renovação de sua obra. A partir daqui, é nítida a percepção do interesse de Balint em escrever artigos mais voltados para o meio social, articulados com a Psicanálise.

Em 1951, Balint escreveu dois interessantes artigos, relacionados às questões disciplinares, e o mais interessante são as relações que ele faz com a Psicanálise e o paralelo com a clínica.

O primeiro artigo, *O problema da disciplina*⁸⁰, lembra bastante, pelo estilo, o artigo que Balint escreveu juntamente com Alice e com Imre Hermann (1937a). Ele iniciou justamente, relatando a indignação de um professor que defendia que a educação tradicional deveria restringir a liberdade das crianças. Balint (1951a) contrastou essa experiência com a de um sargento que acaba aplicando uma dura punição aos seus comandados. Ao se pensar na relação entre o sargento com o velho método escolar, temos um padrão a atingir: para o sargento, o padrão seria moldar um soldado para ele ser esperto. Para a escola tradicional, seria modelar um aluno para ele ser um cristão gentil. Entretanto, o autor questionou a naturalização desse processo, justamente porque não existe nenhuma preocupação para saber se esse padrão está correto ou não.

É interessante apontar que o método dessa escola tradicional não considerava as questões individuais da criança e exigia uma sobrecarrega à criança para além do limite de sua capacidade, tendo que considerar para isso, um uso da autoridade. Outro modelo que foge desse tradicionalismo, objetiva criar um homem livre e feliz, mas ainda mantém essas atitudes de sobrecarga e de autoridade. É interessante pensar que se não atingir a individualidade dos alunos, dificilmente vão conseguir perceber os gostos, desejos, talentos e ansiedades que eles produzem.

⁸⁰ No original: *The problem of discipline*.

Psicologicamente, a disciplina acaba indo contra os desejos e os interesses de um indivíduo. Então, temos que, frente a um desejo, haverá um aumento de tensão, mas justamente devido a disciplina, nenhuma ação é tomada e a mente tem que ser capaz de suportar essa tensão.

Mas, sobre essa questão da disciplina, Balint (1951a) afirmou que existem dois tipos de relação entre a disciplina e o social. O primeiro tipo é chamado de auto-evidência, em que existe uma relação direta da disciplina com a proteção, como por exemplo, não chegar perto do fogo. O segundo tipo, não é tão evidente e é marcado pelas convenções, ou seja, depende de sociedade para sociedade.

Em um movimento que recorda Hermann (apud BALINT, 1937a), Balint se utilizou de estudos étnicos para conseguir exemplificar esse tipo “não tão evidente”. Por exemplo, na França, os sapos são apreciados gastronomicamente, mas os judeus não comem por proibição e na Inglaterra é considerado nojento; a amamentação pública não é bem vista em algumas culturas, mas normal para boa parte das tribos africanas; os aborígenes australianos precisam urinar enquanto preparam a comida; as crianças esquimós parodiam sua religião com brincadeiras; o sexo livre em Samoa é permitido se a criança já tiver amadurecido fisicamente. Então, diante de tanta relatividade, Balint (1951a), questionou se a disciplina e a educação, padronizada, podem ser encaradas como sendo “naturais”.

Além disso, o autor considerou que é necessário levar em conta a complexidade do processo civilizatório que, de certa maneira, colocou um mediador entre as nossas necessidades e as nossas buscas. Isso significa que não existe mais um plano lógico, em que, por exemplo, se sentíssemos fome, caçaríamos. A civilização trouxe mediadores, como o emprego e o dinheiro, que são classificados pelo autor, como mediadores instintuais. Diante disso, Balint explicou que devido a esses mediadores, entra em jogo um plano de artificialidade, pois, ainda temos nossas necessidades primitivas (como fome, sede), mas os meios de supri-los são artificiais (depende de gás, eletricidade etc.), ou seja, nos coloca em outro plano da realidade.

Notamos ainda que, nesse complexo civilizatório, temos que lidar com uma tensão mais complicada e que dificulta nossa gratificação. Realmente, considerando isso, é necessária uma disciplina diferente na civilização, pois, conforme Balint (1951a), quanto mais complexo é uma civilização, mais temos que lidar com substituições artificiais.

Temos então que, na fase primitiva, as disciplinas e as regras estão ligadas às forças externas. Balint se questionou sobre o que ocorreria se essas forças externas deixassem de existir,

mesmo que temporariamente. A hipótese é que viria uma indisciplina, como em uma criança pequena, já educada a fazer xixi no banheiro, mas que acaba perdendo o controle e fazendo xixi em suas roupas quando sente a insegurança perante uma ausência do objeto. Já quando essa fase deixa de ser primitiva, a situação é um pouco diferente, como por exemplo em um adulto que passa pela mesma situação que a criança citada, provavelmente se sentiria com muita vergonha e remorso. Isso sim é um triunfo da educação e da disciplina, pois transforma algo que poderia ser natural ou desejado em algo ruim.

Diante disso, Balint (1951a) se questionou se a educação deveria visar a disciplina, controlando os desejos, ou deveria visar uma liberdade dentro dos moldes sociais. Ele, então, defendeu que a educação deveria evitar o aumento da força superegógica e ascender a força do ego, pois, com esse ego fortalecido seria mais possível atingir uma meta crítica e cooperativa entre os cidadãos.

Outro artigo que segue uma temática e uma conclusão parecida, se chama *Sobre punir os agressores*⁸¹. Apesar das semelhanças, é interessante observar a maneira como o autor desenvolveu suas ideias, pois ele analisou de maneira mais psicanalítica.

Nesse artigo, Balint (1951b) considerou que o crime é aquilo que ofendia os códigos de conduta, ou seja, as regras, e envolviam três fatores: a vítima, o agressor e a comunidade. O autor alertou também que um sinal de progresso civilizatório, diz respeito a criação de um quarto fator, que são “os agentes da comunidade”, sendo estes, juízes, advogados, executores, psiquiatras etc.

Quando se leva em consideração as condições mais primitivas, haviam dois métodos para se tratar o agressor: se fosse de menor gravidade, era considerado um acordo entre esse agressor e a vítima, sendo isso um processo simples, rápido e eficiente. Agora se fosse de maior gravidade, o delito seria sentido como se não fosse apenas da vítima, mas também, de toda a comunidade. O crime acabaria com a paz e, portanto, se enquadraria também como um problema ético e psicológico.

Ao agressor, era esperado que ele sentisse culpa e arrependimento, admitindo ter ferido a comunidade. Seu tratamento geralmente era cruel e, de acordo com Balint (1951b), era necessário soar “teatral” ao público, por exemplo, com um acordo grande ou até uma execução pública, como se fosse um verdadeiro “drama público”.

⁸¹ No original: *On punishing offenders*.

Nesse “drama público”, há três atos, em teoria: isolamento; punição e pena, e; readmissão. É necessário levar em conta que, em crimes maiores, geralmente, não existe o terceiro ato - a readmissão. Ou seja, acaba mesmo na punição e na pena, com exílio do agressor, morte etc. O problema, então, parece residir nesse drama quando se chega nesse terceiro ato. Afinal, como transformar um agressor em um membro cooperativo da comunidade? Ajustar um “desajustado” seria um problema psicológico. Diante disso, Balint (1951b) tentou trazer contribuições sobre esse pensamento, levando em consideração um viés psicoterápico.

Dessa maneira, apontou que visamos sempre uma questão de gratificação e diante dos danos sofridos pela vítima, paira uma demanda de compensação. Então, a punição do agressor seria determinada pelo ódio ou compaixão da vítima também. Já em relação à comunidade que teve sua paz perturbada, é lançado ao agressor um desejo de submetê-lo a um tratamento que mostrasse uma realidade por ela vivida, como se isso pudesse resgatar a paz. Para Balint (1951b), isso seria uma experiência psicológica que visaria uma gratificação de um número importante de instintos.

A comunidade espera que os agressores percebam que a sua ação despertou a todos contra ele, tendo que aceitar o veredito de que ele está errado e, ao fazer isso, tentar reparar tanto materialmente quanto psicologicamente. Se ele fizer isso e se demonstrar culpa e arrependimento, pode retornar a um lugar na comunidade.

Assim, Balint (1951b) mostrou que podemos analisar esse processo como uma espécie de pacto. Qualquer delito (ou culpa) é uma convenção de um pacto que liga os membros de uma comunidade a uma ideia maior, como um comando divino, uma responsabilidade social, um princípio democrático etc. Assim, os agressores devem ser isolados, já que é uma consequência natural de suas ações. Para ele poder retornar à comunidade, é necessário um papel de limpeza, pois ele tem que reafirmar seu pacto e reconciliar sua injúria para aquelas ideias maiores.

Mas, tudo isso acaba sendo um processo bastante complexo e é difícil excluir o sofrimento da vítima. Atualmente, existe um distanciamento entre a vítima e o agressor, ou até mesmo entre a vítima e a comunidade. Isso é visível ao constatarmos que é difícil encontrarmos as execuções públicas, pois tudo se desdobra entre os agressores e os agentes da comunidade. Isso significa que aquele sentimento de reparação ficava delegado a outro plano.

Balint (1951b) analisou algumas situações de delinquência e também a maneira que os agressores eram tratados por alguns colegas. É interessante observar que ele considerou a grande importância do amadurecimento nesse tratamento, pois considerou que a delinquência é um

importante representativo da puberdade. Assim, essa delinquência no adulto, poderia ser um sintoma de um desenvolvimento interrompido. Psicanaliticamente, de acordo com Balint, na puberdade, o balanço das forças entre o isso e o eu se descontrola gradualmente após o período de latência. O ego vai se estruturando, mas vem sendo tensionado forçosamente pelo isso.

Então, o autor listou três fatores que poderiam auxiliar para uma adequação dos delinquentes: a passagem da puberdade; o estabelecimento das gratificações genitais, e o crescimento da inteligência – considerada como a melhor condição para que ocorra uma possível sublimação. O que nos chama a atenção é que Balint (1951b) não colocou aqui a punição. Ele explicou que se pensarmos em termos do supereu, teríamos o seguinte: a ação de punir até funcionaria bem, se as vivências do agressor possibilitassem um supereu mais ou menos igual das pessoas da comunidade. Mas, de qualquer maneira, Balint concluiu que é necessário reeducar os agressores, com uma educação do eu, que fortaleceria os processos vocacionais.

Esses dois artigos de Balint demonstram um interessante enfoque na questão social, resultado de uma síntese entre seus conhecimentos e uma nova vida orientando o grupo de assistentes sociais. Isso não significava que o pensamento balintiano nunca havia abordado sobre as questões sociais, pois isso ocorria, principalmente sobre a influência de Alice Balint e de Hermann, mas, nesse período, esse interesse se fortaleceu e certamente Enid foi fundamental para tudo isso.

Para Balint, Tavistock foi um local adequado para seguir com mais liberdade o que ele havia conquistado na Hungria, o que acabou por possibilitar que ele não ficasse preso nos infinitos debates, ou infinitas controvérsias, da BPS. Conforme já apontado por Casadore (2014), o espírito húngaro foi justamente marcado pela pluralidade e pela criatividade, possibilitando alguns estudos interdisciplinares psicanalíticos.

Um interessante artigo escrito por Balint que denota isso, foi escrito em 1952 e é intitulado *Notas sobre uma dissolução de uma representação de objeto na arte moderna*⁸². Nele, percebemos também um interessante meio para retratar a importância das relações objetais, a partir de alguns estudos sobre a arte.

Balint (1952b) iniciou esse texto problematizando o modo como a arte poderia representar a vida e a natureza, os simulando parcialmente, sendo apenas uma representação destes. Como

⁸² No original: *Notes on the dissolution of object-representation in modern art.*

existe essa questão parcial, temos que o artista deve escolher as partes da vida a serem representadas e, além disso, ele deve escolher os meios de representar essas qualidades, que ele acha essencial.

Ao analisar a história da arte, o autor apontou que podemos observar que existiam muitas maneiras de representar um objeto. De maneira específica, a representação da vida começou através da arte, com os contornos que distinguiram e isolaram cada objeto do outro. Aí, ocorre também uma projeção do artista, pois o retrato seria como o artista desejo para ele, ou como ele realmente vê as coisas? Balint (1952b) acreditou que o trabalho da arte é uma recriação externa da fantasia interna usando métodos simbólicos.

Mas, adiantando e negligenciando um bom período histórico, temos que a essa concepção foi fundamentalmente desafiada pelos impressionistas, que dissolveram os contornos duros dos objetos. Uma das suas maiores descobertas foi que não são os contornos que definem o objeto, mas sim os contrastes de seus tons, sombras e cores com seu ambiente. Devemos nos atentar que o objetivo agora não era ser fiel ao objeto em si, mas deveria se levar em consideração e ser representado a sua relação com seu ambiente. Ou seja, agora não tínhamos mais aqueles duros contornos para representar um objeto, pois, para conseguirmos essa representação era necessário somente colocar o objeto em relação com o ambiente.

Aparentemente, segundo Balint (1952b), essa nova descoberta trouxe uma questão bem ambivalente: um imenso prazer, devido a uma liberação da opressão do contorno, e ao mesmo tempo, um intenso medo do objeto se fundir no ambiente. Um importante ponto a se desenvolver é o tipo da retirada temerosa em uma preocupação narcísica. Na primeira fase: natureza e vida devem ser representados como eu quero ver - duro, independente e eterno. Na segunda fase: devem ser representados como eu vejo outros, como parte de seu ambiente, distinguidos somente pelo seu contraste. Na terceira fase: os objetos devem ser representados como eu vejo quando estimulado – o objeto vai perdendo cada vez mais sua importância como objeto. Acaba virando somente um mero estímulo.

Essa tendência vai distanciando o objeto e aproximando o processo subjetivo da mente do artista. Balint (1952b) apontou que na poesia, o conteúdo épico tende a desaparecer; na música, a melodia; na literatura, menos histórias; nas pinturas e esculturas, menos objetos. A litografia do touro de Picasso, é um clássico para entendermos isso.

Em relação a essa tendência, Balint (1952b) defendeu que a acusação que esse tipo de arte é infantil, esquizofrênico ou insincero é injusta. Essa arte moderna possuiu ótimos artistas que

incomodaram, irritaram e confundiram o público, em geral. Psicanalistas têm ensinado que em um eu centrado fortemente, os estados narcísicos são instáveis devido a tensão dentro deles terem ideias tão fortes, que eles se quebram, desintegram espontaneamente mesmo sem um forte ataque do lado de fora. Por outro lado, os estados em que existem uma satisfação na relação objetal são estáveis, mesmo com uma tensão externa forte. De acordo com o autor isso poderia ser aplicado no campo da arte.

Assim, ao se considerar a arte moderna, deve-se salientar que em toda história da arte houve um aumento de uma tensão frente a mudanças, e, diante disso, Balint (1952b) explicou que nessa arte moderna, uma tolerância poderia ser prazerosa, levando em consideração que a representação está se tornando cada vez mais simbólica e o artista está expressando suas emoções com ideias diferentes. Assim, é exigido que o público estude para compreender o que o artista está expressando, com a incrível recompensa de uma forma muito mais rica de experiência emocional. Uma consequência mais distante desse desenvolvimento seria uma liberdade em se utilizar de tensões não resolvidas nas representações artísticas.

De acordo com o autor, há algum tempo, algumas tensões foram sentidas como dolorosas ou penosas e foram banidas da criação artística. Essas dissonâncias tiveram que ser resolvidas pelo trabalho elaborado. Pode-se dizer que tudo isso foi causado por um simples tabu, em que o céu só poderia ser representado em tons que variavam do azul ao roxo e a pele humana com tons de rosas. Toda essa autoimposição, demonstrava uma expressão sem discordância de tom, sem tensão e sem conflitos.

Mas Balint (1952b) apontou que essa arte moderna contribuiu imensamente à maturidade humana, demonstrando que não devemos rejeitar que podem existir características discordantes. E mais, não precisamos resolver essa discordância, mas podemos tolerar, sem dor. Ele explicou também de que haveria tensão, mas a recompensa seria ter menos medo e maior liberdade emocional, ou seja, uma maior possibilidade de emoção e de apreciação.

Esse fato contribuiria para aquilo que Balint chamou de “retirada narcísica”. Afinal, quanto mais libido o artista deposita em seus processos mentais, menos sobra para investir nos seus objetos. É perigoso, pensando nessa preocupação narcísica, o perigo da regressão. Entretanto, é necessário considerar que o amor maduro – ou genital – é uma grande aquisição, mas, também, precária, pois, pressupõe uma relação harmônica entre o amante e seu objeto, quer seja um ser

humano ou uma coisa inanimada. Se essa relação sofrer algum tipo de distúrbio, corre-se o risco dessa grande realização desintegrar em seus componentes originais.

Nossa relação com nosso mundo objetal conduziu para uma experiência aterrorizante, a um trauma. Para evitar essa repetição do trauma, estabelecemos um novo regime em que cada tipo de relação pode ser evitada, por exemplo, com a retirada narcísica. O medo se espalha e não somente o contato com o objeto é invadido, mas também o tratamento. Esse tratamento, de acordo com Balint (1952b) não pode ser em um nível maduro, já que tem que atingir essa imaturidade pré-genital.

Realizando um paralelo com a arte moderna, temos uma atitude do artista tratando seu objeto e considerando suas fantasias, emoções, sentimentos, ideias, imagens etc., em que os objetos são desmembrados, divididos e deformados. O sujo, o feio, que são qualidade dos objetos, são realística e surrealisticamente revelados, podendo ser considerados dentro do que a psicanálise enxerga no nível anal-sádico (BALINT, 1952b).

Esse artigo sintetiza bem alguns pensamentos balintianos até o determinado momento, pois, ressaltou as ideias do artigo *Novo começo...* (1952a) e *Sobre o término...* (1949b), principalmente ao considerarmos o funcionamento analítico e a retomada para uma posição pré-edípica. Além disso, nos chamou a atenção o fato de Balint relacionar os objetos arcaicos com a questão sádico-anal, já que até aqui, existia uma ênfase na oralidade. Essa crítica, ainda será retomada posteriormente, por Balint, após 1959. Por fim, é notável que Balint tenha começado a mencionar sobre um certo trauma a partir de nossas relações objetais. Isso originaria, posteriormente, um conceito balintiano chamado de *falha básica*.

O ano de 1953, foi marcado por dois relevantes fatos na vida de Balint. O primeiro diz respeito a sua separação formal com Edna, para ele se casar com Enid. O segundo fato foi marcado pela morte de seu amigo, Géza Róheim.

Haynal (1995) aponta que Róheim é um dos pensadores húngaros mais lidos, e o impacto de seus escritos são comparáveis, inclusive, com as obras de Lukács. Balint (1954a) homenageou seu amigo, no ano seguinte de seu falecimento, explicando que desde muito cedo, Róheim lia diversos livros sobre o folclore, mitos e tribos primitivas. Na Universidade, ele acabou entrando em contato com as obras de Freud, Ferenczi, Abraham, Jung e Riklin, o levando a acreditar que era possível entender a antropologia por um viés psicanalítico.

Róheim também foi analisado por Vilma Kovács, e ganhou destaque em relação a seus estudos. Ferenczi o considerou como um brilhante pesquisador e fundamental para o desenvolvimento da Psicanálise. Abraham sempre o elogiou e Freud lhe cedeu um prêmio em 1921, pelo melhor estudo científico sobre análise aplicada, em que aquele havia pesquisado sobre o totemismo australiano (BALINT, 1954a). Além desses ilustres pensadores, há de se ressaltar as diversas referências de Róheim nos textos balintianos.

Ainda nesse ano de 1954, Balint acabou sendo o primeiro convidado estrangeiro da Sociedade Francesa de Psicanálise (PEIXOTO JUNIOR, 2013). Essa expansão dele pode ser observada na ascensão de citações sobre sua obra que emergiam nesse período. Diante desse contexto, não poderíamos deixar de mencionar que todo esse seu crescimento gerou também diversas controvérsias e críticas. A mais famosa, talvez, está documentada no *seminário I*, de Lacan (1954). Basicamente, Lacan elogiou a prática analítica de Balint, sua criatividade e sua herança ferencziana, porém, acabou levantando algumas discordâncias em relação a algumas questões teóricas de Balint, como a transferência e também o Amor Primário.

É interessante observar que apesar disso, Lacan admirava o espírito e a criatividade de Balint. O húngaro, por sua vez, também era conhecido por tecer críticas a autores que estavam desenvolvendo suas ideias. Dois exemplos disso, podem ser observados em sua apreciação do livro de Gorer e também em relação aos pensamentos de Fairbairn.

Geoffrey Gorer foi autor do livro *A vida e as ideias de Marques de Sade*⁸³, de 1934. Como houve uma reedição da obra em 1953, Balint (1954b) analisou essa obra e sugeriu uma revisão das conclusões desse livro, pois, de acordo com ele, Gorer deveria se aprofundar nos aspectos de um possível sentimento de culpa nos heróis de Sade, o que nos remete aqui à influência do pensamento kleiniano.

Outra crítica do pensamento balintiano, aparece em *Prazer, objeto e libido*⁸⁴, de 1956, em que dirige uma análise sobre o pensamento de Fairbairn sobre a teoria psicanalítica. Em diversas obras, como a de 1929, Freud explicou que há uma intenção da libido em buscar reduzir tensão e, conseqüentemente, buscar satisfação. Entretanto, para Fairbairn, há uma inversão, pois a libido passa a estar relacionada a uma busca de objetos e não a uma busca de satisfação. As zonas erógenas, nesse sentido, estariam mais relacionadas ao estabelecimento de relações de objetos, do

⁸³ No original: *The life and ideas of Marquis de Sade*.

⁸⁴ No original: *Pleasure, object and libido*.

que como fontes de prazer. Balint (1956a) revelou que segundo Fairbairn, a libido não busca o prazer, mas o objeto. De acordo com Elder e Gosling (in STEWART, 2007), Balint considerou que a observação de Fairbairn sobre a situação analítica não poderia ser um representativo do desenvolvimento humano mais primitivo, entre a mãe e a criança. Fairbairn (1957), em sua defesa, chegou a responder as críticas de Balint em 1957, dizendo que parecia que ele fazia outra psicanálise e que o húngaro apresentava uma visão reducionista da subjetividade. Vale apontar que todo esse movimento de discussão era relevante e comum para Balint e ele considerava ser saudável para o campo científico. Nesse sentido, a Tavistock o auxiliou, proporcionando ótimas reflexões e, de certa maneira, aproximou com uma organização de pensamentos que havia na Hungria.

Em 1955, no mesmo ano em que ele foi eleito presidente da seção médica da Sociedade Britânica de Psicologia (PEIXOTO JUNIOR, 2013) escreveu aquele já citado artigo intitulado *Nota de parapsicologia e cura parapsicológica* e outro, que seria grande precursora da “fama” dos Grupos Balint, que se chamou *O médico, seu paciente e a doença*⁸⁵. Porém, como iremos trabalhar esse texto juntamente com seu livro de mesmo nome, de 1956, daremos prosseguimento com outro artigo de Balint, publicado também em 1956, chamado *Sexo e Sociedade*⁸⁶.

Acreditamos que esse escrito balintiano sintetizou bem outros dois artigos de cunho mais social de 1951 tratados nesse capítulo, que são *O problema da disciplina* (1951a) e *Sobre punir os agressores* (1951b). Além disso, esse texto também contaria com alguns princípios interessantes que levarão a construções teóricas posteriores de Balint.

Lido na celebração do centenário do nascimento de Freud, esse artigo realizou uma reflexão a respeito do sexo e de algumas relevantes questões moralizantes e, portanto, sociais. Balint (1956b) iniciou sua exposição explicando que a Psicanálise seria o melhor meio para investigar a vida instintual do homem, sendo muito mais eficaz que a Farmácia ou a Medicina.

Nesse texto, Balint discutiu a respeito da problemática de que todos nós vivenciamos uma privação sexual, o que conseqüentemente leva a uma insatisfação sexual. O motivo disso se dá justamente porque temos restrições impostas através de leis, instituições, tradições etc. Existem diversas restrições que foram instituídas e, portanto, são consideradas como se fossem naturais.

⁸⁵ No original: *The doctor, his paciente and the illness.*

⁸⁶ No original: *Sex and Society.*

A primeira restrição seria o casamento, pois ele significaria, em um sentido tradicional, a uma recusa da vida sexual antes do casamento, em que depois de uma cerimônia a sociedade permitiria uma via sexual e depois do casamento, a vida sexual se restringiria a um parceiro reconhecido socialmente. Interessante que essa restrição só existe em uma criatura: o homem. A segunda restrição está ligada à iniciação⁸⁷, pois, apresentam três aspectos: a criança não tem uma vida sexual, ou quando tem, não é levada a sério; com uma certa idade, é elaborada uma cerimônia para que ela possa pertencer a uma sociedade; depois dessa cerimônia, a sociedade reconhece os direitos sexuais do indivíduo. Balint (1956b) explicou que a cerimônia difere em algumas sociedades, mas em geral ela tem duas características: um conhecimento, principalmente das tradições que pertencem ao adulto, somente, e um desafio em que ele tem que provar que ele pertence a um padrão esperado.

Em uma sociedade civilizada, percebemos esse movimento em que, por exemplo, novos privilégios como a atividade sexual são consentidos e tolerados socialmente, mediante um emprego ou uma graduação, sendo somente admitido e aceito no casamento.

Balint (1956b) afirmou que existem duas importantes consequências resultantes dessas restrições: a abstinência é forçada pela sociedade até bem longo tempo depois da maturidade sexual; quanto mais o indivíduo tem de aprender, maior será seu tempo de abstinência. O autor ainda chamou a atenção de que em um animal, não vemos nada disso.

Em relação a essa característica que nos compara com os animais, o autor ainda coloca mais duas restrições, sendo que a primeira está ligada ao incesto e a segunda, está relacionada à vergonha que se instaura em relação à sexualidade, sendo que nos animais não percebemos essas restrições.

Balint (1956b) se questionou se todas essas restrições que acabam nos limitando a chegar às gratificações sexuais seriam o correto. Diante disso, poderíamos pensar em dois extremos, em que no primeiro, poderíamos abolir as restrições por completo ou reduzi-las ao mínimo, ou seja, promover uma vida sexual livre antes do casamento, uso livre e venda de contraceptivos, igualdade de direitos para ambos os sexos, abolição da prostituição etc. Outro extremo exigiria uma maior fiscalização e afirmação de todas essas restrições existentes, portanto, castidade completa antes do casamento para ambos sexos (especialmente para garotas), proibição de contraceptivos, roupas decentes para todo os esportes etc.

⁸⁷ O termo original utilizado por Balint, é “initiation”. De acordo com o dicionário Oxford (2010), seria o ato para alguém começar a pertencer em um grupo.

Temos então, acima, argumentos progressistas que parecem ser a favor da necessidade biológica, no respeito da liberdade humana e em uma crença de que todo mundo tem o direito de ser feliz; e argumentos conservadores que defendem que a cultura estaria em risco se enfraquecesse essas restrições, já que ela foi criada a partir dos valores espirituais, morais, éticos, religiosos etc.

Balint (1956b) considerou também que boa parte dos animais se relacionam sexualmente uma vez apenas e depois morrem. Já os vertebrados fazem mais vezes, porém é marcado pela periodicidade em sua sexualidade. Mas, quando eles estão nesses períodos, ficam loucos, inconscientes dos perigos externos, não cuidam de ninguém e estão violentos e, no resto do ano, eles vivem pacificamente e não mostram excitação. Já o homem é diferente, sendo que da puberdade até os seus 60 anos (ou mais), ele está permanentemente excitado ou com desejo de estar excitado. Mas ele não fica tão louco quanto os animais, pois aprendeu a se controlar. E se ele não se controlasse ia se tornar louco de amor e negligenciaria seus deveres sociais, como o respeito pela autoridade, o amor pelo país etc. Isso significa que o adultério seria muito comum, tal como o assassinato, o estupro etc. Assim, é natural que a sociedade tenha desenvolvido defesas e se preservado contra esses perigos.

Diante disso, Balint (1956b) demonstrou que as pessoas tinham que aprender a se controlar, tendo a educação como um instrumento fantástico para isso. Isso possibilitou a consolidação de uma instituição para nos deixar com vergonha e com remorso, se tornando exclusivo da espécie humana – podemos chamar pela psicanálise de supereu, sendo uma instituição que estragaria nossos prazeres infantis e nos deixaria com vergonha desses desejos. Esse processo ajudam as leis e as tradições a se reforçarem. Poderíamos até apontar que nossa mente não funciona como unidade, mas parece se dividir em uma parte caracterizada por nossos desejos, instintos, necessidades biológicas etc., e a outra parte pelo autocontrole e valores morais. Em nossa vida, todas nossas ações internas e externas estão entre essas duas instâncias.

Balint (1956b) percebeu então, que as formas de vida sexual, da educação e da sociedade são interdependentes. É impossível mudar uma sem mudar as três. Talvez o problema é que acabamos voltando à política e à educação e notamos que elas não são boas, pois geram e são geradas por uma sociedade que é podre e injusta. E, diante disso, nossa vida sexual não é saudável, mas é insatisfatória e é infeliz.

Por outro lado, fazemos parte de um trato, ou de um pacto civilizatório, pois conseguimos viver e trabalhar na sociedade. Dessa maneira, teríamos a impressão de que somente na restrição sexual, poderia haver civilização.

Entretanto, Balint (1956b) afirmou que não devemos reduzir o amor à sexualidade genital, pois, existe uma outra forma mais suave de amor que valoriza a ternura que, conforme já citado, seria um amor mais primário. Para mantermos a atual civilização pagamos um preço alto, já que temos pessoas bem-educadas, conscientes, de sucesso, que podem ser frígidas ou impotentes. Por outro lado, a civilização também possibilita uma educação insuficiente de pessoas com um supereu fraco, que pode levar à tona os seus instintos e se rebelar com violência, crimes e perversões. Dessa maneira, parece estarmos ligados a seguinte controvérsia: o que seria mais importante? A felicidade individual ou a segurança da comunidade?

De acordo com Balint, é possível equilibrarmos melhor isso, pois algumas restrições não são absolutas e incondicionais. Temos livre escolha, mas temos que medir as consequências. Assim, uma pessoa que vive dessa maneira, parece ser mais livre e menos deficiente em sua busca por felicidade. Ela deve ser educada de maneira diferente para, ao menos, conseguir obter uma escolha com responsabilidade. Então, a questão não é saber se o sexo deve ser livre ou restrito, mas, sim, quais restrições são necessárias e quais podem ser descartadas. Notamos então, que o problema é outro: saber como educar o homem para essa condição.

Balint (1956b) explicou que há uma grande diferença entre o relacionamento objetal entre os diferentes indivíduos e civilizações. No todo, poderíamos afirmar que quanto mais primitivo um homem, mais dependente ele seria de um objeto particular. Funcionaria mais ou menos assim: é preferível a esse homem falar que algo emana do objeto, do que falar que seus desejos são tão fortes que se tornam incontroláveis. Um bom exemplo disso, segundo Balint, é a relação entre as crianças com doces, pois elas comem, mesmo se começarem a passar mal. Percebemos esse comportamento nos adultos em algumas situações também: na guerra havia um racionamento de doces e, quando era liberado, eles agiam como essas crianças. Grosseiramente, o mesmo ocorria com as sociedades primitivas, como nos aborígenes que matavam um animal e imediatamente o comiam, independente se eles estavam com fome ou não.

Por esse ângulo, poderíamos dizer que a civilização começou quando os homens começaram a estocar a comida. Ou, psicanaliticamente falando: quando eles começaram a resistir a atração do objeto. Assim, Balint (1956b) explicou que preservar comida foi um importante passo

para o desenvolvimento psicológico da sociedade humana, marcando uma importante mudança entre o objeto e o sujeito, ou seja, o objeto começa a perder o poder; e o humano a ganhar.

Diante desses fatos, por lógica, teríamos a situação de que para educar um homem livre, que consegue buscar a sua felicidade, seria necessário treiná-lo para resistir à atração do objeto e capacitá-lo para encontrar novas satisfações em novos objetos, se o original se tornar impossível, permitindo-o desfrutar de uma grande variedade de gratificações.

Entretanto, existem inúmeras dificuldades internas e externas para conseguir se chegar a isso. Balint (1956b) apontou o problema do complexo de Édipo no cerne dessa problemática. Ao nascermos, nos encontramos ainda muito fragilizados e dependemos de cuidados especiais. Para o autor, esses cuidados demandam intimidade no desenvolvimento inicial, e um déficit nesses cuidados poderia gerar um problema de ordem emocional. Além disso, é necessário considerar algumas experiências mais antigas que acabam ocorrendo em uma situação triangular (com pai, mãe e filho) e um importante detalhe é que sempre os três, têm que lidar com as reivindicações de outros dois.

Balint (1956b) demonstrou, diante disso, que no Complexo de Édipo encontramos extremos balanços de amor e de ódio e isso também seria uma base da nossa civilização. A questão da separação da criança e de sua mãe constitui um trauma, que ocasiona uma ambivalência entre amor e ódio. O principal resultado que temos é que cada membro da situação triangular, particularmente a criança, irá sentir a gratidão e o amor, mas também irá sentir a inveja e o ódio contra um ou os dois se ele se sentir excluído. Isso explica o porquê o Complexo de Édipo ser sempre um problema.

Isso leva também àquelas dificuldades externas, que podem ser colocadas da seguinte maneira: como viver junto com outras pessoas?; como estabelecer formas de viver, sabendo que rivais devem ser tolerados e suas satisfações também devem ser aceitas?; como tolerar e apreciar nossas próprias satisfações, sabendo que isso causará em nossos companheiros ódio e inveja contra nós?

Diante dessas dificuldades, encontramos toda a complexidade de se realizar e de encontrar formas plenas de satisfação na sociedade. Balint (1956b) afirmou que o preço para se chegar na civilização é a insatisfação sexual, pois norteia as instituições, nos restringe e nos protege. Porém, ele explicou também que à medida que resolvemos alguns aspectos do complexo de Édipo, conseguimos vivenciar e perceber os objetos que trazem amor, ódio, frustração e gratificação, ao mesmo tempo, podendo chegar próximo àquele ideal educacional que visaria o homem livre.

Nesse artigo, além de percebermos a influência dos textos sociais de 1951, podemos verificar também a importância de outros artigos, como as *Notas sobre uma dissolução...* (1952), em que Balint apontou justamente o papel educacional frente ao estranhamento de um objeto, como algo que possibilitaria o crescimento do homem frente aos objetos.

Como já demonstrado, Tavistock foi um local interessante para que Balint desenvolvesse as suas técnicas e também as suas teorias. Entrar em contato com os *case works* possibilitou também um repensar técnico e com um “toque húngaro”, Balint conseguiu transformar aquele ambiente, o que o levou a formar posteriormente, um grupo com clínicos gerais.

Essa sua última experiência, conseguiu fazê-lo pensar em uma prática que ele descreveu em um curto artigo e também em seu livro mais famoso (no meio médico), escritos, respectivamente, em 1955 e 1956. No início de *O médico, o seu paciente e a doença*, Balint (1955b) explicou que na Clínica Tavistock, ele visou um estudo da implicação psicológica na prática da medicina geral. Em um desses seminários, discutiu sobre os fármacos e chegou a uma conclusão coletiva de que a droga mais usada na medicina era o próprio médico. Se isso não bastasse, ele pensou também que o problema estava na atmosfera criada pelo médico, tal como o modo de prescrição dessa droga (o próprio médico) aos pacientes. Além disso, não existia um texto dizendo a dosagem, a forma ou a frequência dessa droga para se medicar. Diante disso, Balint decidiu que seria necessário a criação de seminários sobre essa farmacologia.

As considerações de Balint eram bastante interessantes, e ele acreditava que com o fenômeno da urbanização, as pessoas se sentiam cada vez mais sozinhas. Ao considerar esse contexto, problematizou a prescrição médica dessa droga e a classificou como sendo decisiva ao paciente.

Como exemplo, Balint (1955b) contou a história de um médico que atendeu uma senhora casada, de 38 anos de idade, que sofria com dores no ombro. Ele começou a examiná-la e perguntou se ela era casada. Ela respondeu que sim, mesmo seu casamento não indo bem. Ele perguntou se aquelas dores poderiam estar relacionadas com esse fato, mas ela hesitou, e respondeu que não. Logo após, ele receitou a ela uma aspirina por uma semana. Balint, então, criticou o médico dizendo que ele não serviu como uma droga eficiente a essa paciente.

Para melhor entender essa questão, nos utilizamos também de uma versão portuguesa, em formato de livro, intitulado *O médico, o seu doente e a doença*, que expande esse pensamento balintiano. Dessa maneira, descobrimos que Balint (1956c) realizou grupos de discussão, com oito

ou nove clínicos gerais e mais dois psiquiatras. Esse grupo funcionou uma vez por semana por dois ou três anos e se caracterizava por ser um grupo livre, que seguia um método, e visava discutir alguns casos e se focava no que os médicos sentiam. Essa experiência foi a base para o que, mais para frente, foi chamado de “Grupos Balint”.

Um fato interessantíssimo no pós-escrito desse artigo de Balint (1955b), é uma reflexão do autor ao liderar esses grupos, sobre o uso do termo “doença” no mesmo sentido utilizado pela Medicina. Pensando de maneira psicanalítica, ele descreveu que deveria chamar isso de “doença básica” ou até de “falha básica”, pois essa “doença” evidenciava uma discrepância considerável muito cedo na formação nos primeiros anos ou até meses do indivíduo, entre suas próprias necessidades e o cuidado. Isso criaria uma deficiência parcialmente reversível. Essa falha estaria em sua constituição, em sua individualidade e em seu caráter, no sentido psicológico e biológico. O ambiente então, estaria ineficiente: super ansiogênico ou super protetivo. Portanto, de acordo com Balint (1956c), todas as doenças clínicas se demonstravam tendo base nessa doença básica, ou nessa falha básica.

Retornando aos escritos do livro, Balint (1956c) explicou que existe uma relação entre o paciente e a doença, que vai para além do médico. Ou seja, existe um outro plano que está para além do médico e podem residir em doenças que não provocariam muitas dores ou anseios e não era nada simples diagnosticá-los. Em uma situação analítica, ocorreria o fato de o paciente aliviar sua tensão transferindo-a para o analista. Mas, e quando não há essa pessoa para auxiliar? O sujeito estaria sozinho?

Para responder a isso, podemos recorrer ao exemplo que Balint expõe sobre um novo meio de enxergar a criação de um artista. A Psicanálise tentava explicar o processo de criação numa relação dual, mas Balint (1956c) apontou que o artista criava por si próprio, em um mecanismo parecido com o dos doentes: no estágio inicial da doença, haveria desorganização. As pessoas se retiravam de seu ambiente normal progressivamente, e iriam criando e cultivando doenças, por si próprias. Nesse período, a Psicanálise ainda não dava conta de como iria trabalhar. Assim como na criação artística, não haveria uma segunda pessoa ou sujeito exterior para as emoções serem transferidas e ser possível analisar pelo método tradicional psicanalítico. Mas, Balint (1956c) alertou para o fato de que haveriam afecções que eram causadas pelo exterior, como um dedo machucado ou até uma forte gripe. Mas, quando o paciente voltava periodicamente, por pequenos

ferimentos que ocorriam sempre, com demasiadas infecções, com problemas alérgicos etc., a impressão era de que a doença era uma qualidade dele.

Diante disso, Balint (1956c) se questionou: o que viria primeiro? A doença crônica ou a personalidade? O autor se arriscou a pensar que a origem disso tudo se daria em uma doença básica ou uma falha básica, que ocorreria na estrutura biológica, mas envolveria diversos níveis de mente e de corpo. E isso ocorreria muito cedo e poderia se dar por uma defasagem considerável das necessidades do indivíduo.

Frente a essas preocupações de Balint (1956c), se demonstrava também uma crença em uma medicina utópica, com clínicos gerais capazes de, a partir de uma espécie de psicoterapia, curar pacientes nesse estágio precoce.

Diante dessas considerações, gostaríamos de apontar, primeiramente, a importância desse artigo, não somente para as reflexões em torno dos “Grupos Balint”, mas também para o constructo psicanalítico. O pós-escrito do artigo *O médico...* (1955b) é de suma importância para conseguirmos pensar em um dos principais aspectos balintianos que ele trabalharia posteriormente e classificaria como “Falha básica”. Aliás, pelo que conseguimos observar até o momento, 1955 foi a primeira vez que o autor se utilizou desse termo.

Além desse relevante aspecto, é notável esse “novo recomeço”, ou esse “mais novo começo” de Balint, diante da Clínica Tavistock e de sua nova esposa, Enid Balint. Percebemos então, um maior enfoque em problemáticas sociais e também uma maior liberdade (que, inevitavelmente, nos lembra o espírito húngaro) em estar abordando as problemáticas psicanalíticas, fugindo daquela ortodoxia da BPS.

Por fim, consideramos que até o momento, abordamos as bases e as construções de Balint, que irão consolidar os principais conceitos balintianos como: amor primário, novo começo, falha básica, ocnofilia e filobatismo, entre outros conceitos que serão trabalhados no próximo capítulo.

7. Uma consolidação teórica psicanalítica balintiana: 1957 – 1970

Foi dentro desta compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário...

Vinícius de Moraes

Mesmo com o fim da Segunda Guerra, o mundo continuava instável devido à Guerra Fria. Assim, era perceptível a noção de um clima de tensão e de medo que se instaurava e que, certamente, influenciava outros âmbitos como a economia, a política, o social, o cultural etc.

Na Inglaterra, em 1957, era possível observar uma tentativa de ascensão econômica representada por um pensamento do primeiro-ministro Maurice Harold Macmillan, que afirmava para todos que o Reino Unido nunca havia sido tão bom economicamente, sendo possível uma expansão consumista naquela época. (JUDT, 2007). Dotado de uma postura mais conservadora, esse primeiro-ministro estreitou ainda mais os laços britânicos com os Estados Unidos.

Diante dessa constatação, percebemos que existem importantes fatos que, possivelmente, atravessaram a vida de Balint: o modelo de seus pacientes e de seus grupos vivenciaram esse clima de medo e de transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, e; com o fortalecimento da aliança junto aos norte-americanos, eram mais possíveis a transição e as trocas (inclusive intelectuais) entre esses dois países.

De acordo com Ornstein (1992), Balint visitou e proferiu algumas falas sobre a relação terapeuta-paciente em Cincinnati, no ano de 1956, e acabou influenciando muitos estudantes da época, em um local onde a Psicologia do Ego era muito forte. Não à toa, Balint recebeu alguns convites de trabalhos no Novo Mundo que, segundo Peixoto Junior (2013), o levaram ao cargo de professor adjunto da Universidade de Cincinnati em 1957, tendo que recusar outros convites, como o que foi oferecido pela Universidade de Baltimore. Ricaud (2000) apontou que Enid também foi convidada e aceitou ser professora na mesma Universidade que Michael.

Esse mesmo ano também foi marcado por um desentendimento, um pouco mais explícito do que foi apresentado na homenagem de Balint ao Ferenczi (1948a), com Ernest Jones. Inicialmente, de maneira educada, em maio de 1957, Balint indicou sua discordância da visão de Jones em relação a Ferenczi:

Caro Dr. Jones,

Envio-lhe em anexo os testes que o senhor gentilmente me cedeu. Posso assegurar-lhe o prazer que tive de lê-los e dizer-lhe o quanto eu admiro a sua capacidade de dar um material tão rico de forma concisa.

(...)

O resto é muito mais difícil. Trata-se de seu julgamento do período posterior de Ferenczi, digamos, de 1922. No *Placard*, número 14, você descreve Ferenczi, juntamente com Rank, como alguém que perdeu gradualmente a sua integridade mental. Esta descrição é difícil de discutir porque é parcialmente verdadeira, mas, infelizmente, eu acho que essa afirmação é incorreta e enganosa. É verdade que, sob o efeito de alta tensão, Ferenczi estava inclinado a dar livre curso às suas emoções e ele poderia, então, dizer ou mesmo escrever coisas que lamentaria mais tarde. Acho que podemos acrescentar que ele nunca hesitou em voltar frente a algumas questões; mas nunca, em qualquer momento, ele se desviou do que chamamos de psicanálise nem se desviou de sua lealdade para com Freud. Embora às vezes ele sentiu que foi gravemente ferido pelo que chamou de viés de Freud e, estava em desacordo sério com seu professor e amigo, eu posso atestar por experiência pessoal, que, mesmo no auge do desacordo no período posto dos anos 1930/1933, não havia sombra de dúvida nele, ou em suas palavras, que ele era, e que tinha a intenção de permanecer psicanalista e um seguidor de Freud (CORRESPONDANCE, 2004, p. 71-72)⁸⁸.

O material em questão que Jones cedeu ao húngaro, se tratava dos escritos referentes ao terceiro volume da biografia de Freud. Até pela popularidade e respeito que Jones tinha dentro da Psicanálise, Balint tinha a completa noção que a publicação dessas ideias equivocadas sobre Ferenczi poderia provocar.

A visão que Jones (1957) colocou de Ferenczi nessa obra, não acopla os grandes feitos e contribuições nas experimentações clínicas, mas reduz em pontos não tão relevantes, como o interesse na telepatia. Se isso não bastasse, o britânico ainda afirmou que Ferenczi estava atacando Freud e, além disso, se encontrava acometido por um distúrbio mental e que perto de sua morte

⁸⁸ No original:

Cher Dr Jones,

Je vous renvoie ci-joint les épreuves que vous m'avez aimablement fait tenir. Puis-je vous assurer du plaisir que j'ai eu à les lire et vous dire à quel point j'admire votre capacité de donner à un matériel aussi riche une forme aussi concise.

(...)

Le reste est beaucoup plus difficile. Cela concerne votre jugement de la période plus tardive de Ferenczi, disons à partir de 1922. Dans le placard 14, vous décrivez Ferenczi, ensemble avec Rank, comme perdant peu à peu leur intégrité psychique. Cette description est difficile à discuter, car elle est partiellement vraie. Malheureusement, affirmé ainsi, sans réserves, je pense que c'est incorrect et trompeur. Il est vrai que sous l'effet d'une forte tension, Ferenczi était enclin à laisser libre cours à ses émotions et il pouvait alors dire, ou même écrire, des choses qu'il regrettait par la suite. Je pense que nous pouvons ajouter qu'il n'a jamais hésité à revenir sur ce qu'il a dit ; mais jamais, à aucun moment, il n'a dévié de ce que nous appelons psychanalyse, ni de sa loyauté à Freud. Bien que, parfois, il se soit senti gravement blessé par ce qu'il appelait la partialité de Freud et qu'il était en sérieux désaccord avec son maître et ami, je peux me porter garant, par expérience personnelle, que même au sommet de leur désaccord, tant dans la période Rank qu'au cours des années 1930/1933, il n'y avait pas l'ombre d'un doute en lui, ni dans ses paroles, qu'il était, et qu'il avait l'intention de rester un psychanalyste et un adepte de Freud.

“ocorreram as violentas explosões paranoicas e até homicidas” (p. 184). Em novembro de 1957, as suas discordâncias se tornaram mais abertas e era visível certa irritação de Balint:

Caro Dr. Jones,

No último mês, desde que li o seu tomo III, eu devo dizer mais de uma vez, que o senhor hesitou em escrever. Sua descrição da fase final da vida de Ferenczi é a razão disso, como você certamente sabe. Acho que o que você disse a ele no livro é, em muitos aspectos, muito longe da verdade e também é enganosa, especialmente o caso em que você diz de seu estado mental durante o período final de sua vida. Vi Ferenczi nos últimos meses de sua vida, em muitas ocasiões, uma ou duas vezes por semana, e eu nunca o encontrei delirante, paranóico ou homicida. Pelo contrário, se ele estivesse fisicamente atingido por sua ataxia, tinha principalmente, seu espírito fresco, e muitas vezes ele discutiu comigo os vários detalhes de sua controvérsia com Freud e seu plano de visitar algumas de suas idéias publicadas nos seus últimos artigos - se ele ainda fosse capaz de escrever. Eu o vi domingo antes de sua morte, e, embora muito fraco, sua mente estava clara.

Muitas pessoas têm escrito para mim de diferentes partes do mundo perguntando se suas afirmações sobre Ferenczi eram precisas e o que eu pensava sobre isso. Eu realmente não sei o que fazer a respeito do desacordo entre nós. Obviamente, você tem razão para acreditar no que escreveu, e é o mesmo em relação a mim e as minhas memórias. Além disso, eu poderia ficar em silêncio, mesmo com o executor literário de Ferenczi disponibilizado em toda a correspondência Freud/Ferenczi ser interpretado como um acordo com a sua descrição. Por outro lado, eu odiaria iniciar um tipo de controvérsia pública. Talvez você, com a sua vasta experiência, pode sugerir uma forma que nos permita tanto a declarar publicamente que, embora mutuamente respeitando nossos pontos de vista, estamos de acordo sobre o fato de que eles diferem. No entanto, se você prefere não associar qualquer declaração desse tipo, eu gostaria de me aconselhar sobre a forma em que eu poderia dizer tudo isso. Me perdoe, mas preciso dizer que estou extremamente triste por isso, mas eu espero que você entenda que eu não posso não fazer nada (CORRESPONDANCE, 2004, p. 74-75)⁸⁹.

⁸⁹ No original:

Cher Dr Jones,

Au cours des derniers mois, en fait depuis que j'ai lu votre tome III, j'ai plus d'une fois hésité à vous écrire. Votre description de la dernière phase de la vie de Ferenczi en est la raison, comme vous le savez certainement. Je pense que ce que vous dites de lui dans le livre est, à bien des égards, loin de la vérité et propre à induire en erreur. C'est tout particulièrement le cas pour ce que vous dites de son état psychique durant sa dernière période. J'ai vu Ferenczi durant les derniers mois de sa vie en bien des occasions, une ou deux fois par semaine, et je ne l'ai jamais trouvé délirant, paranoïde ou homicide. Au contraire, bien qu'il était physiquement invalidé par son ataxie, il avait la plupart du temps l'esprit frais, et discutait souvent avec moi des divers détails de sa controverse avec Freud et de son projet de revoir certaines de ses idées publiées dans ses derniers articles – si jamais il était encore capable d'écrire. Je l'ai vu le dimanche avant sa mort et bien que très faible, son esprit était parfaitement clair. Un bon nombre de personnes m'ont écrit de différentes parties du monde me demandant si vos assertions concernant Ferenczi étaient exactes et ce que j'en pensais. Je ne sais vraiment pas comment faire en ce qui concerne ce désaccord entre nous. Manifestement, vous avez des raisons de croire ce que vous avez écrit, et il en est de même en ce qui me concerne, moi et mes souvenirs. Par ailleurs, si je garde le silence, le fait d'avoir, moi, l'exécuteur littéraire de Ferenczi, mis à votre disposition l'ensemble de la correspondance Freud/Ferenczi sera interprété comme un accord avec votre description. D'un autre côté, je détesterais d'entamer une sorte de polémique publique. Peut-être vous, avec votre très vaste expérience, pourrez-vous suggérer une façon qui nous permettrait à tous deux de déclarer publiquement que, tout en respectant mutuellement nos points de vue, nous sommes d'accord sur le fait qu'ils diffèrent. Toutefois, si vous préféreriez ne vous associer à aucune déclaration de ce genre, je vous serais reconnaissant de me conseiller sur la forme sous laquelle ce que j'ai à dire pourrait être dit. Inutile de dire que je suis extrêmement désolé de tout cela, mais j'espère que vous comprendrez qu'il m'est impossible de ne rien faire à ce propos.

Sobre essa atitude de hostilidade em relação ao Ferenczi nos escritos da biografia de Freud, podemos conjecturar que, apoiando em Gay (2012), esses atos não ocorreram à toa. Jones não escondia a sua grande admiração por Freud e queria ganhar mais notoriedade. Além disso, ele teve alguns problemas (conforme já foi apontado) com a sua análise que ele havia feito com Ferenczi. O húngaro então, parecia ofuscar (ou ameaçar) a figura de Jones. Gay afirmou que “Ferenczi, como Jones notou não sem uma pontada de inveja, tornou-se “o membro superior” no estreito círculo de profissionais de confiança de Freud e “o que se manteve mais próximo” dele (2012, p. 198).

Essas controvérsias com Jones desgastaram bastante Balint em um momento em que pouco a pouco ganhava reconhecimento nos locais em que trabalhava. Paradoxalmente, acreditamos que essas afirmações publicadas por Jones, também foram responsáveis pelo desconhecimento ou pela falta de reconhecimento de Balint nos meios psicanalíticos nos tempos atuais, pois desvalorizando Ferenczi, automaticamente haveria uma desqualificação de sua escola e de seus seguidores.

Thrills e regressões para além de Freud

Em 1959, Balint passou a integrar a Sociedade de Psicossomática de Paris e de Frankfurt e também nos apresentou um importante escrito, que originalmente foi nomeado como *Thrills and Regressions*. Esse é um título bastante complicado de ser traduzido, devido a dificuldade e a complexidade do primeiro termo, visto que o dicionário Oxford (2010) classifica *thrill* como sendo um sentimento forte que pode gerar excitação ou prazer. Diante disso, observamos alguns autores traduzindo essa palavra como “emoção” ou “emoção forte” (PEIXOTO JUNIOR, 2013) ou também como “excitação” (CASADORE, 2014). É interessante também apontar que a versão alemã dessa obra, apresenta o nome *Angstlust*, que também não tem tradução para o português, mas daria o sentido dúbio de medo e de desejo/prazer. Frente a essa complexidade e evitando um uso de um neologismo, optamos pelo mesmo uso que Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) se utilizaram, ao não modificar a palavra inglesa e mantê-la tal como a original.

Essa obra de Balint (1959) é inaugurada, ressaltando a grande importância dos estudos das atitudes primitivas para se pensar as questões teóricas e técnicas psicanalíticas. Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) elogiaram a originalidade dessa obra que possui uma linguagem e

uma linha de raciocínio que parecem se desprender de Freud e criar algo, legitimamente, balintiano (ainda que muito apoiado em Ferenczi).

Stewart (2007) apontou também uma outra característica interessante dessa obra, pois Balint conseguiu mostrar que os fenômenos de *thrills* e de regressões não são exclusivamente experimentados na clínica, mas são passíveis de ocorrerem nas diversas situações cotidianas.

Visando explicar o desenvolvimento das relações objetais, chegando até nas diferenças entre as pessoas que se apegam mais a objetos e as que não se apegam, Balint (1959) iniciou seu escrito analisando a relação dos *thrills* com as diversas atividades e experiências pela qual passamos e, de maneira mais específica, pensou na ligação existente entre o *thrill* e os parques de diversões.

O parque de diversões, de acordo com Balint (1959), está presente na maioria dos lugares do mundo e representa uma quebra na rotina e no trabalho, levando as pessoas a sentirem as diversões e os prazeres. Além disso, é comum nesse local ter comida, prazeres agressivos (como atirar em coisas), prazeres ligados a sensações como tontura, falta de estabilidade (como nos carrosséis, rodas gigantes), mostras que remetem ao primitivo (mulher gorila, por exemplo), jogos, adivinhações e jogos de azar.

As comidas são geralmente baratas e doces. Os jogos agressivos envolvem atirar, destruir ou medir forças. De acordo com Balint, eles estão ligados ao processo regressivo, ao se pensar na oralidade e na questão instintiva de destruição. Sendo assim, podemos classificar o parque de diversões como um dos meios que a civilização acabou aceitando para um certo “escape”, frente as imposições culturais e sociais.

Um aspecto a se considerar sobre o ponto supracitado, é a de que o sujeito no parque é incitado, estimulado e recompensado por ser agressivo. Quanto menos ansiedade e inibição ele sentir, mais agressivo ou destrutivo ele poderá ser (Balint citou exemplos, como: acertar no alvo, esmagar algo etc.). Isso leva a uma questão de uma relação objetal diferenciada, pois segue um caminho contrário do que foi estipulado culturalmente.

Entretanto, existe uma questão interessantíssima que acaba indo além dessas necessidades orais e satisfação dos instintos de agressividade, que pode ser encontrada também nos parques de diversão e nas diversas situações de nossas ações. Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) apontam que parece existir uma ênfase na obra balintiana de uma necessidade de regressão periódica muito arcaica, que vai além da oralidade. Quando se considera, por exemplo, o caráter

destrutivo dos brinquedos, é notável que a agressividade não sofre retaliações ou controle do ambiente, que nada mais são do que imposições culturais. Pelo contrário, notamos que existe uma aceitação dessa liberação nos parques de diversões que parece ir de encontro com o amor primário, pois essas agressões são premiadas, o que leva a questão da aceitação e do amor incondicional da relação do objeto primário.

Outro ponto interessante está ligado àqueles brinquedos como balanços, carrosséis e montanhas-russas, que, segundo Balint (1959), se relacionam à falta de estabilidade, tontura e vertigem, em que é possível nascer uma forma muito particular de ansiedade. Nessas situações, é comum observarmos pessoas que se agarram a alguma coisa mais sólida ou pressiona seu corpo todo contra um objeto mais estável. Entretanto, Balint apontou também que, relacionado a essa questão da ansiedade, está uma forma de prazer muito peculiar obtida através dessas experiências, em que a pessoa, mesmo consciente do medo que irá sentir, se expõe intencionalmente, tendo uma confiança e uma esperança de que retornará a um local seguro. Essa mistura de medo e de prazer é o que constitui os elementos básicos do *thrill* (e a palavra *angstlust* também se mostra bastante eficaz). Vale destacar que o autor explicou ainda que essas formas de satisfação e de *thrills* podem ser vivenciados quando observamos acrobatas que estão a todo o momento prestes a cair.

Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) apontam que, diante disso, parece não existir a oralidade e nem a pulsionalidade agressiva. Essa experiência envolve a “perda de conexão com os objetos de segurança, a perda da estabilidade, a interrupção do contato com a terra firme. Tudo isso gera ansiedade e prazer: prazeres conectados à sensação de tontura e de queda” (p. 111).

Para Balint (1959), esses fenômenos que envolvem os *thrills* não são tão estudados e fazem parte de um processo muito primário, mais que a própria questão da oralidade em si. Pensando ainda na analogia com os acrobatas, Balint decidiu classificar as pessoas que gostam e que curtem esses *thrills* de “filobatas” e, em contraposição ao “filobatismo”, o autor descreveu as pessoas que colocam a segurança em primeiro lugar, de “ocnofílicas”.

De acordo com Stewart (2007), o funcionamento desses dois novos comportamentos, são raramente encontradas em suas formas puras. Isso significa que elas estão em constantes sínteses, ao longo de nossa vida.

Peixoto Junior (2013) apontou que a ocnofilia e o filobatismo podem se apresentar como possibilidades de uma superação do amor primário. Já sabemos que Balint defendeu a ideia de uma inexistência do narcisismo primário, portanto, temos inicialmente, uma relação objetal primária

entre o bebê e o seu entorno. Com a desarmonia entre o entorno e o bebê, a libido acaba retornando ao eu e uma das saídas que vai além desse narcisismo secundário, seria relacionada às experiências de ocnofilia e de filobatismo.

De acordo com Balint (1959), é difícil saber, de maneira cronológica, qual dessas duas experiências vem primeiro, mas é notável a questão primitiva que envolve as duas. Mesmo após ter afirmado isso, ele considerou que tinha a impressão de que a ocnofilia era mais antiga, pois possuía um caráter mais espontâneo. Ou seja, ela permite uma sensação de segurança, ou de “lar” ou até de “casa”, talvez por representar uma reação frente a um vazio que o desequilíbrio ambiental proporcionou. O autor explicou que a ocnofilia está ligada ao “agarrar” um objeto e tem a ver com a maneira de como o bebê se agarra em sua mãe antes de se separar dela, ou quando ele pega o bico de seu seio. Assim, temos a impressão de que a ocnofilia é quase uma ação reflexa. Além disso, Peixoto Junior (2013) apontou que os ocnofílicos, não necessariamente, amam seus objetos para ficar apegado a eles, mas, frequentemente eles os odeiam pois acabam denotando suas fraquezas.

O filobatismo, pelo contrário, não apresenta essa característica de se agarrar a um objeto, mas sim de que o indivíduo está longe de qualquer suporte, à mercê de si próprio. Balint (1959) até associou o fato de nós sermos bípedes com o filobatismo, já que, para realizar tal ato, nos elevamos, nos afastamos em partes da terra firme e nos mantemos eretos.

O ocnofílico vive uma ilusão de que os objetos os protege sempre e seu mundo consiste nesses objetos, separados por terríveis espaços vazios. Balint (1959) apontou que na ocnofilia, o sujeito se agarra em um objeto e evita esse vazio a qualquer custo, sendo que o maior medo é de se deixar esse objeto. Já o filobata se apresenta amigavelmente à expansão e encara os contatos com os objetos como sendo potencialmente danosos. Portanto, temos que o mundo do ocnofílico é marcado pela proximidade, enquanto o mundo do filobata, pela distância.

Como já apontado, Balint (1959) não encarou a ocnofilia e o filobatismo como sendo opostos, mas defendeu que os dois representam atitudes que estão ramificados em uma mesma haste. Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) destacaram a passagem em que Balint associa a posição ereta de manter-se longe do chão como uma representação da potência sexual e narcisista. Peixoto Junior (2013) descreveu que poderíamos ser levados ao erro se considerássemos exclusivamente que, por afastar-se de um objeto, o filobata o odeie. Entretanto, a relação do filobata

com seus objetos que constituem seus “equipamentos” é de amor e, inclusive, esses objetos são chamados de “objetos ocnofílicos”.

Diante disso, temos a afirmação de Balint (1959) em um trecho, comentando que diante de uma experiência filobática, o sujeito pode agarrar alguns objetos ocnofílicos como se fossem um símbolo de um pênis ereto e potente. Ou seja, na posse desse tipo de objeto, temos um indivíduo que se sente confiante e dotado de poderes para enfrentar um estado filobático. Mais que prazer e medo, o *thrill* filobático, de acordo com o autor, pode representar a cena primária em forma simbólica. Isso significa que frente a confiança incondicional do amor primário que é rompida, um *thrill* é sentido. Quando o bebê é deixado de lado pelo casal, acaba excluído e, ao mesmo tempo, existe uma encenação daquele falo na cena primária – tal como no filobatismo, em que já mencionamos que é marcado pelo desapego objetal e pela potência narcísica.

Um fato marcante que é necessário apontar é o caráter ambivalente que encontramos nessas duas atitudes. Diante de um teste de realidade é notável que, mesmo que o mundo externo sendo o mesmo para as duas atitudes, seus mundos internos se diferenciam bastante, pois o filobata terá um prazer nesse teste e o ocnofílico se angustiará por esse espaço. Peixoto Junior (2013), no entanto, colocou que o mais importante para Balint são as falhas que ocorrem nesses dois casos. Enquanto no filobatismo encontramos uma minimização dos perigos reais desse mundo exterior, na ocnofilia encontramos uma maximização dos temores.

Entretanto, Balint (1959) afirmou que tanto o filobata quanto o ocnofílico acabam sendo “pouco sinceros” – expressão essa que utilizamos conforme Peixoto Junior (2013). Isso porque o filobata se apega em seu objeto ocnofílico e busca uma certa segurança nos seus objetos e, por outro lado, o ocnofílico não crê tanto que seus objetos, tão apegados, sejam tão seguros. Para uma melhor compreensão da razão dessas duas atitudes se manterem na teoria de Balint, é necessário voltarmos a um mundo mais primitivo, ou seja, voltarmos ao amor primário, que se situa anteriormente à ocnofilia e ao filobatismo.

Na segunda parte dessa sua obra, Balint (1959) discutiu sobre o caráter regressivo, que seria a maneira de se voltar a esse amor primário. Levando em consideração que o amor primário diz respeito àquela mistura harmoniosa entre o bebê e seu ambiente, Balint optou por discutir primeiramente a noção etimológica e conceitual do termo “objeto” e também de “sujeito”, para depois retornar a essa discussão daquela mistura.

Dessa maneira, ao realizar uma análise sobre o “objeto”, Balint (1959) percebeu um duplo sentido que envolvia esse conceito e apontou que Freud havia se dedicado mais a um lado dessa discussão. Uma das acepções que envolve o “objeto” e se relaciona a um significado bastante freudiano é a de “objeto como alvo”, mas também existe um outro sentido, que é a de “objeto como obstáculo”. É notável que Balint encarou que os objetos vão se formando a partir dos contornos objetais que somente aparecem após o rompimento do amor primário, ou seja, após o rompimento dessa mistura harmoniosa entre o indivíduo e o ambiente.

Diante desse abandono do amor primário, podem se instaurar as vicissitudes onofílicas e filobáticas, que acabam denotando uma relação mais diferenciada em torno dos objetos. Armony (2007) cita um exemplo bastante elucidador, em que basta imaginarmos uma criança pequena que, para dar seus passos, se apoia nos objetos em sua volta para manter-se seguro; por outro lado, quando ela desejar andar sem se agarrar, esses mesmos objetos representam obstáculos que atrapalham e ainda oferecem riscos a essa autonomia.

Pensando na questão analítica, Peixoto Junior (2013) explicou que no processo de regressão, essas duas atitudes (onofílicas e filobáticas), são mais fáceis de perceber em pacientes não-neuróticos – que Balint classificou, por enquanto, como pacientes difíceis. Diante dessas situações, é necessária uma técnica com um manejo bastante diferenciado.

Sobre isso, Stewart (2007) apontou que é interessante observar que a mistura entre mundo interno e mundo externo aparece no contexto analítico com alucinações, despersonalização, confusões etc. Balint (1959) afirmou que essa harmonia que resultava nessa mistura entre os mundos, foi causada por alguma falha. Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) demonstraram que na análise, é necessário remontar às origens das relações de objeto, que se apresentam ambivalentes (segurança e ameaças). Esses últimos autores alertam ainda que em todos os sujeitos, existem essas sequelas da ruptura do amor primário, expressos pelas atitudes onofílicas e filobáticas. Porém, em casos mais graves, essas atitudes aprisionam o indivíduo em uma dinâmica muito primitiva num inter-jogo de relações objetais salvadores e perseguidores.

Ainda sobre isso, justamente por se levar em consideração questões muito primitivas, Balint (1959) colocou que nessas duas atitudes acabam residindo um plano grande (e perigoso) da onipotência. O filobatismo, por exemplo, que aparentemente seria uma saída interessante ao onofílico, pois encontra um alívio e é sustentado pelo mundo sem apego objetal, busca um regresso ao amor primário, mas corre também um sério risco de se frustrar e se sentir extremamente

desamparado no mundo, por conta disso. Já o ocnofílico não aceita a separação dos objetos e se agarra a eles, gerando assim, uma condição melancólica (nos termos freudianos) e provocando um estarecimento e um ódio frente a um objeto que se tornou não tão mais confiável.

Diante disso, Balint (1959) considerou que é necessário vivenciar as regressões nas análises e um bom analista deveria, ao menos, identificar as manifestações de ocnofilia e de filobatismo nas transferências. Assim, uma saída bastante comum que observamos hoje é a tentativa de, pela via interpretativa, existir um desejo do analista de ser um porto seguro a esse paciente, mas, pela lógica das atitudes, seria prejudicial pois ele serviria como um objeto ocnofílico – ou seja, traria dependência e uma não-autonomia ao paciente. Por outro lado, quando observamos uma não intrusão (silêncio, pouca interpretação), temos uma técnica filobata e um paciente livre demais e solto no vazio, provocando o que Peixoto Junior (2013) chamou de uma “independência forçada e precoce”.

Segundo Balint, é necessário observarmos os diversos sinais clínicos, pois as expressões de linguagens verbais são vagas para identificarmos essas atitudes. Assim, os olhares e as fugas corporais são bons indicativos para serem manejados na clínica. O que mais importa é dosarmos um equilíbrio entre as técnicas ocnofílicas e filobáticas, que possibilitaria uma ampliação do horizonte regressivo.

Esse texto de 1959 de Balint, realmente é muito emblemático e inovador. Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012) destacaram que os pensamentos de Balint conseguiram ir além (ou aquém – no sentido regressivo) do princípio de prazer. Colocamos aqui a grande importância dessas atitudes ocnofílicas e filobáticas para pensarmos em um novo modelo psicanalítico de terapêutica.

Nesse mesmo ano de publicação dessa obra balintiana, um fato novo que representaria uma ruptura na BPS ocorreu. De acordo com King e Steiner (2003), desde as primeiras controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein, até 1959, a presidência da Sociedade sempre foi assumida por alguém do *Middle Group*. Entretanto, após o mandato de Winnicott (entre 1956-1959), Willi Hoffer, um vienense annafreudiano, acabou assumindo o poder. Isso acabou gerando uma espécie de acordo, pois Bion (considerado por muitos como pertencente ao Grupo Independente, mas que possuía, ainda, fortes ligações kleinianas) acabou assumindo em 1962, fazendo com que a partir de então, o mandato tomasse uma forma de rodízio entre os grupos.

Esse fato influenciou os pensamentos e ânimos de Balint para com a Sociedade, apesar de que, nesses últimos anos da década de 1950 ele estava bastante ocupado dando conferências em

Oxford, Paris e Frankfurt, além de estar terminando sua monografia que originaria o *Thrills and regressions* (ORNSTEIN, 1999). Sabemos que Balint não se mostrava animado na BPS, visto os apontamentos de Winnicott em uma correspondência de fevereiro de 1960, após o húngaro pronunciar suas ideias acerca do narcisismo e do amor primário: “Espero que tenha apreciado a noite, embora, do meu ponto de vista, ela tenha sido frustrante em vários aspectos, e eu ainda ache que há um bom tempo você não faz justiça a si mesmo na Sociedade” (WINNICOTT, 1960, p. 157).

Um fato que acabou trazendo mais sofrimentos a Balint, foi sua aposentadoria forçada (por conta da idade), em 1960, de Tavistock. Nesse mesmo ano, ele retornou a Manchester para dar algumas conferências e iniciou também algumas investigações sobre a terapia focal. Ornstein (1992) explicou que Balint se esforçou para que essa modalidade ganhasse notoriedade e ela se resumia a tentar reduzir o tempo do tratamento de forma bem sucedida para pacientes “adequados”, formulando previamente os focos na avaliação e restringindo uma interpretação. Essa experiência acabou gerando um livro póstumo com os atendimentos de Balint desenvolvido na Clínica Tavistock, se utilizando dessa nova abordagem (BALINT, ORNSTEIN e BALINT, 1972).

Tanta originalidade teórica e inovação técnica levaram a uma expansão de seu pensamento para outros lugares. Entretanto, é necessário apontar que esse reconhecimento se dava muito mais pelo trabalho com grupos da Medicina do que pela Psicanálise, propriamente dita. A década de 1960, então é marcada por esses aspectos até o final de sua vida, no fim de 1970.

Em 1961, Balint se tornou o reponsável honorário pelos seminários de formação pós-universitária na College Hospital University de Londres e iniciou um importante ciclo de conferências, passando por Dublin, Pittsburg, Birmingham e Cleveland. Em 1964, retornou a América para dar conferências em Albany e Denver. Em 1965 visitou a Austrália e a Suíça. Em 1967 participou do Congresso Internacional de Psicanálise em Weisbaden e nesse mesmo ano ocupou o cargo de secretário científico da Sociedade Britânica de Psicanálise. No ano seguinte, em 1968, foi convidado para dar conferências na Sorbonne e também lançou *A falha básica*, seu único livro psicanalítico traduzido no Brasil.

O livro supramencionado reuniu algumas ideias que Balint estava organizando desde a década de 1950 e foi apresentado no formato de pequenos capítulos destinados aos psiquiatras e residentes em Psiquiatria. Esse interessante projeto foi se desenvolvendo graças ao apoio da Universidade de Cincinnati, em que Michael e Enid Balint davam aulas periodicamente. Nesse

espaço, o casal acabou conhecendo Paul Ornstein em 1965, que acabaria se tornando um grande amigo e confidente de histórias e também de teorias.

De acordo com Ornstein (1992), o cenário predominante da psiquiatria de Cincinnati estava marcado por uma doutrina da Psicologia do ego. Porém, as idas do casal Balint provocavam um encanto e uma resistência dessa abordagem psicológica, temporariamente. Ornstein apontou que depois de algum tempo do casal ir embora, pouco a pouco a Psicologia do ego voltava a ganhar força e dominância. Na própria análise do autor, isso ocorria pois a Psicanálise mexia muito com todos e uma abordagem que não tinha um alto grau de profundidade, ficava mais cômoda e, portanto, preferível.

Mesmo assim, os Balint não se cansavam e se esforçavam para dar conferências clínicas, demonstrações de psicoterapias de grupos, sessões com residentes e clínicos, apresentação de artigos científicos etc. Um jeito de se organizar melhor para os encontros com esses estudantes, apesar do ceticismo de Balint, foi anexando diversos artigos curtos em um livro, que originou a falha básica (ORNSTEIN, 1992).

A falha básica: um novo começo metapsicológico

O sentido da palavra metapsicologia pode ser entendido etimologicamente como algo “além da Psicologia”. Esse termo, quando devidamente contextualizado, parece apresentar bem a ruptura epistemológica que a trama dos conceitos e das hipóteses psicanalíticas representaram naquela época, já que a Psicologia ainda limitava suas investigações no campo da consciência e, dentro disso, nos processos psicológicos básicos.

Quando Freud trouxe à tona os diversos aspectos inconscientes, houve uma revolução no modo de enxergar o humano e, certamente, isso inspirou uma gama de pensadores que se viu obrigada a repensar um homem não cartesiano e totalmente incapaz de ser controlado pelos seus aspectos exclusivamente racionais.

Negar o narcisismo primário em um interessante constructo teórico, invertendo aspectos da teoria de Freud a partir do amor primário, representou algo bastante ousado e também revolucionário nos meios psicanalíticos. Assumidamente freudiano, Balint ainda buscava as bases teóricas do mestre de Viena para “experimentar”, tal como seu outro mestre húngaro, as suas

práticas clínicas. Essa experimentação herdada de Ferenczi era amplamente executada em sua clínica. Nesse laboratório da Psicanálise, Balint repensou, confirmou e refutou os diversos conceitos psicanalíticos de acordo com as suas mais variadas observações. Podemos citar o fato de que foi justamente nesse espaço que ele negou o narcisismo primário e conjecturou que pela ineficácia e pela inexistência desse aspecto, a primeira relação seria objetal primária.

De acordo com o que vimos ao longo dessa tese, o amor primário teve um interessante desenvolvimento, tendo como ponto de partida para Balint, os ensinamentos ferenczianos em *Thalassa* (1924), em que o amor e os objetos eram inicialmente passivos. Essa ideia foi acatada, observada e confirmada por Balint no espaço da clínica. Assim, notamos essa influência de Ferenczi em diversos artigos de Balint, principalmente no *Duas notas...* (1933), *Notas críticas...* (1935b), *Eros e Afrodite* (1936) e *Desenvolvimento prematuro dos...* (1937). Entretanto, com o passar desses anos da década de 1930, Balint foi percebendo que a questão de uma exclusividade passiva parecia não fazer mais tanto sentido e a partir do artigo *Amor pela mãe...* (1939/1994) de Alice Balint, Michael Balint cessou o uso de amor passivo ou relação objetal passiva, para adotar o uso de relação objetal primária ou amor primário.

É necessário considerar então que, de acordo com Balint (1968), quando acabamos de nascer, ainda nos encontramos em um estado de intensa relação com o entorno, libidinalmente e biologicamente, e os objetos ainda não existem, pois estamos harmoniosamente misturados a eles. O nascimento, então, seria uma ruptura dessa mistura, fazendo com que os objetos e o eu comecem a emergir. Uma das saídas para isso é o retorno da libido ao eu, que ainda encontramos em nossa vida adulta como herança desse tempo, e acionamos quando um objeto se contrasta dolorosamente com algo que não estava perturbado. Entretanto, o autor nos mostra que mesmo na primeira vez, assim que nascemos, a libido inexiste em seu formato original, então já seria secundária devido ao investimento original que existia no entorno.

O amor primário, portanto, está no cerne do pensamento balintiano e se apresentou como uma condição do esforço humano para estabelecer, ou restabelecer, uma harmonia, tal como ocorria com seu objeto primário. O que ocorre é que nessa relação existe um desejo passivo de ser amado de todas as maneiras pelo objeto, sem precisar retribuir enquanto que o outro, compartilharia os mesmos desejos e expectativas. É interessante ressaltar que o sadismo e o ódio são fenômenos secundários desse tipo de amor, tão harmonioso. Após ressaltar esse relevante ponto, é válido apresentar outro aspecto central da teoria balintiana, que foi chamado de “falha básica”.

A área ou nível da falha básica é anterior a outra área bastante conhecida: a edípica. É inegável que o Complexo de Édipo foi importante para o desenvolvimento da Psicanálise e, não à toa, esse conceito se apresentou como uma espécie de pedra angular do desenrolar dessa teoria no campo clínico. Freud se utilizou desse Complexo para constuir também seu pensamento sobre o social e o desenvolvimento humano, afirmando que a questão edipiana fundamentou a religião, a arte, a civilização, as leis etc. Isso se demonstrou evidente ao considerarmos a ligação do Édipo com a construção cultural.

Diante dessas constatações, Balint (1968) afirmou que as pessoas que se encontram no nível edípico trabalham na análise em um nível verbal. Em contrapartida, o autor se preocupou também com aqueles adultos que não se expressavam verbalmente ou de maneira ininteligível, ou seja, será que poderíamos constatar a existência, então, de pacientes não-tratáveis?

Sobre isso, Balint (1968) demonstrou que existem uma infinidade de pacientes que apresentam dificuldades em aceitar as intervenções do analista e outros que aceitam até demais. Esses pacientes poder ser enquadrados como extremamente perturbados, divididos, esquizóides, profundamente narcísicos, entre outros. De qualquer maneira, o autor se questionou se a raiz das doenças deles estaria em um nível edípico.

De acordo com Peixoto Junior (2013), a área edípica se passa em uma relação triangular, e uma de suas principais características seria a presença de uma linguagem adulta. Balint (1968) explicou que nessa área existe, pelo menos, mais dois objetos envolvidos e, devido a ambivalência, essa área sempre apresenta um conflito e, além disso, apresenta a linguagem adulta como meio de comunicação adequada e confiável.

Isso significa que as interpretações dadas pelo analista são justificadas e extremamente recomendáveis para esse tipo de paciente. No entanto, há de se pensar se naquele outro modelo de paciente, que colocamos aqui como perturbado, dividido, esquizóide ou narcísico, o método interpretativo, se utilizando da linguagem adulta, apresenta a mesma eficácia. Devido a isso, esses pacientes, são considerados “difíceis” nos escritos psicanalíticos.

Em *Confusão de línguas...* (1932), Ferenczi demonstrou uma existência de uma grande diferença da linguagem edípica, com outra, anterior a essa, que poderia ser característica de crianças muito pequenas. Balint (1968) se questionou, então, sobre qual nível ou área seria anterior à edípica. Dessa maneira, ele estava consolidando a construção de sua teoria sobre a falha básica.

Diante disso, o autor apontou que esse nível da falha básica é exclusivamente bipessoal, ou seja, só possui um objeto. Essa característica leva também a uma falta de conflito (já que não existe um terceiro na disputa), em que a linguagem adulta pode ser inútil ou enganadora. A nomenclatura dessa área foi assim designada por Balint, a partir de suas observações teóricas e clínicas: é “básica” porque ainda não apresenta conflitos; é “falha” porque os pacientes desse nível se descrevem como se houvessem uma falha dentro deles, falha essa que não pode se representada por um complexo ou um conflito. Mezan (2014) apontou que “é algo que não chegou a se constituir, é insanável” (p. 264). Balint (1968) mostrou que essa falha é uma falta, pois alguém se descuidou ou falhou com esse tipo de paciente e, portanto, esse vazio precisa ser preenchido. Poderíamos resumir aqui que a ideia de que a falha básica representa uma falta de adaptação entre essas pessoas juntamente com seu entorno. É necessário considerar também que a falha básica está em paralelo com o amor primário.

Balint ainda propôs uma terceira área, além da edípica e da falha básica, que foi chamada de “área da criação”. Essa área está relacionada a alguns aspectos como a criação artística, a doença e a recuperação espontânea da doença, e tem como característica a inexistência do objeto externo. Assim, é difícil imaginarmos essa situação, pois temos a impressão de que no campo das artes, por exemplo, aparece um objeto externo que reproduzimos em um determinado espaço para ser contemplado. Entretanto, tal como Balint (1952) apontou em *Notas sobre uma dissolução...*, na área de criação existe uma “retirada narcísica” do artista, que deixa de investir libido no objeto para investir nos seus processos mentais.

Esse funcionamento é bastante interessante quando conseguimos relacionar com os processos onofílicos e filobáticos. Ou seja, para se chegar nesse nível criativo, é necessário, primeiro, uma regressão (e aí estamos considerando a falha básica), para posteriormente, em um movimento filobático, chegarmos à área da criação. Balint (1968) considerou que nessa área não seria possível haver transferência, pois logicamente, existiria a falta do objeto. Essa área da criação seria marcada, então, pelos pré-objetos impossibilitando uma organização, justamente por ser extremamente primitiva. O autor relacionou a isso a característica de que, por muitas vezes, o silêncio na clínica não seria uma resistência, mas sim um acenamento da área da criação, necessário para uma terapêutica.

Diante dessas três áreas, Balint problematizou e desenvolveu, a partir de suas especulações advindas da clínica, algumas questões metapsicológicas. Dessa maneira, ele defendeu que

certamente esses três novos processos se localizariam no eu e talvez, alcançariam o supereu. Assim, podemos afirmar que ele estava continuando a construção de Freud e de Ferenczi nessas inovadoras conceituações para além do Édipo.

Balint (1968) acreditou que a falha básica, cronologicamente, viria antes da área edípica e da área da criação. Isso porque a falha está em paralelo com o amor primário que, conforme já observamos, se apresentou como a relação mais primitiva que temos com nosso objeto. Dessa maneira, na área edípica haveria uma complexidade em relação ao amor primário, enquanto a área da criação seria uma simplificação.

Diante dessa construção psicanalítica balintiana, é necessário pensar justamente por onde Balint transitava – na clínica – para conseguir vislumbrar essas diversas inovações teóricas e técnicas.

De acordo com Balint (1968), é preciso abandonarmos totalmente a passividade para conseguirmos atingir algum resultado terapêutico no paciente no nível da falha básica. Isso significa uma crítica em relação àquele analista que tinha um comportamento passivo, simpático e objetivo na clínica. Não nos remetemos nesse ponto a uma crítica à figura de Freud, que, por diversas vezes, pensou em uma maleabilidade da técnica na clínica. Nos remetemos, então, àqueles analistas ortodoxos que tinham uma visão, ainda, positivista da prática clínica.

Diante disso, é necessário considerarmos que o tipo de clínica pensada pelo húngaro é bem diferente daquela clínica embasada na interação verbal, da “palavra falada”, do convencional. Balint apontou, então, que é necessário criarmos uma atmosfera adequada ao paciente e demonstrou essa flexibilidade em diversas passagens de sua obra, como no caso descrito em *Contribuições para o teste...* (1942) em que ele atendeu uma paciente em sua casa, inclusive, aos domingos.

Balint (1968) demonstrou bastante curiosidade por um tipo de paciente que ele estava atendendo, denominado como difícil, pois esse modelo de paciente era muito intolerante às frustrações na atmosfera ambiental e era bastante delicado às interpretações verbais, pois geravam ataques, agressões, sensações de injustiça, desconsiderações, intensos prazeres e seduções e, tudo isso, por muitas vezes, aparecia de modo bastante silencioso.

O analista então tinha que ficar sempre muito atento, pois esse paciente, bastante observador, parecia saber exatamente o que se passava com esse analista⁹⁰, ou seja, qualquer gesto do terapeuta poderia ser extremamente significativo. Além disso, esse paciente parecia se comportar como se as coisas não fizessem sentido, mas aceitava as interpretações sem resistências e, às vezes, apareciam algumas angústias persecutórias.

Esse quadro difícil parece se acentuar quando Balint (1968) afirmou que essas investidas do paciente não soavam agressivas e nada parecia ser desesperador (desespero parece ser um mecanismo neurótico), apesar de aparecer, no fundo, um sofrimento muito grande e profundo, aliado a uma falta de vontade de lutar, mas ainda com uma determinação em avançar. Esse quadro bizarro significava que o trabalho analítico havia atingido o nível da falha básica.

Nesse momento, pode surgir a dúvida de como funcionaria a clínica para esse tipo de paciente, se a questão verbal fica tão comprometida. Diante disso, é necessário que o analista tolere outros tipos de comunicação, além do verbal e é aí que Balint (1968) destacou o papel do *acting out*. Ele realizou uma interessante reflexão sobre o fato, ao apontar que no mundo primitivo nós conseguíamos nos expressar somente pelos atos, mas na ação civilizatória, a fala foi aparecendo e, conseqüentemente, começamos a demandar cada vez menos energia para expressar uma mensagem.

Diante desse fato, a natureza da análise deveria ser uma reversão dessa adaptação que veio com a civilização, e o paciente deveria se expressar com aquela intensidade primitiva. Percebemos então o paciente mudando a sua entonação de voz e se utilizando cada vez mais de artifícios como as gesticulações.

Para pensarmos na tradução desse material não-verbal por parte do analista, é necessário recorrermos à teoria de Balint, especificamente nos seus pensamentos sobre o amor primário. Portanto, o analista deve interpretar essas ações e tentar harmonizar, ou se harmonizar como um entorno que não julga, mas que gratifica (conforme vimos no exemplo do parque de diversões em *Thrills e regressões*) e, assim, aquela “atmosfera analítica” vai se desenvolvendo.

Dessa maneira, é necessário estabelecermos uma linguagem única para com o nosso paciente, e pensarmos também no papel que estamos desempenhando para com ele. Isso porque,

⁹⁰ Conjecturamos que é esse ponto que Balint critica seus colegas em *Nota de parapsicologia e cura...* (1955a), quando ele comentou que muitos analistas, se impressionam com seus pacientes, como se houvesse ocorrido alguma questão telepática ou extra-sensorial.

quando criamos uma “atmosfera”, o paciente espera um retorno ao mundo harmonioso (amor primário) que viria antes do trauma. Resignificar isso seria realmente um novo começo. Entretanto, esse fato representa um processo bastante desgastante ao analista, pois ele terá que, necessariamente, trabalhar com as questões regressivas do paciente.

Uma consideração a se tecer é a de que a falha básica sempre é sentida como provocada por um “mau externo” e é depositado no terapeuta uma missão de estruturar um mundo danificado por esse “mau”.

Para conseguir um acesso a essas problemáticas, Balint (1968) indicou a necessidade de se trabalhar a regressão, por mais que muitos analistas a evitem pela dificuldade em lidar com essa situação. De qualquer maneira, Balint realizou algumas leituras freudianas e concluiu que a regressão aparece em quatro momentos e funções diferentes, para o mestre vienense: como mecanismo de defesa, como fator de patogênese, como uma forte resistência e, por fim (mas pouco trabalhado), como fator terapêutico. É justamente nesse ponto que Balint irá se apoiar.

Como Balint deixava a regressão fluir livremente, ele observou que o paciente parecia apresentar na situação analítica, uma forma de satisfação primitiva e repentina, que antes, inclusive, era sentida como algo impossível, desagradável ou repulsivo. Balint (1968) exemplificou esse fato com uma paciente que ele atendeu em meados da década de 1920, uma moça bonita e vivaz, mas que possuía enorme dificuldade em concluir qualquer coisa. Era bastante popular entre os homens e se dava bem com seu pai, mas não conseguia confiar muito na mãe. Após um tempo de análise, Balint sugeriu para que ela ficasse mais com os “pés no chão”, mas a paciente respondeu espontaneamente que desde sua primeira infância, ela nunca havia conseguido dar uma cambalhota. O analista então perguntou se ela queria tentar mais uma vez e ela assim o fez e executou a cambalhota com perfeição. Interessante que isso representou uma ruptura e a paciente conseguiu uma maior liberdade e elasticidade em diversos pontos de sua vida.

Obviamente, não podemos considerar que essa regressão representou uma repetição de algo que ela já havia vivenciado, mas, certamente representou um novo começo. Podemos apontar que houve um aumento de tensão antes da gratificação perante a mudança, que gerou um novo bem-estar. O novo começo seria uma volta ao primitivo, anterior ao início do desenvolvimento defeituoso, ou da falha básica. Vale apontar também que esses novos começos acontecem na transferência e levam a mudanças de caráter.

Balint (1968) alertou que o novo começo não é nada simples e, à medida que ele vai ocorrendo, ocorrem também súbitas mudanças de intensidade da atmosfera analítica. Além disso, o autor apontou que em alguns períodos do novo começo, o papel do analista deve ser “altamente flexível; não deve oferecer muita resistência; e, evidentemente, deve ser indestrutível, permitindo que o paciente viva, com ele em uma espécie de mistura interpenetrante harmoniosa” (p. 142). É claro que o analista, nessa relação tão primária, só conseguirá se colocar nesse papel se ele realmente compreender o que está de fato acontecendo nesse processo clínico.

Temos observado até aqui todo esse processo da criação da atmosfera e, conseqüentemente, das questões regressivas. Balint (1968) apresentou alguns casos bem-sucedidos de regressão, mas também devemos considerar alguns casos em que as coisas não aconteciam dessa maneira. Isso se dá, segundo o autor, pois o paciente não conseguia regredir como deveria, por ele não confiar nesse ambiente e o problema é que a confiança seria uma prerrogativa para um novo começo. Diante desse fato, é necessário pensarmos na regressão benigna e maligna.

De acordo com Gelly (1994), a regressão benigna teria como principal característica exatamente o que foi descrito até aqui, que seria o novo começo que, literalmente, representaria um recomeço ou um renascimento diferente para o paciente. Já na regressão maligna, a satisfação do paciente concedida pelo analista provocava cada vez mais novos pedidos insistentes e apaixonados, impossibilitando o prosseguimento da clínica.

Balint (1968) alertou ainda que a maneira de provocar as formas malignas de regressão é quando o analista adota uma postura de onisciência e de onipotência em sua técnica e conduta. É certo que essa postura provoca uma desigualdade muito grande e, por conta disso, um processo de intensa dependência. O analista deve então direcionar o paciente para que ele se torne mais apto a encontrar e aceitar por conta própria que existe uma cicatriz em sua falha básica e estimular para que ele possa descobrir seu caminho para o mundo objetal. Assim, não é possível ao analista, impor um caminho correto a esse paciente, pois, o mundo objetal continuaria sendo esquizóide e opressor.

Cabe apontar, por fim, a maneira de funcionamento dessa área da falha básica que possui a ocnofilia e o filobatismo como uma forma de superação do amor primário. Ou seja, diante daquela mistura interpenetrante representativo do amor primário, que posteriormente se rompe, a ocnofilia e o filobatismo são maneiras de se agarrar ou de se soltar desses objetos. Balint (1968) observou muito isso nas relações objetais que apareciam na clínica e na forma como se dava essa dinâmica. Haviam pacientes que se seguravam em suas poltronas ou pediam o dedo do terapeuta para ficar

agarrado durante o processo regressivo. O silêncio também representaria um estado filobata necessário para se chegar em uma área da Criação e para recomeçar algo. Às vezes, é necessário largar algo para um recomeço de algo totalmente novo e, isso, pode ser, literalmente, uma cambalhota para uma mudança no caráter.

Vale apontar que após desenvolver essas ideias, entre 1968 e 1970, Balint estava se dedicando a alguns trabalhos relacionados a grupos e a psicoterapia focal. Em 1969, ele foi nomeado presidente da BPS e acabou falecendo decorrente de uma crise cardíaca, em 31 de dezembro de 1970. Seus últimos estudos, que ainda estavam em desenvolvimento, versavam sobre pacientes que tinham doenças sem diagnósticos possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ah, esse vazio! Esse vazio terrível que sinto em meu peito! Quantas vezes penso: “Se pudesses uma vez, uma vez apenas, apertá-la contra esse coração, o vazio todo seria preenchido”.

Johann Wolfgang Goethe

Por que utilizar um autor que nasceu no século retrasado e que faleceu há mais de 45 anos para explicar as dificuldades clínicas contemporâneas? Como considerar as inovações clínicas que foram iniciadas em meados da década de 1920 e de 1930?

Esses questionamentos parecem ser válidos e nos coloca em uma problemática de argumentação estritamente temporal. Entretanto, é necessário nos atentarmos para os tipos de paciente que Balint tratou na clínica e considerarmos, ainda, o ostracismo de seu mestre, Ferenczi.

Sobre o primeiro fato supramencionado, defendemos aqui que para os pacientes no nível edípico, é necessário nos focarmos nas diversas facetas e mudanças sociais e culturais, pois o núcleo de sua patologia realmente estaria a partir de um conflito edípico. Entretanto, quando consideramos um paciente no nível da falha básica, o conflito edípico (ou social) sai do centro e o que vale é o manejo transferencial, sem se esquecer de pensar no amor primário e nos diversos aspectos regressivos. Isso não significa que o contexto não seja relevante, mas ele aparece mais como um pano de fundo para algo tão primitivo, em que ainda a cultura não imperava. Ou seja, não há como afirmarmos aqui que existe uma teoria ultrapassada para esse tipo de paciente regredido, visto que a questão sócio-temporal deve ser considerada, mas não se apresenta de suma importância nesse processo.

O segundo fato está muito atrelado ao que foi mencionado no parágrafo acima. Isso significa que com o ostracismo de Ferenczi, a Escola Húngara perdeu potência em relação a seu reconhecimento, mesmo diante de tanta inovação e importância e, Balint, considerado como aquele discípulo mais fiel de Ferenczi, teve suas ideias também levadas a um ostracismo. Os dois fatos se entrelaçam não somente pelo fato de Ferenczi realizar algumas inovações na clínica como a experimentação da técnica ativa e da análise mútua, que se mostraram de extrema relevância para pensarmos na terapêutica desses pacientes mais regredidos. Sobretudo, o principal fato que destacamos, é o arcabouço clínico que Ferenczi preparou a Balint a partir da honestidade dessas

experimentações e que, infelizmente, foi mal interpretado por vários psicanalistas, como já observamos nas correspondências entre Balint e Jones.

Como já observamos, a clínica proposta por Balint é bastante peculiar se considerarmos aquela clínica psicanalítica clássica, do modelo freudiano, porque a linguagem verbal não é central na situação terapêutica. É necessário pensarmos que Balint analisou pacientes regredidos e reforçou as regressões que ocorriam em sua clínica. Portanto, é realmente impossível pensarmos, por exemplo, em uma interpretação e, conseqüentemente, em uma elaboração tendo como modelo o plano verbal, visto que o eu não está suficientemente estruturado e fortalecido.

Dessa maneira, temos que para Balint, a terapia psicanalítica funciona embasada na relação objetal, pois todos os eventos “que finalmente conduziam a modificações terapêuticas na mente do paciente, são iniciados por eventos ocorridos em uma relação bipessoal, isto é, acontecem essencialmente *entre* duas pessoas e não apenas em uma delas” (1968, p. 34 grifos do autor).

Quais foram os tipos de pacientes que Balint atendia que são classificados como casos difíceis? Outra importante questão reside na importância deles na atualidade, já que autores como Ferenczi e o próprio Balint voltaram (ou começaram) a ser estudados. Certamente, isso é um importante aceno para indicar que os pacientes difíceis da clínica daquela época, estão cada vez mais comuns em nossos consultórios. Uma relevante pista para o início dessa discussão é que, certamente, o modelo desses pacientes se embasaria no plano da falha básica.

Diante disso, poderíamos pensar se a Psicanálise está pronta para atender esses novos modelos de pacientes, que não se limitam a uma interpretação verbal e estariam, inclusive, regredidos a um estágio anterior ao edípiano. Figueiredo (2008) afirmou que a Psicanálise clássica freudiana se mostra bastante limitada a esse tipo de paciente.

Esse tipo de paciente, difícil, é colocado por autores como Stone (2006) e Mélése (2002) como pacientes *borderlines*. O primeiro autor aponta que Balint e Green trataram de pacientes *borderlines*, mesmo considerando que as características desses pacientes apareciam um pouco diferentes daquelas descritas nos manuais como o DSM. Mesmo assim, não restavam dúvidas que esses pacientes da falha básica, se tratavam, de fato, de *borderlines* (STONE, 2006; MÉLÈSE, 2002).

Essa constatação nos faz refletir sobre o nosso atual contexto, pois nos questionamos sobre o que poderia estar gerando pacientes desse tipo. Corroborando com o que está proposto aqui,

Hegenberg (2000) considerou que a problemática do *borderline* é uma característica dos nossos tempos.

Antes dessa discussão, Figueiredo (2008) alertou que há uma intensa variedade de *borderlines*, que engloba realmente alguns que estão desadaptados, mas que também contém outros que são relativamente bem adaptados, portanto, é necessário repensar toda aquela “gravidade” que foi atribuída a esse tipo de paciente pelos DSMs.

Então, considerando o nosso importante entorno cultural em nossa constituição subjetiva contemporânea, apresentamos o aspecto tecnocientífico, que está atrelado a questões de expansão e fortalecimento do consumo (e, conseqüentemente, do espetáculo e do narcisismo), como um forte determinante cultural. (SHIOZAKI, 2012).

Costa (2005) advertiu que o plano consumista, dos objetos (materiais), remete a um processo que reduziu os princípios liberais em um plano mais individualista, de um pragmatismo político-filosófico. Isso leva a diluição do papel cultural do cidadão e um declínio do mundo público para a ascensão do mundo privado, influenciando fortemente a questão social, corporal e moral do sujeito.

De acordo com Birman (2007), o mal-estar na atualidade denota uma necessidade de se voltar os olhos para uma nova constituição subjetiva. O autor defendeu que os instrumentos interpretativos da clínica parecem estar aquém da velocidade dos contextos do mundo e, diante disso, é necessário repensar com urgência a leitura das subjetividades.

Figueiredo (2008) apontou que a esquizoidia é um dos pólos de constituição das subjetividades contemporâneas, marcada pelo individualismo e pelo consumo. Em decorrência disso, podemos pensar que temos, inclusive, uma configuração psicopatológica diferente quando comparada com a época de Freud. Nesse sentido, o autor afirma que emergem na clínica os pacientes difíceis, chamados também de *borderlines*, que apresentam esse certo grau de esquizoidia.

Além disso, Figueiredo (2008) defendeu a ideia de que na esquizoidia existe o aspecto da cisão que nos afastaria de um plano da realidade. Como isso representa um processo bastante primitivo, uma de nossas defesas seria uma espécie de amortecimento e de silenciamento das forças pulsionais, que levaria a uma sensação de tédio e de futilidade. É necessário apontar que nesses estados esquizóides não existe apelo positivo ou negativo e tudo parece inanimado.

A esquizoidia reúne dessa maneira o senso de futilidade, o esvaziamento de sentido, a perda da vitalidade das relações do sistema fechado com objetos reais – pessoas, atividades, metas, ideais – e, paradoxalmente, a dinâmica demoníaca em que o indivíduo pode ser inesperadamente lançado no turbilhão das disputas entre promessas miraculosas de salvação e gozo e ameaças satânicas de aniquilamento e danação. Trata-se aqui de um novo pavor que nada tem a ver com a culpa. Na cultura da esquizoidia nem operam o medo pânico da punição, nem o terror diante das transgressões e, menos ainda, os motivos da compaixão e da solidariedade. Os laços sociais tão esfarrapados e desinvestidos do regime ultra-individualista não suportam nem a compaixão nem o compromisso com a lei que institui e regula o campo social. As ameaças chegam, assim, destituídas de qualquer dimensão moralizante [...]” (FIGUEIREDO, 2008, p. 55-56).

A confluência dessa citação com a passagem de Costa (2005) e de Birman (2007) representa uma harmonia em relação aos pensamentos sobre a constituição subjetiva na atualidade. Portanto, realmente é urgente pensarmos na clínica atual. Os casos-limite ou *borderline*, característicos dessa atual constituição subjetiva, são descritos como fronteiros da neurose, da psicose e da perversão, podendo ter (ou ser) um pouco de cada, o que dificultaria um diagnóstico. Tudo isso nos remete para aqueles pacientes difíceis de Balint (1968), que foram chamados como portadores da falha básica.

Figueiredo (2008) apontou que nos casos-limites aparece uma angústia de abandono, em que há um temor de separação e de perda de objeto e, ao mesmo tempo, uma angústia de invasão ou engolfamento pelo objeto. Essas angústias seriam doenças das fronteiras do ser, que levam a possibilidades de morte e de dissolução. Percebemos que os *borderlines* são marcados por uma instabilidade estrutural diferente da neurose e da psicose, e ressaltamos que a desorganização dos sintomas dificulta um diagnóstico.

Hegenberg (2000) acenou que as características desses pacientes (que, aliás, se assemelha com uma constituição das subjetividades contemporâneas) são os sentimentos de vazio, de tédio, de depressão e de solidão. É certo que alguns *borderlines* aparentam ser pessoas extremamente violentas, mas defendemos aqui que a agressividade é decorrente do tédio, conforme verificaremos adiante. Ademais, nos questionamos se a questão do consumo e da drogradição seriam uma tentativa de preenchimento desses diversos vazios existenciais.

O paradoxo desses casos-limite, entre temor de perda e de invasão objetal (no sentido psicanalítico), nos leva a uma importante relação com o pensamento balintiano, visto que isso denota uma insegurança com relação ao seu objeto, ou melhor, podemos afirmar que essa relação, tão primitiva de amor, foi marcada por uma falha do objeto, ou seja, uma falha básica. Isso certamente leva a uma tentativa de manter aquelas relações simbióticas arcaicas, mas com objetos

pouco disponíveis para trocas afetivas baseadas na interdependência e/ou um auto-esvaziamento afetivo e ideativo. Birman (2009) apontou que houve diversas mudanças significativas na atualidade, principalmente no campo familiar, em que notamos, por exemplo, a saída e uma figura materna para o campo de trabalho e uma não compensação da figura paterna frente a nova criança. Instaure-se aí um sentimento de abandono que pode ser compensado com uma invasão de cuidados demasiados. O efeito disso, segundo o autor pode ser uma fragilização psíquica e uma infantilização muito grande, impedindo um processo de uma maior autonomia. Estaria aí uma tentativa de explicação dessa oscilação do eu nos *borderlines*?

Se utilizando de recursos de autores como Mahler e Kernberg, Figueiredo (2008) explicou que a instabilidade e oscilação desse processo presente nos *borderlines*, se dá após uma fase simbiótica entre o bebê e a mãe, no processo em que ele começa a explorar o ambiente. Instaure-se aí um medo de ir longe demais e se perder do objeto (ser rejeitado ou esquecido por esse objeto) ou um medo de permanecer com esse objeto e ser engolfado e invadido. Dessa maneira, ele estaria entre uma problemática narcísica e uma problemática esquizóide, fazendo com que os *borderlines* tenham uma dificuldade em construir e sustentar uma imagem integrada e estável de si e dos objetos.

Ao realizar alguns estudos sobre Federn, Figueiredo (2008) apontou que o eu deve ser considerado como objeto e como sujeito, sendo que as funções do eu dependem do investimento que é feito nele. A criação desse eu ocorre em grande parte na constituição de suas fronteiras (conforme observamos em *O eu e o isso*, de Freud) e a questão da realidade é construída justamente pelos investimentos libidinais nessas fronteiras. Assim, podemos afirmar que as realidades internas e externas têm prejuízos quando não há um investimento suficiente dessas fronteiras. O *borderline*, então, se caracterizaria por um problema na constituição das fronteiras externas e internas do eu, ocorrendo quando os objetos externos (como a mãe ou outra figura) impedem ativamente o processo de constituição do psiquismo.

Diante disso, é necessário considerar que temos uma espécie de alargamento e de estreitamentos das fronteiras do eu. Isso pode levar a um movimento “para dentro”, com auto-observação e “para fora”, onde ocorrem os *actings outs*. Não à toa, Figueiredo (2008) apontou que os *borderlines* são impulsivos e observadores excelentes dos outros e de si mesmos. Sobre o atendimento desse tipo de paciente, afirmamos que ele se apresenta com uma:

extrema dificuldade de situar-se no campo transferencial e de lidar com as transferências do paciente, pois o analista será empurrado para dentro e para fora, para perto e para longe

alternadamente devendo funcionar como aqueles bonecos (joões bobos) que têm um lastro muito pesado na base arredondada e uma parte superior em leve. Empurrado para trás e puxado para a frente, consegue responder alternadamente a esses movimentos sem opor resistência, mas também, e na medida do possível, *sem sair do lugar*. (FIGUEIREDO, 2008, p. 94, grifos do autor).

Figueiredo analisou também os pensamentos de Fairbairn que levam em consideração o desamparo e a dependência absoluta do recém-nascido com o objeto. É necessário ressaltar que Balint (1956a) criticou a visão de Fairbairn alegando que ele parecia não considerar uma visão de uma relação mais primitiva entre mãe e bebê. Entretanto, é válido considerar a teoria de Fairbairn acerca da polarização entre o bem e o mau que um paciente *borderline* pode ter a partir da problemática da esquizoidia, podendo, inclusive, polarizar o analista como sendo totalmente mau, na hora da transferência.

Figueiredo apontou que diante dessa característica de um eu que luta para existir e para ser coeso, a dor acaba servindo como um recurso, que muitas vezes se confunde com um aspecto masoquista, mas que deve ser encarada como uma percepção do *borderline* das fronteiras do eu.

Diante disso, um recurso usado por *borderlines* que é bastante comum, é o uso de drogas, anestésicas e excitantes, que não precisam, necessariamente ser químicos (pois, alguns se excitam ou relaxam com ideias, ações e fantasias). Além disso, as drogas podem ser uma maneira de preencher um vazio depressivo da patologia esquizóide. A questão da futilidade e do tédio, característico também pela indiferenciação das fronteiras do eu, parece que se quebra somente com as “turbulências afetivas, ideativas e comportamentais que pontuam a existência desses indivíduos, muitas vezes propensos a se meter em encrencas e a se envolver em acidentes” (FIGUEIREDO, 2008, p. 106).

Essas afirmações de Figueiredo parecem ressoar com as ideias de Birman (2006) que indicam que o mal-estar atual registra suas bases no pânico, na toxicomania e no sentimento de vazio, signo da depressão atual. É interessante observar que em outra obra, Birman (2000) apontou que o problema da toxicomania parece residir na perversão, mas, de qualquer maneira, é consenso que é necessário que a Psicanálise repense seu lugar para se pensar nas questões da subjetividade contemporânea, para além (ou aquém) do Édipo.

É interessante citar aqui Figueiredo (2008), que concorda com Balint (1968) e afirma que a comunicação do *borderline* se dá de maneira muito primitiva, ou seja, é preciso que o analista consiga se abrir para recepcionar esse tipo de comunicação que oscila e vacila muito, devido a

estrutura desse paciente. Isso representa um começo que somente é possível se o paciente confiar nessa atmosfera criada entre ele e o analista e, ressaltamos aqui a grande importância do último para não adotar aquela postura de passividade e de objetividade. Ou seja, percebemos a atualidade de se trabalhar se utilizando de Balint, quando observamos a ressonância de seus pensamentos em psicanalistas que versam sobre a Psicanálise atual.

Ao longo de nossa tese, conseguimos observar uma importante construção e “diferentes recomeços” que marcaram a teoria balintina. Os diversos aspectos históricos, culturais, biográficos e clínicos trabalhados, foram fundamentais para a compreensão dessa consolidação teórica.

Assim, podemos afirmar que as experiências que Balint passou na Hungria, naquele contexto devastador de guerras e da ditadura, acabaram sendo relevantes para que ele compreendesse a necessidade daquela pluralidade de pessoas e de temas que Ferenczi influenciou para os estudos psicanalíticos. Do mesmo modo, aquela diáspora dos húngaros acabou por auxiliar a manutenção dessa pluralidade e de absorções de experimentações, que levaram a um crescimento e desenvolvimento de um modo húngaro de pensamento.

Os estudos biológicos de Balint e sua ida a Berlim foram igualmente relevantes por iniciarem importantes contatos, como o com Sachs e Klein. Além disso, Balint iniciava um aprofundamento em algumas obras psicanalíticas e, com o auxílio de seus estudos biológicos, começava a esboçar importantes construções que culminariam em conclusões que o fariam duvidar de alguns conceitos freudianos e o fariam avançar em uma originalidade sua. Iniciava também, conseqüentemente, um novo começo.

O início desse próspero caminhar que parecia não cessar, mesmo com o exílio para Manchester, foi interrompido pela morte de Alice Balint. Diante desse fato, Michael Balint se viu sozinho em uma cidade que ele não gostava e sua produção decaiu significativamente, mas mesmo assim, ele começou a frequentar a BPS e pouco a pouco, foi ganhando notoriedade.

A experiência em Londres teve relevância para Balint, pois ele participava de algumas reuniões em uma escola que estava discutindo justamente as relações objetivas e começava a se tornar referência sobre esse assunto. Entretanto, o dogmatismo apresentado por essa instituição incomodava muito o húngaro, que sempre se posicionou contra essa atitude. Essa experiência negativa o fez olhar diferente para Tavistock, onde parecia não haver um dogmatismo e representar um espaço em que poderia experimentar as suas ideias.

Quando conseguiu entrar em Tavistock, ele foi influenciado pelos trabalhos com as assistentes sociais e isso iniciou um novo recomeço da teoria de Balint. Ele se interessou muito pelas técnicas grupais e começou a adaptar tais técnicas pensando em um modelo que poderia ser aplicado pelos médicos. Nesse espaço, Enid, que viria a ser sua nova esposa, o auxiliou bastante.

Em Tavistock, o húngaro ouviu o relato de diversos médicos e também foi influenciado a seguirem um modelo de atendimento com embasamento na Psicanálise. Além disso, ele continuava na BPS e criticava duramente os modelos que ele encontrava. De acordo com Gurfinkel (2010), Balint mantinha uma boa relação de amizade com Melanie Klein e também com Anna Freud, mas desenvolveu uma visão crítica em relação a essas duas e também aos seus colegas do Grupo Independente.

Segundo Gurfinkel (2010), Balint criticava o futuro da psicanálise, partindo do pressuposto da existência de uma deficiência em relação ao treinamento dos analistas. Dessa maneira, embasado em Vilma Kóvacs e Ferenczi, defendeu que o analista do candidato à formação, deveria supervisionar os seus casos também no divã, ou seja, o analista deveria ser supervisor ao mesmo tempo. Além disso, criticou duramente o dogmatismo e defendeu que uma formação poderia ser iniciada em um local e terminada em outro, evitando assim uma IPA única e hegemônica.

Podemos perceber que Balint se preocupava e desaprovava os candidatos e analistas que exerciam relações de submissão e poder. Ele criticou que nas análises didáticas, existia um movimento de forçar o candidato a se identificar e a seguir com o seu iniciador. Com certeza, isso não era nada saudável ao ambiente psicanalítico.

Toda essa energia e vontade de mudança do húngaro, o fez ganhar reconhecimento no mundo médico, pois ele revolucionava a maneira de enxergar a relação médico-paciente. Assim, gradativamente ele foi ganhando reconhecimento e foi convidado a ministrar cursos e palestras, além de aulas, para fora da Inglaterra.

No campo conceitual, Balint se embasou em suas experiências clínicas e a regressão (tanto benigna como a maligna) foi um fator de importância para que ele criasse seus principais conceitos. Dessa maneira, o novo começo surgiu e se fortaleceu, tal como o amor primário, a falha básica, a área da criação, a ocnofilia e o filobatismo.

Essa sua maneira particular de enxergar a clínica e trabalhar com pacientes difíceis – considerados posteriormente como *borderlines* – representa uma importante contribuição para pensarmos nos modelos de pacientes atuais, que deixam analistas e terapeutas confusos.

Apontamos já a necessidade de se repensar a subjetividade atual que destoa das subjetividades apresentadas em épocas distintas como a de Freud, de Ferenczi, de Klein e do próprio Balint. Entretanto, é necessário considerar que esse último, muito influenciado por Ferenczi, desafiou e foi trabalhar justamente com os modelos de pacientes que se assemelham aos que foram apresentados pelas principais leituras psicanalíticas atuais, como percebemos em Birman (2009); Costa (1998); Figueiredo (2008), e; Hegenberg, (2000).

Diante disso, questionamos a razão de Balint não ser muito explorado nos meios psicanalíticos. Uma das pistas pode ser vista em Peixoto Junior (2013), já que ele apontou que o húngaro não criou uma escola psicanalítica e a questão doutrinária fugia de seu constructo, certamente auxiliando nesse esquecimento. Entretanto, é válido ressaltar que ele não tomou partido pelo lado de Freud ou de Klein ou de Anna Freud, ou melhor, ele representou um espírito livre dentro da Psicanálise. Se isso não bastasse, ele é considerado um seguidor de Ferenczi que entrou no ostracismo e, além disso, se desentendeu com Jones, que era uma grande influência da BPS e, conseqüentemente, na IPA.

É necessário apontarmos também uma necessidade que existe de se retornar aos textos balintianos para pensarmos na clínica atual. Acreditamos que esse espírito crítico de Balint deve aparecer para um desenvolvimento saudável psicanalítico, ofuscando os aspectos narcisistas que podem envolver os analistas, com seus candidatos ou pupilos como continuadores de suas “grandiosas” contribuições. Essa mesma característica crítica possibilitou Balint adentrar em uma linha de raciocínio de experimentações e de verificações de resultados muito importantes para a clínica atual. Afinal, parece ser impossível uma terapêutica desses pacientes sem considerar os diversos aspectos regressivos e também o manejo na atmosfera clínica que o húngaro tanto defendeu.

Particularmente, realizar essa pesquisa sobre esse autor nos exigiu um esforço considerável não somente pela necessidade de acessar diversos textos em outras línguas, mas também exigiu que repensássemos alguns aspectos cunhados por Freud que imaginávamos serem “intocáveis”, como a noção de narcisismo primário.

Além disso, o movimento pendular e espiralado do pensamento freudiano dificultaria ainda mais essa aceitação de uma existência desse tipo de narcisismo, porque ao modificarmos esse aspecto teórico de 1914, acabaríamos tendo que repensar todo o desenvolvimento posterior de Freud que envolvia direta ou indiretamente o narcisismo primário.

Entretanto, ao nos adentrarmos nas explicações balintianas de uma clínica e de uma teoria que são inseparáveis, conseguimos observar a noção de um objeto primário, permitindo uma nova compreensão de algumas questões psicanalíticas e também de um novo rumo que Balint começou a desenvolver.

Estudar esse autor foi bastante significativo, pois acreditamos que ele nos possibilitou um movimento de repensar a Psicanálise, para além do modelo freudiano. De acordo com Herrmann (2002), esse movimento é bastante difícil, mesmo quando consideramos autores como Lacan, Klein, Winnicott, entre outros. O problema dessa herança freudiana é justamente uma sensação de extrema dependência, que pode levar a uma imobilidade de pensamentos e, conseqüentemente, a uma ortodoxia. Portanto, analisar as obras de Balint nos possibilitou um olhar muito diferente em relação à Psicanálise e nos alertou que é necessário repensá-la com urgência, levando em consideração o nosso modelo subjetivo atual. Vale mencionar que isso não significa um abandono de Freud ou de outro autor clássico psicanalítico, mas sim um processo de autonomia em que se acata esses pensamentos clássicos e também o contexto, possibilitando uma maior elasticidade da Psicanálise em diferentes tempos.

Dessa maneira, diante do nosso interesse em compreender as teorias de um autor que, tal como seu mestre Ferenczi, apresentava um espírito livre para realizar experimentações psicanalíticas, acabamos nos deparando com outro grande interesse que girava em torno das contribuições de Balint no campo clínico. Esse relevante psicanalista acabou sendo pouco conhecido nos meios psicanalíticos, mas demonstra uma originalidade e um importante suporte para pensarmos nas práticas dos terapeutas e dos analistas.

Cabe apontar ainda que as ideias de Balint merecem uma maior atenção e está muito longe de serem esgotadas. Dentro do campo psicanalítico, é necessário pensarmos com mais cuidado a aplicação de seus conceitos, o que pode levar às críticas que ele sofreu de Lacan, por exemplo, tal como ainda podemos analisar as críticas que ele mesmo direcionou a outros autores, como Fairbairn. Além disso, ainda é possível realizar estudos mais direcionados que exigem um conhecimento mais específico, como no campo da Antropologia, da Biologia, da História ou até das Artes.

Por fim, não nos restam dúvidas de que Balint representou um importante novo começo para a Psicanálise, e essa tese pretende ser um facilitador de acesso a essa teoria, e também um

disparador para diversos novos começos para se pensar nos variados aspectos que compõem a teoria balintiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARMONY, N. S. Nas pegadas de Balint – Reflexões psicanalíticas de D. W. Winnicott. In : BEZERRA JUNIOR, B. ; ORTEGA, F. *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- BALINT, A. (1939). Love for the mother and mother-love. In: BALINT, M. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.
- BALINT, J. (1997). Balint como padre. In: RICAUD, M. M. *Michael Balint: El nuevo comienzo de la Escuela de Budapest*. Tradução de: Isabel Moreno Correa. Madrid: Síntesis, 2000.
- BALINT, M. (1952). *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.
- _____. (1956). *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1925). Perversion or a Hysterical Sympton? In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1927). I. P. Pavlov. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1930) Psychosexual Paralells to the Fundamental Law of Biogenetics. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1932) Character Analysis and New Beginning. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1933a) Dr. Sándor Ferenczi as Psycho-analyst. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1933b) The Psychological Problems of Growing Old. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1933c) Two Notes on the Erotic Component of the Ego-instincts. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1933d) On transference of Emotions. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1934a) The Adolescent's Fight against Masturbation. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1934b) A contribution on Fetichism. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1935a) The final goal of Psycho-analytic treatment. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1935b) Critical Notes on the Theory of the Pregonital Organizartion of the Libido. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1936) Eros and Aphrodite. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1937a). Early developmental states of the ego. Primary object-love. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1937b) A contribution to the Psychology of Menstruation. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1938). Strenght of the Ego and Ego-pedagogy. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1939). On transference and counter-transference. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. Londo : Maresfield Library, 1994.

_____. (1942). Contribution to reality testing. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1945). Individual differences of behaviour in early infancy and an objective method for recording them. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1947). On genital love. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1948a). Sándor Ferenczi. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*.New York: Liveright, 1973.

_____. (1948b), On Szondi's 'Schicksalanalyse' and 'Triebdiagnostik'. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*.New York: Liveright, 1973.

_____. (1949a) Changing therapeutical aims and techniques in psycho-analysis. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1949b). On the termination of analysis. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1951a). On love and hate. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1951b). On punishing offenders. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1952a). New beginning and the paranoid and the depressive syndromes. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1952b). Notes on the dissolution of object-representation in modern art. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1954a). Géza Róheim 1891-1953. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1954b). The life and ideas of Marquis de Sade. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1955a). Notes on Parapsychology and Parapsychological healing. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1955b). The doctor, his patient and the illness. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1956a). Pleasure, object and libido. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1956b). Sex and society. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1956c). *O médico, o seu doente e a doença*. Lisboa: Climepsi, 1998.

_____. (1959). *Thrills and regressions*. Londres: Maresfield Library, 1987.

_____. (1968). *A Falha Básica: aspectos terapêuticos da regressão*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

_____.; ORNSTEIN, P. H.; BALINT, E. (1972). *Psicoterapia focal: terapia breve para psicanalistas*. Modelo desarrollado en la Clínica Tavistock. Tradução de Victor Fischman. Barcelona: Gedisa, 2006.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

_____. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOELICH, W. (org.). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Tradução de Flavio Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BRABANT GERÖ, E. Hungria. In: MIJOLLA, A. (org.). *Dicionário internacional da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

CASADORE, M. M. *Sándor Ferenczi e a Psicanálise: pela errância das experimentações*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

_____. *A Escola Húngara de Psicanálise e sua influência na constituição e desenvolvimento do movimento psicanalítico*. 2014. 124 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2014.

CORRESPONDANCE Ernest Jones/Michael Balint Avril 1938-janvier 1958 », *Le Coq-héron*. Paris: Eres v.2, n. 177, p. 25-88, 2004.

COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GURFINKEL, D. Balint e a formação psicanalítica. *Percurso*. Revista de Psicanálise, São Paulo, n.45, 2010.

EROS, F.; SZEKACS-WEISZ, J.; ROBINSON, K. (editores). *Sándor Ferenczi – Ernest Jones: letters 1911-1933*. Tradução de Beate Schumacher. Londres: Karnac Books, 2013.

FAIRBAIRN, W. R. D. (1957). Fairbairn's Reply to the Comments of Balint, Foulkes, and Sutherland. *The British Journal for the Philosophy of Science*, 7(28), 333-338. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/685115>>

FALZEDER, E., BRABANT, E. & GIAMPIERI, P. (Orgs.). Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: Correspondência. Volume 1, Tomo 1 (1908-1911). Tradução de Cláudia Cavalcanti e Susana Lages. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

FALZEDER, E., BRABANT, E. & GIAMPIERI, P. (Orgs.). Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: Correspondência. Volume 1, Tomo 2 (1912-1914). Tradução de Cláudia Cavalcanti e Susana Lages. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

FENICHEL, O. *Teoria Psicanalítica das neuroses*. Tradução de Samuel Penna Reis. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

FERENCZI, S. (1924). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. (1921) .Para compreender as psiconeuroses de envelhecimento. In: *Obras Completas de Sándor Ferenczi*, Tomo III. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____. (1933) Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: _____. *Psicanálise IV*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FIGUEIREDO, L. C.; TAMBURRINO, G.; RIBEIRO, M. R. *Balint em sete lições*. São Paulo: Escuta, 2012.

FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2008.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, monstros e guerras da tradição greco-romana*. 9 ed. Porto Alegre: L & PM, 2007.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1895). Estudos sobre histeria. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol I

_____. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago 1986.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol I

_____. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XI

_____. (1911). O caso Schreber. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XII

_____. (1913 [1912]). Totem e Tabu. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIII

_____. (1914a) A história do movimento psicanalítico. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIV

_____. (1914b). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIV

_____. (1916[1915]). A transitoriedade. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIV

_____. (1917). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVI

_____. (1918). História de uma neurose infantil. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVII

_____. (1919[1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVII

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVIII

_____. (1923). O ego e o id. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIX

_____. (1924a) Neurose e Psicose. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIX

_____. (1924b) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIX

_____. (1926) Inibições, sintomas e ansiedades. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XX

_____. (1927). O Futuro de uma ilusão. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XXI

_____. (1938). Esboço de Psicanálise. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIII

_____. (1939). Moisés e o monoteísmo. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XXIII. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XXIII

- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GELLY, R. Aspectos Teóricos do Movimento Balint. In: MISSENARD, A et al. *A Experiência Balint: história e atualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1994.
- HAECKEL, E. *O monismo*. Porto: Chardon, 1908.
- HAYNAL, A. *A técnica em questão: controvérsias em psicanálise – de Freud e Ferenczi a Michael Balint*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- HEGENBERG, M. *Borderlines*. São Paulo: Casa do Psicólogo 2000.
- HERRMANN, F. *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2002.
- HORNSTEIN, L. *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1989.
- JUDT, T. *Pós-guerra – História da Europa desde 1945*. Tradução de José Roberto O’Shea Lisboa: Edições 70, 2007.
- JONES, E. (1957). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Iago, 1989. v. 3.
- JULIEN, N. *Dicionário Rideel de Mitologia*. São Paulo: Rideel, 2005.
- KING, P.; STEINER, R. *Las controvérsias Anna Freud – Melanie Klein (1941-1945)*. Tradução de María Jesús Alcamí Pertejo. Madrid: Síntesis, 2003.
- KORDA, M. *Com asas de águia: uma história da batalha da Inglaterra*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LACAN, J. (1954). *O Seminário , livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LAKASING, E. Michael Balint – an outstanding medical life. *British Journal of General Practice*. London, Royal College of General Practitioners, v. 55, n. 518, set. 2005.
- MARTINS, L. A. C. P. Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso. In: MARTINS, R. A.; MARTINS L. A. C. P. ; SILVA, C. C. ; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da Ciência no Cone Sul: 3º encontro*. Campinas: AFHIC, 2004.
- MÉLÈSE, L. Balin after Lacan... and after. In: *The american journal of psychoanalysis*. N 1, março de 2002.
- MESZÁROS, J. *Ferenczi and beyond: exile of the Budapest School and solidarity in the psychoanalytic movement during the Nazi Years*. Londres: Karnac Books, 2014.

- MEZAN, R. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- MOLNÁR, M. *A concise history of Hungary*. Tradução de Anna Magyar. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MONZANI, L. R. *Freud: O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MONTGOMERY, J. F. *Hungria: satélite contra a vontade*. Tradução de Tibor Rabóczkay. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 1999.
- ORNSTEIN, P. (1992). Como ler a falha básica?. In: BALINT, M. *A Falha Básica: aspectos terapêuticos da regressão*. São Paulo: Zagodoni, 2014.
- PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Michael Balint: a originalidade de uma trajetória psicanalítica*. Rio de Janeiro: Revinter, 2013.
- PINES, M. Grã-Bretanha. In: MIJOLLA, A. (org.). *Dicionário internacional da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília. Editora da UnB, 1982.
- RICAUD, M. M. *Michael Balint: El nuevo comienzo de la Escuela de Budapest*. Tradução de: Isabel Moreno Correa. Madrid: Síntesis, 2000.
- _____. Healing boredom: Ferenczi and his circle of literary friends. In: SZEKACS-WEISZ, J. KEVE, T. (editores). *Ferenci and his world: Rekindling the spirit of the Budapest School*. Londres: Karnac Books, 2012.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- RUDNYTSKY, P. L. Series Editor's Foreword. In: EROS, F.; SZEKACS-WEISZ, J.; ROBINSON, K. (editores). *Sándor Ferenczi – Ernest Jones: letters 1911-1933*. Tradução de Beate Schumacher. Londres: Karnac Books, 2013.
- _____. *Em defesa da Psicanálise: ensaios e entrevistas*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- SCHARFF, D. Our history. In: _____. Tavistock relationships. Disponível em <<http://www.tavistockrelationships.ac.uk/about-us/our-history>>, 1993.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna*. 9 ed. Tradução de Marília de Moura Zanella e Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SHIOZAKI, M. P. S. *O sentimento de vazio: reflexões psicanalíticas na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2012.

STEWART, H. *Michael Balint: Object Relations Pure and Applied*. Cornwall: Routledge, 2007.

STONE, M. H. *Personality-disordered patients: treatable and untreatable*. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2006.

SULLOWAY, F. J. *Freud biologist of the mind*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

TRIPICCHIO, A. Pequena biografia de Leopold Szondi. In: *redepsi*. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2007/09/07/pequena-biografia-de-leopold-szondi/>>.

WINNICOTT, D. W. *O gesto espontâneo*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2005.